

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA  
LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

Rafael Junior de Oliveira

***AS FAKE NEWS DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DO BRASIL,  
EM 2018, E OS ATOS RESPONSÁVEIS: UM OLHAR BAKHTINIANO.***

São João del-Rei

2021

**Rafael Junior de Oliveira**

**AS *FAKE NEWS* DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DO BRASIL,  
EM 2018, E OS *ATOS RESPONSÁVEIS*: UM OLHAR BAKHTINIANO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras – PROMEL – Teoria Literária e Crítica da Cultura, da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ –, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Discurso e Representação Social

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção

São João del-Rei

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O136 Oliveira, Rafael Junior de .  
AS FAKE NEWS DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DO  
BRASIL, EM 2018, E OS ATOS RESPONSÁVEIS: UM OLHAR  
BAKHTINIANO. / Rafael Junior de Oliveira ;  
orientador Antônio Luiz Assunção. -- São João del-Rei,  
2021.  
133 p.

Dissertação (Mestrado - Letras) -- Universidade  
Federal de São João del-Rei, 2021.

1. Círculo de Bakhtin. 2. Emulação. 3. Fake news.  
4. Eleições de 2018. I. Assunção, Antônio Luiz, orient.  
II. Título.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da CAPES ou do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei.

*A maior riqueza do homem é a sua incompletude.*

*Nesse ponto sou abastado.*

*Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,*

*que puxa válvulas, que olha o relógio,*

*que compra o pão às 6 horas da tarde,*

*que vai lá fora,*

*que aponta o lápis,*

*que vê a uva etc.etc.*

*Perdoai.*

*Mas preciso ser Outros.*

*Eu penso renovar o homem usando borboletas*

*Manoel de Barros (1996 [Retrato do artista quando coisa], p. 79)*

## RESUMO

A presente dissertação é o resultado de uma pesquisa desenvolvida durante o período de 2018-2020 no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei acerca das *fake news*. O problema de pesquisa abordado é constituído pela descrição superficial que a mídia jornalística faz das *fake news*, considerando fenômenos diferentes como se fossem um único processo. Conseqüentemente, isto resulta em análises e interpretações de *fake news* sem critérios enunciativos bem definidos e claros, sendo os jornais os principais responsáveis por essa não caracterização, visto que não explicam seu(s) critério(s) na nomeação de uma enunciação enquanto *fake news*. O que as atuais *fake news* evidenciam é o processo alteritário apoiado em um *pathos* que se forma entre *sujeito-enunciador* e *sujeito-interlocutor*, o que nos possibilita analisar o fenômeno das *fake news* à luz das discussões do Círculo de Bakhtin, sob uma perspectiva dialético-dialógica. Assim, esse trabalho se justifica em virtude da descrição jornalística pouco criteriosa dos *enunciados-fake-news* ter possibilitado, como analisamos nessa dissertação, que *sujeitos-candidatos-à-presidência-do-Brasil* se colocassem no lugar de *sujeito-jornalista* para *emularem* uma informação falsa enquanto verdadeira. Logo, o objetivo nesta dissertação é analisar, a partir da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, especialmente, sob o prisma da *pravda* e *istina*, os processos *responsivos* pelos quais os *sujeitos* candidatos à presidência do Brasil emularam *enunciados-fake-news* nas eleições de 2018. Metodologicamente, no escopo da campanha política de 2018, recortamos os *enunciados* de dois *sujeitos-candidatos*, em dois acontecimentos diferentes, sendo que ambos foram noticiados pelos meios jornalísticos como sendo *fake news*. Além disso, a fim de descrever e interpretar o processo enunciativo dos *sujeitos-candidatos* que criam esses *enunciados-fakes*, estabelecemos três critérios para definir as *fake news* e separá-las de outros processos enunciativos. Com relação ao aporte teórico, partimos de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin para estabelecermos diálogo com outras teorias de linguagem, como Roxo e Melo (2018) e Alcott e Gentzkow (2017). Esse diálogo nos levou a assumir a *fake news*, no escopo dos objetos analisados, enquanto um processo de *emulação* de um *enunciado intencionalmente falso, verificável e com propósito de enganar o eleitor enquanto gênero-notícia*. O resultado final das análises evidenciou, com base nos critérios supracitados e em um dos objetivos específicos, que em apenas um dos eventos analisados houve, de fato, a enunciação de uma *fake news*, sendo que o outro evento não apresenta as mesmas características enunciativas.

**Palavras-chaves:** Círculo de Bakhtin; emulação; *fake news*; eleições de 2018;

## ABSTRACT

The present thesis is a result of a research developed between 2018 and 2020 on Letters Master's Degree Program at Federal University of São João del-Rei about of a *fake news*. The research problem addressed is constituted by the superficial description that the journalistic media makes of *fake news*, considering different language phenomena as if they were a single process. Hence, this results in analyzes and interpretations of *fake news* without well-defined and clear enunciative criteria, with newspapers being the main responsible for this non-characterization, since they do not explain their criterion (s) in the naming of utterances as *fake news*. What the recent *fake news* point out is the alteritarian and passionate process that forms between *subject-utterancer* and *subject-interlocutor*, which allows us to analyze the *fake news* phenomenon based on the theoretical discussion of Bakhtin's Circle, in a dialectic-dialogic way. Thus, this thesis is justified due to the non-careful journalistic description of *fake news* statements to have made it possible, as we analyzed in this paper, that subject-candidates-to-the-presidency-of-Brazil put themselves in subject-journalist place to emulate false information as true ones. Hence, we aim on this paper to analyze, based on Bakhtin Circle's philosophy of language, especially, through *pravda* and *istina* concepts, the *responsive* process in which candidates for the presidency of Brazil emulate *fake news* in the 2018 elections. Methodologically, from the 2018 candidates' campaign, we selected two utterances of two *candidates-subject*, in two different events, since both were reported by news media as being *fake news*. Furthermore, in order to describe and interpret the utterancy process of the presidency-candidates that created these utterance-fake, we settled three criteria to define the fake news and distinguish them from others enunciative processes. About the theoretical reference, we start from Bakhtin and the Circle of Bakhtin discussions about language to settle a dialog with others language theories, such as Roxo and Melo (2018) and Alcott and Gentzkow (2017), which allowed us to conceive fake news as a news intentionally false, verifiable and with aim to mislead the electors by emulating as a true news. The ultimate result of our analyze point out, based in criteria aforementioned and in one of our specific objectives, that in only one event analyzed there is, indeed, a production of a fake news, whereas the other utterance does not exhibit the same enunciative characteristics.

**Keywords:** Circle of Bakhtin; Emulation; *Fake news*; 2018 elections;

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CB- Círculo de Bakhtin**

**CD- Candidato Cabo Daciolo**

**CG- Candidato Ciro Gomes**

**LGBTQIA+ - Lésbica, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, +**

**JB- Candidato Jair Bolsonaro**

**JN- Jornal Nacional**

**PDT- Partido Democrático Trabalhista**

**PSL- Partido Social Liberal**

**PT- Partido dos Trabalhadores**

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| 1. Introdução.....   | 9   |
| 2. Objetivo geral.....   | 15  |
| 2.1. Objetivos específicos .....   | 15  |
| 3. Procedimentos e concepções teórico-metodológicas.....                             | 16  |
| 3.1. O <i>sujeito</i> e o <i>ato de enunciar</i> .....                               | 22  |
| 3.2. A verdade produzida na relação intersubjetiva: <i>pravda &amp; istina</i> ..... | 27  |
| 3.3. O <i>enunciado/enunciação</i> a partir de Bakhtin .....                         | 36  |
| 3.4. Os <i>enunciados fake news</i> .....  | 38  |
| 3.5. As <i>fake news</i> nas eleições presidenciais de 2018.....                     | 49  |
| 4. Análise.....  | 50  |
| 4.1. A URSAL .....   | 50  |
| 4.1.1. A enunciação no Debate .....  | 56  |
| 4.1.2. A <i>pravda</i> e o <i>ato responsável</i> no caso URSAL.....                 | 74  |
| 4.2. O KIT GAY no Jornal Nacional.....   | 79  |
| 4.2.1. A enunciação na entrevista no Jornal Nacional .....                           | 89  |
| 4.2.2. A <i>pravda</i> e os <i>atos responsáveis</i> .....                           | 112 |
| 5. Considerações finais.....   | 117 |
| Referências bibliográficas .....   | 117 |

## 1. INTRODUÇÃO

Sob um ponto de vista dialético e dialógico, o campo da linguagem se constitui enquanto *arena* de lutas ideológicas, jurídicas, políticas, enfim, sociais, se considerarmos que a linguagem constitui e é constituída pelos *sujeitos*<sup>1</sup> na interação entre eles. Dessa perspectiva bakhtiniana, são produzidos, axiologicamente, discursos, *enunciados* e, conseqüentemente, *verdades* e *mentiras* nesse jogo entre *quem diz* e *quem escuta*. Essas construções axiológicas de produção e de recepção de verdades e mentiras, por sua vez, estão sempre em processo de acabamento, situando-se em um *cronotopo* (*tempo-espaço*) específico e sendo reformuladas de tempos em tempos, seja pelo mesmo grupo que as criou, seja por outro grupo, visto que tais construções, a depender das condições materiais do grupo, se tornam *signos ideológicos*.

Esse entendimento e aposta feito por Bakhtin e pelo Círculo de Bakhtin é fundamental para a análise aqui proposta. Por exemplo, se analisarmos o relativamente recente processo de independência de Angola sob esse viés bakhtiniano, constataremos que o processo que por um lado (do colonizador) foi chamado de guerra colonial, por outro lado (colonizado), também foi chamado de guerra de independência. Existem, contudo, outras nuances nesse exemplo, pois a produção de sentido não é feita de maneira binária, mesmo que em certos cenários políticos e históricos duas grandes ideologias se enfrentem de maneira mais expressiva.

O nosso objetivo com esse exemplo é identificar que há um mecanismo *espaço-temporal* de construção de *verdades* e *mentiras* que atua na construção dos *enunciados*. Essa discussão, que transpomos do plano da literatura para o campo do discurso, baseando-nos nas reflexões de Bakhtin (2018), explicita que, a noção de *tempo-espaço* na qual os membros do Círculo apostam, que é embasada na palestra que Bakhtin assistiu do biólogo Ukhtómski, que utilizava da teoria da relatividade para pensar o *tempo-espaço* na biologia, não é nem abstrata, nem transparente, pois trata-se, antes de tudo, de um *tempo-espaço* composto de relações sociais, políticas, culturais e ideológicas. Em Bakhtin (2018), o autor afirma que retira a noção de *cronotopos* da teoria da relatividade para os estudos literários quase como uma metáfora, mas não inteiramente. O filósofo russo busca elucidar o que ele chama de inseparabilidade entre *tempo* e *espaço* na constituição dos

---

<sup>1</sup> O conceito de sujeito será desenvolvido no tópico *O sujeito e o ato de enunciar*, mas podemos, já neste momento, traçar uma diferença entre sujeito e indivíduo (indivisível), sendo que este último se restringe à unidade biológica que constitui o homem e o primeiro está ligado ao lugar social no mundo que este indivíduo ocupa. Por exemplo, um indivíduo homem, na posição de sujeito-autor, pode elaborar um romance no qual o herói (protagonista) seja uma mulher, pois ser mulher, neste caso, é uma posição simbólica ou um lugar no mundo a partir do qual se enuncia (sujeito-mulher, sujeito-professor, sujeito-aluno, sujeito-pai etc.) ética e esteticamente.

personagens/heróis, o que ele vai mostrando durante sua crítica que se inicia no romance grego e culmina com o que ele chama de *cronotopos* rabelaisiano.

Retomando a questão da verdade, há que termos cuidado para que esse raciocínio acerca dos *cronotopos* não signifique que estamos fadados à premissa de que cada *sujeito* constrói sua verdade/mentira independentemente das relações axiológicas-ideológicas do lugar no mundo no qual ele ocupa. O elemento social é fundante, como aponta Volóchinov (2017). O que acontece, de fato, é que cada *esfera de atividade humana* elabora, historicamente, artifícios (ideológicos-axiológicos) para determinar um *enunciado* enquanto verídico ou falso em relação aos seus parâmetros, que muitas vezes não levam em consideração a informação ou o conteúdo proposicional do enunciado propriamente dito, mas o *pathos* desse enunciado dito por alguém legitimado.

Desse modo, uma mesma materialidade *sígnica* pode possuir construções simbólicas/validações diferentes a depender da *esfera de atividade humana* (científica, religiosa, política etc.) na qual o sujeito se baseia para fazer uma dada valoração. Por exemplo, podemos citar o paradigma acerca da existência ou não de uma entidade cósmica que criou o ser humano à sua imagem e semelhança. Veja que, um mesmo conteúdo proposicional (exemplo: Deus(es) existe(m)) pode produzir um *sentido* x em uma *esfera religiosa* e um *sentido* y em uma *esfera científica*, já que cada uma possui especificidades discursivas que constituem o processo de produção de sentido dentro de cada *esfera de atividade humana*. Para o nosso exemplo, não se trata de constatar se existe ou não existe essa entidade em si, mas, sim, de analisar as diferentes representações criadas em diferentes *esferas* e os sentidos produzidos pelos sujeitos. De um ponto de vista bakhtiniano, em ambas as esferas há construção de um *signo ideológico*<sup>2</sup> e o intercâmbio enunciativo (diálogo entre representações diferentes, sempre retomando e suscitando novas representações) entre esses *signos* é necessário, seja para o *sujeito* se contrapor ao dizer/signo do *outro*, seja para reafirmar e/ou legitimar um dado dizer.

Atuando nesse processo de construção *sígnica* e *cronotópica*, os meios de comunicação modernos – a televisão, a rádio e a própria internet – contribuem, efetivamente, para a criação de notícias falsas e sua divulgação, isto é, as *fake news*. De acordo com Hall (2010), os *meios de comunicação* atuam, precisamente, no processo de

---

<sup>2</sup> Para o Círculo de Bakhtin, o *sujeito* só interage na e pela linguagem, mas isso não significa que tudo seja *signo ideológico*. O autor destaca que a foice e o martelo são objetos de uso cotidiano (instrumentos (VOLÓCHINOV, 2017, p.92)), principalmente, nas atividades laborais dos trabalhadores do campo. Porém, na medida em que esses dois objetos se entrecruzam em uma bandeira, representando uma aliança dos trabalhadores contra as opressões dos patrões, tais objetos, juntos, tornam-se um *signo ideológico* e, logo, sua caracterização ou sua produção de sentido (axiológico) passa a ser disputado no embate entre ideologias.

construção axio-ideológica (sentido) por meio de uma *tendência*, isto é, uma perspectiva de mundo, visto que são constituídos pela realidade social dos embates entre ideologias. Ao submeter o conceito de meio de comunicação de Hall (2010) a um escrutínio bakhtiniano, podemos dizer que se trata de um processo de produção de sentido *ativo* tanto na produção quanto na recepção, sendo que em nenhuma das duas instâncias há uma técnica ou um conjunto de técnicas e procedimentos que conseguem apagar por completo o lugar social, cultural e político, seja do *sujeito-enunciador* (jornalista com sua ideologia), seja do *sujeito-enunciatário* (leitor com sua ideologia).

Apesar da inescapável *tendência*, postulada por Hall (2010) e investigada, de certo modo, por Castro-Dias e Villarta-Neder (2018) sob uma perspectiva bakhtiniana, a própria *esfera jornalística* assume para si o compromisso ético-profissional de apurar os fatos ao apresentar ou divulgar notícias de *outrem*, como mostra o código de ética (FENAJ, 2020). O que nos parece importante, no tocante a essa discussão, é a relação de regulação ou controle embutidos nesse código de ética, que muitas vezes não se realiza de fato. E essa não-realização, resultante do processo de funcionamento social (ideológico, político, cultural etc.) dos *meios de comunicação*, pode ser, inclusive, propícia para o desenvolvimento sistêmico de notícias falsas, pois apesar de irromper com o código de ética citado acima, os *meio de comunicação* tanto podem criar um ambiente que leve o *páthos* (o *emotivo-volitivo*) como o único ou o mais valorizado parâmetro na análise da veracidade do enunciado, quanto podem legitimar essa notícia falsa criada nesse ambiente não refutando a mesma – um consentimento que é, ao nosso ver, ativo.

De acordo com uma matéria publicada no *The New York Times* (*meio de comunicação*), no dia 17 de outubro de 2018 (TARDÁGUILA et al., 2018), as *fake news* ameaçavam a eleição presidencial brasileira daquele ano, visto que tais notícias, além de falsas, estavam se propagando de maneira exponencial, sem controle e com grande alcance. Alçando o *WhatsApp* e o *Facebook* como os principais meios de propagação dessas notícias falsas, a matéria defendia um maior controle dessas mídias, especificamente do *WhatsApp*, para impedir maiores danos às eleições daquele ano. Em certo sentido, tal alarde já havia sido feito por uma matéria publicada na BBC-Brasil no dia 5 de outubro de 2018. O artigo de opinião (GRAGNANI, 2018), que se baseou em um relatório de atividades, apresentou o relato de como o dia a dia de um membro de um grupo de *Whatsapp* era repleto de informações falsas e de ataques aos meios de comunicação. A matéria publicada no *The Guardian* no dia 10 de outubro (PHILLIP, 2018) comparava essa situação de envio de informações falsas a um tsunami, uma metáfora sobre como tais *fake news* estavam levando, por água abaixo, a realização da disputa eleitoral honesta.

Tais matérias jornalísticas parecem indicar, assim, que, seja do ponto de vista nacional (brasileiro), seja do ponto de vista internacional, as *fake news* ocuparam lugar de destaque no que tange à discussão sobre as eleições presidenciais para cargo máximo do poder executivo brasileiro em 2018.

Salientamos, e esse é na verdade o pontapé para o desenvolvimento deste trabalho, que não encontramos uma definição concisa e comum entre os *meios de comunicação* acerca do fenômeno das *fake news*, ou seja, o que é? Como se caracteriza? Quem pode criar uma *fake news*? Que relações se constroem entre os sujeitos em interação com tais enunciados fakes?

Neste trabalho, recortamos, dentre as variadas *fake news* criadas por candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018, como vemos documentado em Assis (2018), Band Jornalismo (2018), Ferreira (2018), Jornal Nacional (2018), Nassif (2018), e dos diversos meios pelos quais elas foram divulgadas, as notícias falsas enunciadas por dois *sujeitos-candidatos* de alinhamentos político-ideológicos distintos. O material de análise é composto por um debate e uma entrevista, sendo que ambos foram transmitidos via internet (on-line). Apesar de levantarmos matérias e artigos, nacionais e internacionais, que demonstram a importância do fenômeno das *fakes news*, justificaremos, detalhadamente, a escolha desse objeto mais à frente. Metodologicamente, essa é uma pesquisa *descritivo-correlativo-interpretativista*, na qual nos utilizamos do processo de *correlacionamento* de enunciados para analisar os *atos responsáveis* e *responsivos* que compõem a cadeia enunciativa dos *enunciados recortados*.

O nosso objetivo neste trabalho é analisar o processo de construção de *fake news* de dois candidatos à presidência do Brasil de 2018 sob o prisma das atitudes *responsivas* estabelecidas entre os *sujeitos-candidatos*, levando em conta os *efeitos ideológicos* produzidos pelos *meios de comunicação*, que também participam do processo de enunciação de uma verdade (*pravda*).

Pode-se dizer que, paradigmaticamente, o arcabouço teórico que guia esse trabalho é o campo da filosofia da linguagem bakhtiniana, pois os estudos do Círculo de Bakhtin (doravante CB) permitem-nos refletir sobre a constituição dos *sujeitos* (candidatos à presidência do Brasil), seus *projetos de dizer*, seus *atos responsáveis* e os efeitos da relação construída entre *sujeito-enunciado-interlocutor*.

Nos baseamos especificamente nas obras de Bakhtin (2011, 2016) e do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1993, 2010; VOLÓCHINOV, 2013, 2017). Essa separação deve-se ao fato de as últimas obras de Bakhtin se desenvolverem após o encerramento do Círculo

de Bakhtin, que sofreu forte perseguição do governo stalinista. Estas obras formam a base teórica assumida neste trabalho, mas outras vozes também compõem e contribuem para o desenvolvimento de nossa pesquisa, apontando novas questões que podem, inclusive, nos levar a repensar certos elementos da base teórica escolhida (bakhtiniana). De maneira interdisciplinar, o que é um algo bem-vindo na perspectiva bakhtiniana, propomos um diálogo que entre alguns autores do jornalismo (ALCOTT; GENTZKOW, 2017; BARRAGÁN, 2018; DARNTON, 2017; MENDER, 2019; ROXO; MELO, 2018) e a linguística weinrichiana (WEINRICH, 2017), formando um arcabouço teórico que contribui na análise da produção das *fake news* enquanto *projeto de dizer* produzido entre *sujeitos* em (inter)ação com outros sujeitos. Todos esses autores discutem, em comum, a questão das *fake news*, mesmo utilizando nomes diferentes para esse fenômeno e usando ferramentas teórico-metodológicas diferentes.

Para fins introdutórios, podemos afirmar que essa relação entre *sujeito* e *cronotopo* é um processo constitutivo, isto é, inescapável, pois a construção de *signos ideológicos* realiza-se entre *sujeitos* e em determinados *cronotopos*, o que cria uma historicidade entre tais processos. Deste modo, podemos, baseando-nos na filosofia bakhtiniana de linguagem, já nos estabelecer sob o ponto de vista que considera que um dizer comporta bem mais do que um status de verdadeiro ou falso, pois a *avaliação* e a *valoração* só se constroem na *arena* de disputa de *sentidos*.

Refletir sobre esse processo avaliativo de produção de sentido na relação *meios de comunicação/fake news/sujeitos* é importante, pois, os *novos meios de comunicação*<sup>3</sup>, precisamente as redes sociais, assumem novas composições, novas formas de produção e divulgação de conhecimentos, enfim, participam do processo de produção de novas subjetividades e, conseqüentemente, novas relações de produção de sentido. Vale dizer que, atualmente, as redes sociais e as plataformas de compartilhamento de vídeos, sendo a televisão também uma dessas plataformas, são utilizadas, inclusive, para declarações oficiais de presidentes, governadores, prefeitos etc., no Brasil e no mundo. Porém, diante desse uso cada vez mais amplo dos diferentes *meios de comunicação* e da falta de uma *literacia digital*, como defini Delmazo e Valente (2018, p.166) acerca dessas tecnologias, sujeitos de diferentes espectros político-ideológicos emulam o fazer jornalístico e, mais ainda, gozam, sob o ponto de vista afetivo de um grupo específico de leitores, da credibilidade que essa *esfera de atividade humana* possui, formando um aspecto complexo

---

<sup>3</sup> O livro *Sin garantías: Trayectorias e problemáticas em estudios culturales* foi escrito na década de 1980, isto é, antes do advento da internet ou, sendo mais criterioso, antes da expansão/acesso da internet pela maioria das pessoas. Deste modo, os meios de comunicação discutidos por Hall se restringiam à rádio, à televisão e aos jornais.

da comunicação discursiva na sociedade brasileira contemporânea. Consequentemente, ao nosso ver, um aspecto que impacta na produção das *fake news* é a sua divulgação, que, devido aos *meios de comunicação* (Televisão (on-line), Rádio (on-line), Facebook, WhatsApp, Twitter etc.) e suas formas de distribuição de conteúdo, alcança um público maior se comparado com as tecnologias existentes no século XIX e XX<sup>4</sup>. Não estamos trabalhando aqui com a ideia de *meios de comunicação de massa*, que exclui a *responsabilidade do sujeito-telespectador*, visto que tal concepção é não só generalizadora como também totalizante. Adotamos, nessa dissertação, a noção de *esfera de atividade humana* ou *campo de atividade humana* por nos permitir conceituar os *meios de comunicação* modernos e seus enunciados enquanto um dos elementos que compõem o vasto gradiente de discursos jornalísticos. Trata-se de percebermos os meios de comunicação com os sujeitos, locutores e interlocutores, que criam e comentam, ao mesmo tempo, práticas sociais outras.

Essa introdução é fundamental, pois, ao nosso ver, a *esfera jornalística* se esforça em limitar, quando isso ocorre, a determinar apenas se uma informação é falsa ou verdadeira, por meio de documentos oficiais, entrevistas, relatórios etc., isto é, criando um efeito de desconsideração de grande parte dos elementos discursivos que estão presentes no ato de enunciar. Neste trabalho, por outro lado, objetivamos evidenciar não só quem diz (*sujeito-presidenciável*) e o seu projeto de dizer, mas observar o *acontecimento* (BAKHTIN, 1993) daquele sujeito realizando aquele projeto de dizer, pois a relação de construção de *sentido* se comporta, numa perspectiva bakhtiniana, nesses processos.

---

<sup>4</sup> Trata-se de um grupo maior, mas ainda assim específico. São pessoas de diferentes regiões geográficas, mas que compartilham determinados sistemas de crenças e valores que legitimam uma determinada informação falsa enquanto verdadeira, pois, aceitar ou não procurar verificar se uma dada informação é falsa, compartilhando-a nas suas redes com amigos, exibiu um nível de legitimação e de aceitação no portador anterior da informação demasiadamente grande.

## 2. OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é analisar, a partir da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, especialmente, sob o prisma da *pravda* e *istina*, os processos *responsivos* pelos quais dois *sujeitos* candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018 constroem *fake news*.

### 2.1. Objetivos específicos

- Descrever e refletir sobre o conceito teórico/epistemológico bakhtiniano de *verdade* (*istina* e *pravda*) e sua relação com as *fake news*;
- Estabelecer um diálogo, a partir da perspectiva bakhtiniana, entre a discussão sobre *verdade* feito pelo campo do jornalismo e a discussão sobre verdade feita pelo campo da linguística;
- Analisar as declarações de dois *sujeitos-candidatos* à presidência da República Federativa do Brasil nas eleições de 2018, construindo critérios metodológicos para investigarmos se são *fake news* ou não, e os *projetos de dizer* envolvidos nessas enunciações;
- Analisar como os *atos responsáveis/responsivos* instauram os *sujeitos-candidatos* à presidência do Brasil em um *tempo-espaço* específico, produzindo, a partir de seus *projetos de dizeres*, uns *sentidos* e não outros, em um *acontecimento singular*.

### 3. PROCEDIMENTOS E CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Bakhtin (2011), ao discutir a pesquisa no campo das ciências humanas, chama atenção para o que ele entende ser o processo de *correlacionamento* ou *cotejo*, como nomeia GEGE (2013). Na perspectiva bakhtiniana, o ato de *cotejar* enunciados é dialógico e constitutivo do *sujeito-pesquisador* no campo das ciências humanas, pois trata-se de um ato, também, de interpretação, se entendermos que interpretar algo é estabelecer uma relação entre um *eu*, que diz algo, e um *outro*, que escuta ativamente, na produção de sentido(s). Por conseguinte, para realizar tal processo, sob uma perspectiva acadêmica, é necessário descrever os objetos/enunciados ou os sujeitos de análise para que possamos estabelecer uma *correlação* entre, no mínimo, dois ou mais pontos. Observando esses três aspectos, propomos, neste trabalho, utilizar a metodologia do *cotejo*, o que entendemos ser um modelo *descritivo-correlativo-interpretativista* de análise.

Primeiramente, a escolha dos dois objetos de análise se deu com base no acesso, pois ambos foram discursos televisionados em canais abertos de televisão.

O segundo critério utilizado é a paridade analítica (mesmos critérios para diferentes *corpora*) e pluralidade ideológica (diferentes posicionamentos ideológicos), pois selecionamos dois *sujeito-candidato-à-presidência* da República, de partidos políticos diferentes, com *projetos de dizer diferentes*.

De modo assertivo, destacamos que, para uma maior transparência na coleta e na interpretação dos dados, os endereços eletrônicos (links) de acesso aos objetos analisados encontram-se nas referências, sendo o *corpus 1* composto por um debate realizado pela emissora de televisão Rede Bandeirantes, no dia 9 de agosto de 2018, e o *corpus 2* composto por uma entrevista concedida por um dos candidatos ao cargo de presidência da República do Brasil à emissora Rede Globo, no dia 28 de agosto de 2018. Apresentaremos os enunciados dos dois candidatos por meio de seus conteúdos verbais e por meio de *frames* dos vídeos, que são fotogramas colocados sequencialmente de modo a aludir, mesmo que minimamente, à situação real na qual um enunciado foi materializado, o que envolve analisar mais do que especificamente o aspecto verbal.

Analiticamente, nossa pesquisa é de cunho qualitativo, apesar de envolver análise de mais de uma declaração falsa, sendo dita por mais de um candidato à presidência, em meios de comunicação diferentes.

Levando em consideração os recortes feitos, julgamos necessário apresentar o motivo da escolha de tais aspectos. A esfera jornalística brasileira possui um código de ética com 19 artigos (FENAJ, 2020) que, em geral, delineia a atuação profissional e determina os

valores éticos que guiam a categoria, como: a imparcialidade, o dever de retificar informações que se relevem falsas ou inexatas, a presunção de inocência, entre outros. Contudo, como aponta Castro-Dias e Villarta-Neder (2018), após analisar dois jornais, *Brasil de Fato* e *Folha de São Paulo*, e duas revistas, *Carta Capital* e *Veja*:

há, por parte dos veículos midiáticos analisados, um posicionamento ideológico evidente (ou seja, constituição de sua parcialidade e de sua não objetividade) quando se dirigem a temáticas específicas ou a objetos discursivos precisos, o que nos é visível, sobretudo, nos seus diversos enunciados, levando-nos à contestação da assertiva segundo a qual, no âmbito jornalístico, deve haver primazia da imparcialidade, conforme orientação do artigo número 12 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. (CASTRO-DIAS; VILLARTA-NEDER, 2018, p. 141, grifo dos autores)

Partindo das considerações feitas no estudo acima, fizemos o destaque de dois *gêneros discursivos* específicos dessa *esfera do jornalismo*: a entrevista e o debate político. Utilizamos como base as discussões de Ribeiro N. (2005) para fundamentar nossa leitura do que do gênero debate político. A autora afirma que “o debate tem pressuposta a divergência entre propostas de gestão de um candidato e outro porque há a necessidade de anular o oponente” (RIBEIRO N. 2005, p.131). Devemos acrescentar, de maneira descritiva, que em um debate político moderno, um *sujeito-candidato* alterna, genericamente, entre a posição de questionador e a posição de respondente com seu adversário. Em concordância com a autora, tais lugares, devido ao movimento de alternância, se constituem mutuamente, intersubjetivamente, e estão tematicamente em diálogo com outras *esferas de atividades*, a citar a científica (história), como veremos na análise do debate político realizado pela Rede Bandeirantes entre os candidatos presidenciais de 2018.

Em termos composicionais, mas é sempre bom lembrar que Bakhtin, ao discutir gênero discursivo, utiliza o advérbio *relativamente* para destacar que as características que compõe cada gênero são fluídas, o *gênero discursivo entrevista* tende a ser menos direto que um *debate político*, visto que o entrevistador é, no gênero entrevista, autorizado a fazer perguntas, mas não é autorizado a comentar as respostas do seu entrevistado, mesmo que a insistência em uma determinada pergunta ocorra. De acordo com Ribeiro E. (2008, p.141), a entrevista é

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Esse funcionamento do gênero debate político permite que se crie, inclusive, uma divulgação e, em certo sentido, uma legitimação de uma narrativa falsa criada por um dos debatedores, já que são raras as intervenções de jornalistas após a apresentação de dados e notícias falsas.

Haja visto que estamos trabalhando com dois gêneros que fazem parte da esfera jornalística e em acordo com a perspectiva de análise assumida pelos pesquisadores Castro-Dias e Villarta Neder (2018) acerca dos meios de comunicação jornalísticos brasileiros, citamos ainda a afirmação de Schudson (1994), que analisa os procedimentos discursivos no *gênero entrevista*,

A entrevista é o ato fundamental do jornalismo contemporâneo. Repórteres dependem demasiadamente de entrevistas; de acordo com o estudo de jornalistas de Washington, feito em 1980, jornalistas dependem tanto de entrevistas que eles não usam documento algum em quase três quartos das histórias que escrevem (p.565)<sup>5</sup>.

A definição feita pelo autor é incorporada nesse trabalho como forma de subsídio para o processo de análise de sentidos produzidos na interação entre dois ou mais sujeitos no e pelo *gênero entrevista*.

Deste modo, o primeiro aspecto a ser apresentado na análise é uma descrição do acontecimento, isto é, qual é o meio de comunicação e o veículo (esfera de atividade), qual é a prática social envolvida (gênero discursivo), quem são os entrevistadores/debatedores e os candidatos (sujeitos).

O segundo aspecto está relacionado com o *cotejo/correlacionamento*<sup>6</sup> das declarações falsas. Bakhtin (2011), ao tratar da pesquisa científica no campo das Ciências Humanas, chama a atenção para o aspecto processual e *correlacional* da produção de conhecimento que, para o autor, deve ser pensada na relação com outras produções, permitindo, o que entendemos ser, um avanço *responsável* da e na ciência. Como forma de concretização desse princípio metodológico, utilizamos, além de documentos oficiais do Estado brasileiro e de Associações de checagem de fatos (*Lupa, Fato ou Fake, Comprova* etc.), o mecanismo de busca do Google, especificando datas e palavras-chaves para estabelecer esse processo de pesquisa, *correlacionando* enunciados e mapeando a *cadeia enunciativa multidirecional*.

Sendo assim, essa escolha metodológica deve-se à necessidade de se analisar a(s) *declaração (ões) falsa(s)* do(s) candidato(s) no contexto eleitoral da eleição presidencial

---

<sup>5</sup> Tradução de responsabilidade do autor.

<sup>6</sup> O termo em russo соотношение pode ser traduzido como *cotejo* (GEGE, 2013) ou como *correlacionamento* (BAKHTIN, 2011). Assim, utilizamos as duas nomenclaturas para descrever o mesmo processo.

de 2018, pois, como apontaram as matérias publicadas nos *meios de comunicação* (iG, 2018; GRAGNANI, 2018), as *fake news* e as declarações falsas não ficaram restritas a um partido político, ou seja, foram enunciadas de posicionamentos partidários distintos.

O campo da filosofia bakhtiniana de linguagem é amplo, abrangendo desde ensaios sobre a literatura até discussões sobre gêneros primários, isto é, os dizeres do dia a dia. Nessa perspectiva, alguns alicerces são fundamentais para a concepção de linguagem do CB: a linguagem é o meio primordial de interação entre os sujeitos, que não só a cria, mas também são constituídos por ela - uma representação simbólica, ideológica e cultural. Dentre as diversas obras do CB que discutem a linguagem e suas relações com os sujeitos, organizados em sociedade, utilizamos, neste trabalho, Volóchinov (2013, 2017) e Bakhtin (1993, 2010, 2011, 2016, 2018). O primeiro autor<sup>7</sup> procura destacar e refletir em seu texto sobre a construção da enunciação (nome homônimo ao título da obra), lembrando que em russo não há a dicotomia entre *enunciado* e *enunciação*, mas analisaremos esse ponto mais à frente nesse capítulo em um tópico específico.

De modo geral, utilizaremos, terminologicamente, ora *enunciado*, ora *enunciação*, ora *ato de enunciar* (FERREIRA; VILLARTA-NEDER, 2017), visando compreender o momento em que o sujeito diz algo, sob dada *orientação social*, com determinada *vontade discursiva*<sup>8</sup>, em um determinado *cronotopo*<sup>9</sup> (*tempo-espaco*), a outro sujeito.

O segundo autor, Bakhtin, na obra *Para uma filosofia do ato responsável*, como é intitulada na tradução do texto em italiano para o português, e *Toward a Philosophy of the Act*, na tradução norte-americana, apresenta as primeiras e profundas reflexões acerca do *sujeito*, que é colocado na tradução norte-americana como *ser-evento*<sup>10</sup> e como *existir-evento* na versão advinda do texto em italiano, e do *ato responsável* (*answerability*, na tradução inglesa), que singulariza e responsabiliza a coexistência desse sujeito com o outro.

---

<sup>7</sup> É importante dizer que o nome do autor aparece grafado com “ch” na tradução do russo para o português (VOLÓCHINOV, 2017) e aparece com “sh” (VOLOSHINOV, 2009) na tradução de língua espanhola.

<sup>8</sup> Os termos *vontade discursiva* e *projeto de dizer* designam o mesmo processo e, por isso, é possível encontrar neste trabalho os dois termos.

<sup>9</sup> *Crono*: tempo; *Topo*: lugar. Por exemplo, *ser professor* é ocupar uma posição social, cultural, enunciativa no mundo. Porém, a filosofia bakhtiniana tende a pensar essa posição enquanto um fenômeno, ou seja, algo que está *sendo* no e para o mundo. Assim, em um determinado dia x, no mês y, no ano z, (*tempo*) e em uma cidade v, na escola w, na sala z (*espaco*), um sujeito está se constituindo enquanto *sujeito-professor* único. Em outro *cronotopo* (outras variáveis), aquele mesmo indivíduo, que era *sujeito-professor*, pode ser um *sujeito-vereador*, um *sujeito-padre*, um *sujeito-cantor* ou, ainda, um *sujeito-professor* diferente do primeiro etc. Essa relação, que Bakhtin busca na física einsteiniana depois de participar de uma palestra de um biólogo russo que também se utiliza dessa noção da teoria da relatividade, é utilizada para pensar a interação situada entre os *sujeitos* no mundo, sendo nomeada como *cronotopo* ou *tempo-espaco*.

<sup>10</sup> A conceituação de *ser*, no campo bakhtiniano, é ancorada em uma perspectiva fenomenológica, de um ser em constante mudança, que modifica e é modificado pelo mundo na sua interação com um outro (vide nota anterior). Também utilizamos, neste trabalho, ora *ser-evento* ora *sujeito* para caracterizar a posição singular, unioorrente, irrepitível de um *eu* na sua relação com um *outro*.

Ainda nessa obra, o autor estabelece uma discussão acerca do conceito de *verdade*, o que nos parece muito frutífero diante da grande discussão acerca desse tema nas eleições presidenciais da República Federativa do Brasil no ano de 2018.

A concepção de *verdade*, para o CB, se firma em duas acepções – *istina* e *pravda*. Um aspecto importante dos textos do CB é que a própria língua russa possibilita uma construção de sentido riquíssima, o que chega a ser um desafio, em certo sentido, no momento de tradução de um texto em russo para a língua portuguesa, inclusive. Esse aspecto, um duplo comportamento, acontece com as palavras russas язык (que no português podemos traduzir como língua/linguagem), высказывание (que pode ser traduzida como enunciado/enunciação) entre outras. Nos debruçaremos especificamente nas palavras *istina* (истина) e *pravda* (правда), que receberiam, a grosso modo, uma mesma tradução para o português – verdade. A primeira (*istina*) é referente ao nível macrocomposicional, mais geral, universalizante em certo sentido, e a segunda (*pravda*) é referente aos processos microcomposicionais (*pravda*), um momento individual na realização do *ser-evento*.

Na nossa leitura, ambas envolvem *sujeitos* interagindo em um acontecimento histórico específico, social, cultural, ideológico e, principalmente, axiologicamente constituído, talvez a principal diferença se dê na escala entre pequeno tempo e grande tempo. De certa forma, podemos dizer que a *pravda* está ligada ao momento individual de interpretação do sujeito, isto é, aquilo que ouvimos e dizemos na interação com o outro são *pravdas*. A *istina* está em um plano superior, talvez mais sacramentado, é aquilo que nos permite dizer e ouvir determinadas *pravdas* e não outras.

De maneira dissociativa, podemos dizer, já nesse momento, que é na *pravda* que se materializa o posicionamento ideológico do *sujeito*, que pode, por motivos diferentes, desconsiderar elementos materiais de sua própria realidade social, econômica e histórica na qual ele vive, mesmo sofrendo as consequências de tal realidade. Tal concepção que refinaremos mais a frente já, à luz dos *enunciados* dos candidatos à presidência do Brasil, parece expandir a discussão para além do binarismo jornalístico, como: os *enunciados-fake-news* são falsos em si mesmos ou são representados enquanto falsos ou verídicos na interação discursiva?

Podemos responder, sem sombras de dúvidas, que se trata de efeito de verdades e mentiras que se criam em um espaço político, ideológico, econômico e de interação entre *sujeitos*, sob determinado ponto de vista, logo, podem ser consideradas *pravdas*. Porém, é necessário analisar, cuidadosamente, os elementos que compõem a

*enunciação*, pois o sujeito só constrói uma *pravda* na relação com outro e tal efeito enunciativo se constitui concretamente em um *tempo-espaço* muito bem delimitado.

Essa discussão que realizamos neste trabalho (relação entre *pravda* e *istina*) se respalda na proposta de *ato* feita por Bakhtin na primeira metade do século XX, que, retomando e repensando o *imperativo categórico* de Kant, postula que o *ato*<sup>11</sup> do *sujeito* é inescapavelmente um *ato responsável* e *responsivo* (*postupok*), pois *responde* a um *ato* e *orienta-se* para outro *ato*, ou seja, se constitui na relação entre dois sujeitos *coexistindo* (*acontecendo*). Vale dizer que essa é uma leitura que fazemos do processo de constituição do *ato responsável*, que entendemos ser análogo ao funcionamento do *enunciado* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184). Ao nosso ver, na medida em que o *sujeito* toma uma *atitude*, e ele a materializa enunciativamente, ele se compromete com e por essa *atitude* diante do outro, pois, quer ele queira, quer não, a *atitude* do outro é, também, *responsável* em mesmo grau - um *elo* na *cadeia enunciativa multidirecional* da coexistência entre os sujeitos.

Retomando o questionamento feito sobre as *fake news*, temos, sob um ponto de vista teórico nesse fenômeno, uma notícia falsa sendo enunciada por um sujeito em uma determinada *esfera jornalista*. Esse campo, o jornalismo, nos permite utilizar a noção de *meio de comunicação* de Hall (2010) para refletir sobre a produção de discursos. O autor aponta que os *meios de comunicação* promovem efeitos ideológicos, querendo eles ou não, pois ao dizerem ou legitimarem uma informação sob determinada condição, não dizem ou legitimam outra. Inserida nesse efeito ideológico está a verdade (*pravda*) construída entre enunciador e enunciatário. De modo geral, o aspecto que conecta o CB com as discussões do teórico da cultura é, assim, a aposta na não neutralidade da linguagem e, logo, na não neutralidade dos *meios de comunicação*.

Finalizando esta breve introdução teórica, devemos ainda pensar na obra *Linguística da Mentira* (WEINRICH, 2017), pois o autor defende que a verdade e a mentira são da natureza da interação, não estão apenas no dito, mas nas condições nas quais esse dito é produzido, recebido e circulado. Em termos bakhtinianos, seria equivalente a dizer que a verdade é a mentira está no *enunciado/enunciação*. Sendo assim, o autor aponta e discute aspectos importantes para refletirmos sobre esse tema, como o contexto e o fator *língua em uso*.

---

<sup>11</sup> O *ato* “animal” é nomeado como *act* (físico, biológico, instintivo), enquanto o *ato, consciente*, que envolve o *distanciamento/colocar-se em um lugar-outro*, pode ser nomeado enquanto *postupok*. (BAKHTIN, 2010).

### 3.1. O sujeito e o ato de enunciar

Ao tentar compreender um movimento histórico ou um acontecimento do dia a dia, precisamos levar em consideração o lugar singular, unioorrente e ideológico que o *ser-evento* ocupa no mundo. Inclusive, a diferença de representação entre o lugar do outro, na perspectiva do eu, e o lugar do outro, na perspectiva do outro, o que Bakhtin (1993, p.71) chama de *arquitetônica*, contribui, ao nosso ver, para expandir a compreensão de conceitos marxistas como o de *alienação*, isto é, um sujeito ou um grupo que não se identifica com suas reais condições sociais, econômicas, culturais, enfim, suas condições materiais de produção. A psicologia vai compreender esse fenômeno como delírio, porém, nem a filosofia marxista nem a psicologia vão apontar o aspecto da *responsabilidade*, isto é, do *não-álibi na existência*, como faz, incisivamente, Bakhtin.

Para Bakhtin (1993), o *sujeito* não é simplesmente algo dado no mundo (acabado, pronto, autossuficiente), mas é um fenômeno ativo e (inter)ativo, isto é, um ser que está *sendo* no mundo, um *ser* em processo de acabamento, um evento. A dialética que compõe essa realização, que se dá entre dois *sujeitos*, tanto impede que esse *sujeito* seja um objeto estático, quanto também o impede de ser contínuo a todo momento, pois as posições discursivas são *singulares*, concretas e necessitam de uma *duração* para existirem no espaço, bem como os enunciados criados a partir dessas *posições*. O que delimita o início e o fim dessa *duração* é o *acontecimento*, ou seja, é partir do diálogo do sujeito com outro sujeito, entre acontecimentos diferentes, via práticas sociais diferentes e via *memória* (CASTRO-DIAS, 2020) que os *sujeitos* se percebem (ativamente) enquanto diferentes.

A definição bakhtiniana de conceitos não segue os moldes cartesianos, e podemos notar isso nos conceitos *discurso*, *sentido/significado*, *esfera (campo) de atividade humana*, entre outros. Isso acontece também com o conceito de *sujeito*, porém, não podemos afirmar que Bakhtin e/ou o Círculo de Bakhtin não traçou o delineamento do *sujeito*. Ora, se a perspectiva for de definição no lugar de reflexão, sim, mas a grande engrenagem da teoria bakhtiniana é o inacabamento, logo é de se esperar que o autor possa ter refletido sobre tais conceitos mencionados acima, tão caros para a reflexão sobre a sociedade e a linguagem, mas não os encapsulados ou os prendido em definições categóricas e estruturais.

Dito isso, para Bakhtin (1993), o sujeito é uma posição *singular*, única e irrepetível no *tempo-espaço*. Podemos, assim, partir do pressuposto que esse *sujeito* ocupa uma *posição* no espaço e, de acordo com a teoria einsteiniana, a unidade que define o espaço é o *tempo*, sendo um inseparável do outro. Por exemplo, se pegarmos um carro e o

acelerarmos até a velocidade da luz, para o observador do evento (situado fora do carro), o carro desapareceria. De certo, essa postulação da física contribui para nossa reflexão sobre o *sujeito* de maneira a reforçar o aspecto constitutivo desse processo: a *duração*. Mesma que a duração seja muito curta, a depender da escala que utilizarmos para analisar o processo, não há como um sujeito ver o outro sem que ambos não só estejam em um mesmo tempo-espaço, mas que permaneçam lá por determinado período. É necessário que o *sujeito* esteja no seu *lugar único (durando)* para que construa seu *enunciado* com e para o outro. Inclusive, os limites da *duração do sujeito* parecem-nos ser, de fato, os limites do *enunciado*, sendo a *responsabilidade* a unidade unificadora entre as *durações*.

Para compreendermos esse limite ao qual nos referimos acima, precisamos compreender o funcionamento da interação entre os *sujeitos*. Para o Bakhtin e o CB, interagimos por meio de práticas sociais, isto é, os *gêneros do discurso*. Esses gêneros se estruturam as concretizações na linguagem das práticas sociais que vão sendo construídas historicamente. Se acompanharmos o funcionamento da carta em suas diferentes modalidades, que até o advento da internet era enviada pelos correios, e dos e-mails, fruto de avanços tecnológicos, veremos como as práticas sociais vão se modificando ao longo do tempo e sempre em razão de mudanças na sociedade. Em uma perspectiva bakhtiniana, os *gêneros do discurso* são enunciados *relativamente estáveis*, isto é, estão sempre em processo de acabamento/reformulação. Sua mutação acontece na mesma velocidade das mudanças na sociedade. Por exemplo, se era impensável que uma plataforma de multimídia como YouTube pudesse, há cinco anos atrás, ser utilizada como canal de comunicação entre um presidente da república e a população, hoje isso está presente na sociedade Brasileira. Assim, notícias jornalísticas, debates televisivos, prestação de contas ministeriais, entre outras práticas, são realocadas para plataformas que antes não eram, no mínimo, destinadas para essas funções. Ora, mesmo que os elementos linguísticos/textuais de uma prática, como as que citamos acima (carta e e-mail), apareçam em outro enunciado, os sentidos para tais elementos serão outros, pois a forma de constituição e os *tons* daqueles sujeitos serão outros.

O raciocínio acima nos parece ser justamente a maneira dialética e dialógica sob a qual o CB concebe seus conceitos, calcado na ideia de processo de acabamento provisório: a etapa de conclusão é sempre um ponto de início (ou continuação) para um novo processo. Desta forma, se pensarmos nos *sujeitos*, e suas *durações* enquanto tais, podemos assumir que o único momento no qual temos os *sujeitos* em relativa estabilidade ou acabamento é em seus momentos de enunciar e, mesmo assim, o sujeito que enuncia

interage a todo momento com o seu outro (interlocutor), analisando suas expressões faciais, corporais, gestos, vestimentas etc.

Em outras palavras, esse acabamento (*duração*) é temporário, o que possibilita tanto a criação de *pravdas* acerca de *si*, do *outro* e de *si* para com o *outro* no mundo (uma arquitetônica de *pravdas* se seguirmos o raciocínio em Bakhtin (1993)), como também o seu processo de reformulação, contestação ou (re) afirmação, visto que ao olhar para o seu próprio *enunciado*, depois de acabado, o *sujeito* já está *sendo* outro, assim como o processo de produção de sentido também já se tornou outro.

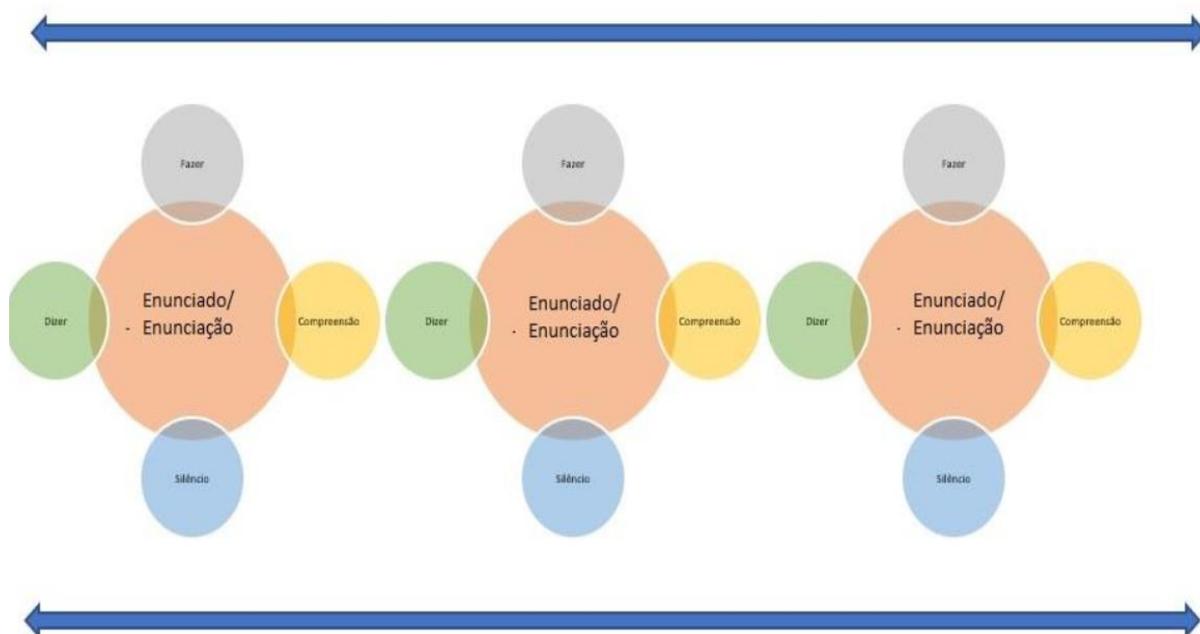
Essa conceituação filosófica tem desdobramentos culturais e sociais. A *duração* não só delinea o *sujeito*, o corporificando, mas também delinea o seu entorno, isto é, o outro, os objetos, o mundo, até porque o *espaço-tempo*, ao qual se refere Bakhtin, é social. É sob essa consideração que reiteramos a postulação bakhtiniana de que o *sujeito* é histórico, social e cultural, e se encontra em uma constante batalha ideológica pela produção de *sentido*, a valoração, visto que este processo acontece na interação com e a partir do lugar do *outro* – uma relação de interdependência e de intersubjetividade.

Para fins didáticos, podemos exemplificar toda essa discussão/conceituação da seguinte maneira: um indivíduo (unidade biológica) não consegue enxergar todas as partes de seu corpo, pois há uma impossibilidade óptico-biológica de realizar tal fato; é necessário que o referido esteja em um lugar *fora de/distanciado*<sup>12</sup> de si para poder realizar esse acabamento, que é provisório. Esse processo acontece, da mesma forma, no plano simbólico da linguagem, pois todo *enunciado*, de acordo com Volóchinov (2013), orienta-se de um sujeito em direção ao outro. Sendo assim, o *sujeito* fala para e com o *outro*, pois contido no *enunciado* já se encontra, no mínimo, uma representação da *resposta* desse *outro*, que pode ser um dizer, um fazer, um silêncio ou a própria *compreensão*, como aponta Villarta-Neder (2018) na figura abaixo:

---

<sup>12</sup> No prefácio da tradução francesa do livro *Estética da Criação Verbal*, Todorov postula o conceito de *exotopia* (*exo-* fora; *topos-* lugar), porém na edição do mesmo livro traduzido direto do Russo para o Português (Brasil), Paulo Bezerra nega o termo, afirmando que Bakhtin utiliza o termo latino *distancia/distanciamento*. Tendemos neste trabalho a concordar com Paulo Bezerra, a ideia de distanciamento parece melhor explicar o movimento de encontro entre *sujeito-eu* e *lugar-outro* em um processo constitutivo e recíproco entre esses lugares.

Figura 1 - Enunciado sob uma perspectiva multissemiótica e verbivocovisual.



Fonte: VILLARTA-NEDER (2018).

Podemos notar na figura acima como a compreensão e o silêncio compõem, de igual maneira, o campo da *resposta/réplica*. Ora, pressupor que uma resposta só possa se realizar por meio de palavra seria desconsiderar o próprio processo prosódico do ato de entoar essas palavras, isto é, suas pausas, alçamentos, timbres, que constroem o sentido daquela realização da palavra. Além disso, a diagramação dos três círculos de *enunciado/enunciação* cria o efeito de continuidade, de uma *cadeia enunciativa multidirecional*. Retomaremos esse processo de compreensão enquanto resposta na análise do corpus 1.

Partindo dessa noção de *sujeito* e de *ato de enunciar*, poderíamos nos questionar: de que maneira essa discussão poderia contribuir para nossa análise do discurso de dois políticos, visto que se trata, em tese, de (candidatos a) representantes do povo? Fariam estes sujeitos parte de outro processo de constituição? Abordaremos abaixo esses dois questionamentos.

Bakhtin (1993) explica que:

Tal separação do contexto único e a perda da participação única no curso da especialização são especialmente frequentes no caso da responsabilidade política. A mesma perda da unidade única ocorre como um resultado da tentativa de ver em cada outro, em cada objeto de um dado ato ou ação, não uma unicidade concreta que participa no Ser *pessoalmente*, mas um representante de um certo grande todo. (BAKHTIN, 1993, p. 70, *grifo do autor*).

Deste modo,

Para enraizar a ação, a participação pessoal do ser único e do objeto único deve estar em primeiro plano, porque *mesmo se você for um representante de um grande todo, você será primeiro e antes de tudo um representante pessoal*. E o próprio grande todo é composto não de momentos universais ou gerais, mas de momentos concretamente individuais. (BAKHTIN, 1993, p. 70, *grifos do autor*).

Levando a proposição ao se extremo, mesmo o *sujeito político*, enquanto representante de um grupo de pessoas, não perde sua singularidade no seu *ser-evento*, pois as próprias decisões e *atitudes* desse sujeito são tomadas em relação ao *lugar-único* que ele e o outro (seu interlocutor) estão ocupando no mundo. O *sujeito* é, assim, constituído dialeticamente, ou seja, faz parte de um grupo (um todo social maior), mas é uma forma única de ver e agir dentro desse todo; seus atos não podem ser realizados por outros *sujeitos*, pelo menos não estabelecendo as mesmas relações *éticas* e *distanciadas* no seu *dever*.

Tanto o dever (*não-álibi*) quanto o *tom emotivo-volitivo* do sujeito na *enunciação* são estabelecidos por meio de uma arquitetura ética das relações e:

Todos os valores da vida e cultura reais estão dispostos em torno dos pontos básicos arquitetônicos do mundo real do ato realizado ou ação: valores científicos, valores estéticos, valores políticos (incluindo tanto os éticos como sociais), e, finalmente, valores religiosos. Todos os valores espaço-temporais e todos os valores de conteúdo são atraídos para e concentrados em torno desses momentos centrais emocionais-volitivos: eu, o outro, e eu para o outro. (BAKHTIN, 1993, p.71-72).

Isso significa, por exemplo, que

'Alto', 'acima', 'abaixo', 'finalmente', 'não ainda', 'já', 'é necessário', 'dever', 'além', 'mais perto', etc. – todas essas expressões adquirem não apenas um conteúdo-sentido, isto é, assumem um [caráter] imaginável apenas possível, mas adquirem uma validade ou eficácia real, experimentada, pesada e necessária, completamente determinada, do lugar único da minha participação no *Ser-evento*. (BAKHTIN, 1993, p. 75).

Apesar de Bakhtin estar mais preocupado com a questão do *ser-evento* e do *dever* nestes trechos, destacamos que esse processo de constituição do *sujeito* é, também, similar ao próprio funcionamento da linguagem. Parece-nos, axiomáticamente, que o processo de produção de sentido acerca dos enunciados, inclusive as valorações feitas pelos sujeitos, acontece no plano social, em torno dos pontos básicos arquitetônicos do mundo real da ação (no sentido de *atitude*). De maneira coordenada, a relação entre *dever* e *linguagem* implica em dois pontos distintos, mas que compõem a arquitetura ao qual

postula Bakhtin (1993): 1) Implica em um agir do sujeito diante do dizer do outro, um agir que no mínimo se dá pela *compreensão*; e 2) Implica em um agir com o outro, de maneira intersubjetiva, pois o dizer do outro, mesmo que seja abstrato ou inverídico, possui uma *vontade discursiva* que a sustenta, logo possui um *sujeito-compreendente* no seu horizonte de expectativa.

O agir (1), que se realiza em uma *esfera de atividade* específica, é fruto de uma relação de *distanciamento/extralocalização* entre, no mínimo, duas posições singulares no mundo. O aspecto levantado no agir (2) acontece, principalmente, em *esferas de atividade* como a política, na qual o sujeito se constitui a partir da relação dialética que discutimos anteriormente. O agir desse *sujeito político* tem um coletivo em vista, mesmo que esse coletivo seja restrito ou composto por poucos indivíduos, cujos objetivos podem ser claramente diferentes de um outro grupo maior (caso similar ao que acontece entre objetivos de grandes empresas e direitos do trabalhador).

### **3.2. A verdade produzida na relação intersubjetiva: *pravda* & *istina***

A discussão acerca da verdade está presente nas discussões do CB, especificamente na obra Bakhtin (1993) e Bakhtin (2010), sendo a primeira, fruto da tradução do russo para o inglês, e a segunda, fruto da tradução do texto em italiano para a língua portuguesa. Concordamos com a colocação de Ponzio, especialista no campo bakhtiniano, na qual o autor sustenta em (PONZIO, 2010) que:

Em 'Para uma filosofia do ato responsável', Bakhtin rejeita a concepção bastante arraigada e aceita da verdade como composta de momentos gerais, universais, como algo reiterável e constante, separado e contraposto ao singular e ao subjetivo. Ele faz uma distinção entre a verdade, '*istina*', como valor abstrato, a veracidade, o verdadeiro, como ideal universalmente incontestável, mas do qual não há no ato o reconhecimento efetivo, e a verdade, '*pravda*', como entonação do ato, como sua afirmação, ou seja, para o qual tende e pelo qual é aferida e o afere. (PONZIO, 2010, p. 17, *grifos do autor*).

Historicamente, essa distinção se contrapõe à visão de mundo ontológica (parmenidiana, se assim quisermos), que assume o mundo como *já dado*, constante, acabado, apagando ou escondendo todo o caráter de *estar sendo* do *sujeito*, como vimos acima. Esse aspecto do *sendo* é um dos fatores que contribuem para o seguinte questionamento: qual a relação entre a *pravda/istina* e o *ato responsável*?

Primeiramente, precisamos compreender como tal relação se constitui. Vale dizer que para o Círculo de Bakhtin (CB) o conceito de *pravda*, já presente no dia-a-dia e ligado a uma noção de *singularidade* ou eventicidade na língua russa, se alinha com aspectos fundamentais da interação entre os sujeitos, tais como: a irrepetibilidade dos sentidos, a singularidade do *sujeito*, a estilística dos enunciados, e, por fim, o *não-álibi* do sujeito.

A relação entre *pravda*, *istina* e *ato responsável* é importante para Bakhtin, que preocupado com a verdade (não enquanto questão filosófica, mas como atitude responsável) e a temporalidade, se propôs a englobar, no tocante à discussão sobre verdade, tanto o singular, o irrepetível e o *não-álibi* do *sujeito*, quanto o aparato conceitual, abstrato, universalizante, na sua filosofia moral. Essa colocação é corroborada pela seguinte passagem:

A validade de uma asserção teórica não depende de ter sido conhecida ou não por alguém. As leis de Newton eram válidas em si mesmo antes de Newton tê-las descoberto, e não foi essa descoberta que as tornou válidas pela primeira vez. Mas essas verdades não existiam como verdades *conhecidas* – como momentos participantes do *Ser-evento* único, e isso é de essencial importância, porque é isso que constitui o sentido da ação que as conhece. Seria um erro grosseiro imaginar que essas verdades eternas existissem antes que Newton as descobrisse, do mesmo modo que a América existia antes de Colombo descobri-la. A eternidade da verdade não pode ser contraposta à nossa temporalidade como uma duração sem fim, para a qual o nosso tempo é apenas um mero momento ou segmento. (BAKHTIN, 1993, p.28).

Esse trecho é basilar na formulação teórica proposta neste trabalho, visto que apresenta ou insere no binômio universal/individual, perseguido pelos *objetivistas abstratos*<sup>13</sup>, o aspecto do *singular*<sup>14</sup>, do reconhecimento. O que está colocado na comparação feita por Bakhtin é que a verdade macrocomposicional, *istina*, pode até governar os corpos, como as Leis de Newton, mas para fazer parte da linguagem, isto é, do conhecimento (aprender, conhecer, questionar etc.), precisa se tornar novamente *pravda*, ou seja, um momento singular no qual os sujeitos estabelecem uma axiologia e (re) *conhecem* essa verdade.

Deste modo, por natureza, toda *pravda* contém, em algum nível, uma *istina*, que por sua vez foi constituída a partir de uma ou mais *pravdas*. O ponto fundamental que

---

<sup>13</sup> Essa nomenclatura aparece em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e se refere à perspectiva linguística adotada no livro *Curso de Linguística Geral*. Trata-se de uma crítica à escolha e tentativa de se trabalhar a língua pela língua, de maneira universalizante, fora de sua situação discursiva.

<sup>14</sup> Trabalho similar a esse de Bakhtin viria a ser feito, décadas depois, na França, em meados de 1970. Inclusive, uma nova linha de pensamento acerca da linguagem e do discurso foi criada com base nas discussões que ocorriam na França daquele período, sendo conhecida hoje como Análise de Discurso de vertente Francesa (ADF).

estamos colocando é que não é só a *pravda*, verdade singular, que nasce com base em uma *istina*, mas toda *istina* nasce de um processo histórico e social de disputa pelos sentidos e pelo poder de construir um sentido hegemônico, ou seja, de uma disputa entre *pravdas*.

Por exemplo, se trouxermos essa discussão para o presente momento histórico, podemos citar o caso do terraplanismo (um movimento político/religioso que defende, dentre outras coisas anticientíficas, que a Terra é plana). A esfericidade da Terra é uma *istina científica* na qual entendemos hoje mais do que nunca a necessidade do qualificador (*científica*), sendo que foi construída e é sustentada com base em dado aparato teórico-metodológico.

Utilizando as reflexões do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem, defendemos que o processo de conhecimento se desenvolve na interação entre os *sujeitos*. Trata-se de uma aposta epistemológica, inclusive, pois diferentes formas de entender essa produção de conhecimento nos levam a diferentes abordagens para investigar esse processo, isso quando a abordagem trabalha com a ideia de processo. Sendo assim, e retomando a questão do terraplanismo, na medida em que a credibilidade na ciência como um todo é reduzida, todos os processos dela resultantes também são valorativamente diminuídos por determinados sujeitos. No tocante ao cenário brasileiro atual, isso significa que temos diferentes discursos em embate na busca pelo controle e validação de suas *pravdas* enquanto *istinas*, mesmo significando um retrocesso nesse caso da esfericidade do planeta.

Ora, analisando o funcionamento universalizante da *istina* nos moldes pregados pelos racionalistas, Bakhtin argumenta que o pensamento-ação

é produtivamente ativo apenas no momento de trazer uma verdade válida em si em comunhão com o Ser histórico real (o momento constituinte de ser realmente conhecida – de ser reconhecida). Um ato realizado é ativo no produto único real que ele produziu (numa ação real, atual, numa palavra enunciada, num pensamento que foi pensado, onde, além disso, a validade em si, abstrata, de um[a] lei jurídica real é apenas um momento constituinte). (BAKHTIN, 1993, p. 44).

É possível notar como a concretização de uma *pravda* não só cria um momento singular, mas também necessita de um *sujeito ativo*, visto que “cada valor que apresente validade geral se torna realmente válido somente em um contexto singular”. (BAKHTIN, 2010, p. 90)<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Vale dizer que nesse trecho em específico a tradução do texto em russo para o italiano e posteriormente para o português apresenta com mais clareza o processo e a verdade (*istina*) na qual Bakhtin discorre, quando comparado o mesmo trecho com a tradução inglesa.

A raiz da questão é exatamente esse *lugar singular* do sujeito, pois, assim como Weinrich (2017) discute que a ironia teve seus status axiológicos modificados de astúcia, como era na Grécia antiga (Sócrates), para enganação, como em Molière Tartuffe, a mentira, apesar da conotação negativa ou positiva a depender da perspectiva do sujeito que valora, é uma *pravda*. Trata-se de um momento singular no qual o sujeito assume uma posição *uniocorrente*, irrepitível, *responsável* no mundo, produzindo um enunciado para e com outro *sujeito*, sendo a produção de sentido dependente dessa coocorrência de posições singulares.

Mencionamos o linguista alemão acima pois precisamos dizer que Bakhtin não foi o único a refletir sobre a construção de verdades no século XX, pois uma incursão semelhante também foi feita na segunda década do século XX, 1966, quando o filósofo alemão Harald Weinrich lançou seu livro *Linguística da Mentira* (Linguistik der Lüge), destacando, indiretamente, o aspecto da *irrepetibilidade* do contexto:

Nós normalmente não falamos por meio de palavras separadas, mas por meio de sentenças e textos, e a nossa fala é imbuída pela situação. Mas também apresso-me a dizer que no limitado século de sua existência como ciência, a semântica sempre trabalhou com essa ficção e se preocupou quase exclusivamente com palavras isoladas. (WEINRICH, 2017[1966], p. 13-14)<sup>16</sup>.

De acordo com esse autor, “as palavras da língua são fictícias, apenas as palavras em textos são reais” (WEINRICH, 2017 [1966], p. 46). Apesar de assumir um posicionamento semântico, as noções do filósofo alemão acerca da construção de sentido parecem-nos ir ao encontro do pensamento bakhtiniano, pois ambos notam a separação entre a palavra em uso e a palavra *in vitro* proposta pelo modelo de ciência positivista. Weinrich define:

Os significados lexicais como construções *amplas, vagas, sociais e abstratas* se assemelham às ideias de Platão em um grau preocupante, naturalmente com a diferença de que cada comunidade linguística deve ser imaginada com seu próprio reino de ideias ou significados lexicais, o ‘céu conceitual’ de Nietzsche ou o ‘mundo intelectual medieval’ de Weisgerber” (‘geistige Zwischenwelt’). (WEINRICH, 2017 [1966], p.17, *grifo nosso*)

É necessário colocar que esses quatro princípios estabelecidos pelo campo da semântica lexical não foram elaborados para explicar a complexidade do funcionamento da língua/linguagem em uso. O próprio autor define:

[...] Os quatro princípios da semântica recém-estabelecidos caracterizam apenas metade da semântica. Eles se aplicam apenas ao modelo de

---

<sup>16</sup> A tradução desse trecho e dos seguintes são de nossa inteira responsabilidade.

comunicação pouco mais do que fictício por palavras isoladas, sem contexto e situação [...] *A semântica das palavras em um texto é completamente diferente da semântica das palavras individuais isoladas, e a semântica das palavras deve ser suplementada* (WEINRICH, 2017[1966], p.18, *grifo nosso*).

A proposta do autor é, de fato, mostrar como dois enfoques semânticos devem caminhar juntos. Ele aponta, por exemplo, para quatro princípios corolários, que são, inclusive, opostos aos primeiros discutidos acima:

[...] podemos resumir os quatro corolários da semântica: todo significado textual é *restrito, preciso, individual e concreto*. Esses quatro corolários obviamente pertencem um ao outro e dependem um do outro, assim como os quatro princípios da semântica. (WEINRICH, 2017[1966], p.19, *grifo nosso*).

Esses quatro diferentes princípios da semântica, que o autor chama de princípios da semântica textual, apresentam aproximações e distanciamento das ideias de sentido defendidas no campo bakhtiniano.

1) De um ponto de vista bakhtiniano, os sentidos são constituídos a partir das condições da enunciação, isto é, a *situação, o tom, o gênero discursivo* etc. Assim, não há como retirar esses aspectos do quadro de análise e qualquer perspectiva que se proponha a fazer isso está inescapavelmente matando não só a linguagem e os próprios sujeitos, mas também o próprio processo de produção de sentido. Deste modo, o diálogo entre os autores encontra-se na compreensão da importância das condições da enunciação, isto é, defendem que os sentidos só podem ser pensados em situações sociais específicas, espaço-temporalmente situadas. Em certo sentido, esses sentidos são *restritos* principalmente às suas condições de produção, o que Bakhtin (2013) exemplifica ao discutir o processo de reconstrução estilística de um enunciado por meio da alteração de pronomes relativos por apostos.

2) A diferença que Weinrich faz entre sentido *vago*, da semântica lexical, e sentido *preciso*, da semântica textual, parece-nos um avanço em termos de compreensão da linguagem no seu funcionamento. Porém, de uma perspectiva bakhtiniana, os sentidos não podem ser pensados enquanto *precisos* (ipsis litteris), pois a interação social, construída sob uma relação arquitetônica – *eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim* –, aponta, de fato, para o sentido sempre instanciado por uma dessas representações discursivas. Há que se entender que o filósofo alemão está fazendo uma comparação entre

uma análise da palavra em um texto e análise de uma palavra isolada<sup>17</sup>. Contudo, a contraposição que fizemos é necessária para não cairmos em um modelo parecido com a teoria da informação, na qual se pressupõe um emissor que emite uma mensagem (informação) e um receptor (passivo) que recebe esse código e o identifica de maneira *precisa (decodificada)*.

3) De uma perspectiva bakhtiniana, o termo indivíduo precisa ser tomado com cautela, pois, assim como outras teorias de discurso, o campo bakhtiniano trabalha com a noção de sujeito. Deste modo, para os sentidos serem individuais, como afirmar Weinrich, precisamos pensar nessa individualidade em termos de singularidade, isto é, que a posição que o sujeito ocupa no *tempo-espaço* é única e irrepetível. Mesmo fazendo essa refração na questão da individualidade, não há como o sujeito produzir sentido individualmente, já que o seu próprio processo de constituição é interdependente de uma relação com outro(s) sujeito(s). A coexistência é fundamental não só para analisarmos os *sujeitos*, como também para investigarmos as produções de sentidos.

O último elemento (4), *a concretude* (dizer específico, em situação específica, com e para *sujeitos* específicos), parece-nos decisivo para estabelecermos um diálogo entre os autores, pois essa concretude se relaciona com a maneira única do *sujeito* se colocar, seja falando, seja ouvindo, como *sujeito* que fala (e ouve) no e do mundo para outro *sujeito*. Essa concretude da interação entre os *sujeitos* é mediada pelos *enunciados* igualmente concretos.

As contribuições de Weinrich (2017[1966]) para os nossos estudos é, assim, suas considerações acerca do dizer e sua reflexão e insistência em afirmar que o sentido só pode ser pensado na língua em uso, o que nos é muito importante já que entendemos a *verdade* (pravda) enquanto sentido. Além disso, o diálogo feito acima permite-nos notar como as teorias de linguagem, mesmo discutindo um mesmo tópico (*verdade*), podem levar a encaminhamentos diferentes. A diferenciação entre a *semântica lexical* e a *semântica textual*, feita por Weinrich (2017[1966]), é uma das formas de compreender de maneira mais acurada o processo de funcionamento da linguagem e dos *sujeitos*, inclusive os embates ideológicos dentro de uma mesma *esfera de estudo da linguagem*.

Feita essa discussão acerca da verdade e da veridicção, abordaremos agora o conceito de *ato responsável*, pois o conceito de verdade (pravda) implica em relações responsáveis. Bakhtin questiona:

---

<sup>17</sup> Vale dizer que nem mesma a palavra no dicionário está isolada, pois a própria presença de acepções de significados implica em escolhas, que são linguísticas, históricas e ideológicas.

O evento em processo pode ser claro e distinto, em todos os seus momentos constituintes, para um participante do ato ou ação que ele mesmo desempenha. Isso significa que ele o compreenda logicamente? Isto é, que aquilo que é claro para ele são apenas os momentos universais e as relações transcritas em forma de conceitos? De modo algum: ele vê claramente esses indivíduos, pessoas únicas que ele ama, esse céu e essa terra e essas árvores [9 palavras ilegíveis], e o tempo; e o que também é simultaneamente dado a ele é o valor, o valor real e concretamente afirmado dessas pessoas e desses objetos. Ele intui suas vidas interiores e seus desejos; ele compreende tanto o sentido real quanto o dever-ser da interrelação entre ele próprio e essas pessoas e objetos – a verdade [*pravda*] do dado estado de coisas – e ele compreende o dever de seu ato realizado, isto é, *não* a lei abstrata de seu ato, mas o dever real, concreto, condicionado pelo seu lugar único no contexto dado do evento em processo. E todos esses momentos, que realizam o evento em sua totalidade, são apresentados a ele como algo dado e como algo-a-ser-alcançado em uma luz unitária, em uma consciência responsável unitária e única, e eles são atualizados num ato responsável unitário e único. (BAKHTIN, 1993, p. 48, *grifo do autor*).

É importante destacar que a *responsabilidade* apresentada por Bakhtin não foi pensada, inicialmente, como cumprimento de certas regras de boa convivência: não poluir o meio ambiente, cuidar dos menos afortunados, não fazer mal ao outro, entre outras atitudes. Apesar dessas atitudes mencionadas se concretizarem, também, enquanto *atos responsáveis (postupok)*, na sua raiz, elas consistem, como coloca Ponzio (2010, p.10), em um

ato, de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem alibi e sem exceção.

Em um caso hipotético, por exemplo, *responsabilidade* seria a realização de um ato de um *sujeito-orientador* de projeto de pesquisa que diz, suavemente, durante uma reunião de trabalho, ao seu orientando, que passa por sérios problemas de confiança no momento da redação de sua dissertação, para não ser excessivamente autocrítico com o próprio trabalho, pois isso é função da banca avaliadora, acalmando assim o *sujeito-orientando*.

Didaticamente, esse caso ilumina a discussão profunda que aqui propomos, pois podemos notar que somente o *sujeito-orientador*, imbuído dos poderes dessa determinada posição e a par das condições sociais, acadêmicas, psicológicas nas quais se encontra seu orientando, consegue tomar uma *atitude responsável*, que nesse caso é reconfortar, com uma *entonação* específica (*diz suavemente durante uma reunião de pesquisa*), seu orientando diante da difícil tarefa a ser cumprida. Trata-se de o fato de que o indivíduo,

enquanto *sujeito-orientador*, estabelecendo uma relação única e singular com o seu orientando, *age responsabilmente*, pois somente ele e não outro poderia estabelecer aquele *projeto de dizer* específico naquele acontecimento. Ser *sujeito-orientador* significa percorrer uma longa jornada pelas diferentes práticas acadêmicas, o que não só o possibilita de realizar tal dizer, mas o obriga a fazê-lo.

A pergunta que pode ser feita é: por que o orientador julgou necessário *agir* daquela maneira, com todas as especificidades destacadas? A resposta se encontra em outro conceito do arcabouço teórico bakhtiniano: o *tom emotivo-volitivo*, que constrói os contornos do *enunciado*; isto é, a partir das relações estabelecidas entre *sujeitos* unioerrentes, do não-álubi, a *estilística do enunciado* e todos os elementos que compõem a *enuniação* tornam-se elementos indissociáveis do *ato responsável*. Bakhtin postulou que:

O *tom emotivo-volitivo* se dá precisamente em relação à unidade singular concreta no seu conjunto, expressa a inteira completude do estado-evento em um momento preciso, e o expressa como o que é dado e como o que está por ser concluído - a partir do interior de mim mesmo enquanto participante obrigatório. (BAKHTIN, 2010, p.90, *grifo nosso*).

Por exemplo, se, por um lado, o *dever* que constitui o *ato responsável* não é dado ao *sujeito* de maneira estrutural ou *a priori*, como no caso do *sujeito-orientador*, mas é co-construído com o *ser-evento* no decorrer de sua vida; por outro lado, esse *agir* não é, dialeticamente, fortuito, pois quer o *sujeito* queira, quer não, a posição singular que ele ocupa não pode ser ocupada por mais ninguém naquele *cronotopo*. Contudo, analogamente a análise que Bakhtin (2011) faz, o *sujeito-orientador*, sob a categoria do *outro-para-mim*, não pode, mesmo que já tenha experienciado uma situação parecida, viver a dor do orientando. Bakhtin (1993) deixa claro, por exemplo, que viver a dor do outro, a empatia pura, a coincidência com o outro, não é um *ato responsável* de autorrenúncia, mas uma obsessão. O *sujeito* precisa do seu lugar unioerrente para se ver do lugar do outro. Enquanto *sujeito-outro* de seu orientando, o *sujeito-orientador* pode apenas agir de maneira ética e responsável do seu lugar de *sujeito-orientador*, que nesse caso o possibilita, a partir de experiências em acontecimentos anteriores, acalmar seu orientando por meio de *enunciados entoados* sob certo *tom emotivo-volitivo* que somente a sua posição e sua memória o permitem.

Sendo assim, substituindo a metáfora da assinatura, utilizada por Bakhtin, pelo próprio *ato de enunciar (responsável)* do *sujeito-orientador*:

Não é o conteúdo de uma obrigação que me obriga, mas minha assinatura sob ela; o fato de que uma vez eu reconheci ou subscrevi um dado reconhecimento. E o que me compeliu a assinar no momento de assinar

não foi o conteúdo de um dado ato realizado ou ação. Este conteúdo não poderia, por si, isoladamente, ter me obrigado a realizar o ato ou ação – assinar-reconhecer – mas apenas em correlação com minha decisão de assumir uma obrigação –realizando o ato de subscrever-reconhecendo. E nesse ato realizado o aspecto do conteúdo não foi senão um momento constituinte, e o que decidiu o assunto foi o reconhecimento ou afirmação – a ação responsável– que tinha sido realmente realizada anteriormente, etc. (BAKHTIN, 1993, p. 56-57)

As relações estabelecidas com outros sujeitos (historicidade), as crenças ou não crenças religiosas, as *ideologias*<sup>18</sup>, tudo isso constitui não só o *sujeito*, como também o *não-álibi* que sedimenta o *ato responsável* do mesmo. Retomando o exemplo do orientador, se ele diz algo, como exploramos acima, ou se ele não diz algo (silêncio), de igual maneira o *ato* realizado é *responsável*. Até mesmo o silêncio desse sujeito significa muito, visto que o *sujeito-orientando* pressupõe que o *sujeito-orientador* já esteve em uma posição similar no decorrer de sua carreira acadêmica, já interagiu com pessoas que estiveram em tais posições, já esteve com outros orientadores que lidaram com essa questão, isto é, *não há álibi* para o *agir* desse *sujeito*.

Inclusive, seja o silêncio, seja uma resposta como a que levantamos para essa situação concreta, as ramificações do ato do *sujeito-orientador* ou, em outras palavras, as *respostas* a esse ato compõem a *cadeia enunciativa multidirecional*.

É justamente nesse sentido que, na tradução de Bakhtin (1993) para a língua inglesa, a palavra escolhida para o *ato responsável* é *answerability*, que podemos traduzir como *responsabilidade*. Deste modo, não há um *dever* inerente/acabado de um *sujeito* que se relaciona com o *dever* inerente/acabado de outro *sujeito*, temos, na verdade, um *dever* que é criado entre sujeitos no mundo de maneira histórica e intersubjetiva, que singulariza toda a pluralidade de vozes, vivências e ideologias em um *ato responsável* respondente e respondível. Esse *dever* institui a interação, não pela resposta ao conteúdo de um enunciado anterior, mas pela própria assinatura/reconhecimento dele. O *dever* para com o outro, processo de *coexistência*, não é imanente a condição biológica do indivíduo, mas a sua condição enquanto sujeito. Esse *dever* é atualizado a cada interação, se moldando a partir das *atitudes* ético-responsáveis do sujeito naquele momento da sua existência, o que materializa seu processo de *vir a ser*, isto é, de *responsabilidade*.

O conceito de *pravda*, verdade singular criada a partir do lugar único do *sujeito* e das relações também únicas entre este e outros lugares, é, nesse sentido, uma

---

<sup>18</sup> Entendemos ideologia, em acordo com Volóchinov (2013, p.138, *grifo do autor*), como: “todo conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que se *sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas.

consequência do *ato responsável*, inclusive no seu quesito de *responsabilidade*, pois é uma *verdade* que estabelece relação com outra *verdade (pravda)*: “A inclusão responsável na singularidade única reconhecida do *ser-evento* é o que constitui a verdade [*pravda*] da situação.” (BAKHTIN, 2010, p.95). Dois pontos podem ser destacados desse curto trecho acima: 1) Não há *pravda* sem a constituição *extralocalizada/distanciada* entre *sujeitos*, pois, para o *sujeito*, ser singular implica reconhecer que o seu outro também o é; 2) A *pravda* está ligada à *situação*, isto é, não é nem universal, nem atemporal, e claramente não se separa da (s) ideologia (s); e 3) A *istina* não é composta de momentos universais, mas da universalidade de momentos singulares, que por motivos históricos, ideológicos, culturais e de poder culminam, de maneira hegemônica, para a instituição de uma *pravda* enquanto *istina*.

### 3.3. O enunciado/enunciação a partir de Bakhtin

Antes de iniciarmos a discussão etimológica do termo *fake news* e seus desdobramentos na atualidade, principalmente na brasileira, precisamos esclarecer o porquê de considerarmos as *fake news* como *enunciados*.

Diferentemente de outros campos da linguagem, como o benvenistiano, o Círculo de Bakhtin não faz uma separação resultante entre processo e produto, isto é, *enunciação* e *enunciado*. Novamente, a palavra *высказывание* contempla os dois aspectos e pode ser traduzida como *processo de enunciar* (FERREIRA; VILLARTA-NEDER, 2017, p. 78). Assim, o termo pode ora designar mais o enunciado (produto), ora mais as condições (enunciação). Trata-se de um pensamento dialético que percorre as ideias e obras do Círculo - como vimos com a noção de *sujeito* -, mas que já estava presente na própria construção semântica da língua russa da primeira metade do século XX. Para o CB,

Cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas quer sejam aquelas que vão se formando nas entranhas de nossa consciência e receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre *orientada para o outro*, até um ouvinte, inclusive quando este não existe como pessoa real. Já vimos que até as mais simples, as mais primitivas expressões de desejos, de percepções puramente fisiológicas, têm uma clara *estrutura sociológica*. (VOLÓCHINOV, 2013, p. 157).

Sendo assim, sistematizando o conceito, assumimos que “Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, *responde a algo e orienta-se para uma resposta*. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p.184, *grifo nosso*).

A definição de *enunciado* exibida acima destaca o aspecto da língua em uso e, por isso, vale afirmar que se trata sim de algo concreto. Além disso, por se tratar de uso, podemos afirmar também que o *enunciado* é composto por, no mínimo, duas **materialidades sígnicas**<sup>19</sup>, mediando a interação entre os dois ou mais *sujeitos*, como é o caso de uma conversa em grupo. Essa terminologia ampla é utilizada de maneira proposital, pois “a consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação em material determinado (*o material do gesto, da palavra, interior, do grito*)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211, *grifo nosso*).

Cabe destacar que o conceito de palavra tratado pelo autor não é a palavra de dicionário, trata-se, na verdade, de pensar a palavra entonada em um determinado tom *emotivo-volitivo*, em um dado *projeto de dizer*, em uma *situação*. A palavra é, afinal, o *signo ideológico par excellence*.

De fato, a forma linguística é dada ao falante [...] apenas no contexto de certos enunciados e portanto apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, *nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira*, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavras está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana*. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, *grifo nosso*).

De maneira didática, o autor descrever o processo de interação via *ato de enunciar* da seguinte maneira:

[...]em um primeiro momento, o enunciado alheio é emoldurado pelo *contexto real e comentador* (que, em parte, coincide com aquilo que é chamado de fundo de apercepção da palavra), pela situação (interna e externa), pela expressão visível e assim por diante; e em segundo momento, *prepara-se uma réplica (Gegenrede)*. Tanto a preparação da réplica, isto é, *a réplica interior*, quanto o *comentário real* se fundem naturalmente na unidade da percepção ativa e podem ser isoladas apenas do ponto de vista abstrato (p. 254, *grifo do autor*).

Cabe destacar que no processo descrito acima, seja *quem diz*, seja *quem ouve*, ambos são 100% ativos (participativos). O trabalho de “emoldurar”, além do descrito acima, é feito a partir das relações já construídas (vivas) pelo *sujeito ouvinte*, que interpreta a interação à luz de sua própria historicidade e de sua relação *extralocalizada* com o outro. Após esse processo, podemos nos questionar se a *compreensão* ocupara um espaço intermediário entre a *réplica interior* e o *comentário real* (réplica exterior), porém,

---

<sup>19</sup> Apesar de sabermos que diferentes correntes nomeiam a composição do enunciado, a partir de diferentes referenciais, com palavras específicas, utilizaremos as palavras *materialidade sígnicas, semioses e linguagens* para designar um mesmo tipo de composição do enunciado, uma composição que vai além do plano verbal.

aprofundando ainda mais na reflexão, não podemos considerar a própria *compreensão* já enquanto uma réplica, visto que participa da arquitetônica na qual os sujeitos se constituem?

De fato, a *compreensão* é a base para a produção de um *ato de enunciar*, já que o *projeto de dizer* já contém uma resposta esperada. Inclusive, se pensarmos arquitetonicamente, uma duração prolongada do processo de *compreensão* de um *sujeito A* pode produzir um sentido para *sujeito-interlocutor B* (exemplo: Será que ele entendeu? Será que falei besteira? etc.). Nessa linha de raciocínio, o *sujeito*, no seu processo de constituição, pode ser demonstrado arquitetonicamente de três maneiras: *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e *o-outro-para-mim*. Assumindo, didaticamente, dois *sujeitos*, A e B, imaginemos que o *sujeito A* diga – *eu gosto de você* – a um *sujeito B*. As representações para esse dizer podem variar consideravelmente, analisando como A representa que B interpretou e como B diz que representou. Mesmo que o *projeto de dizer* seja compreendido e que haja uma afinidade entre ambos os sujeitos, haverá sempre um *excedente de visão* que não permite que a representação de A se funda com a de B e vice-versa, mesmo que tais representações sejam próximas. As categorias arquitetônicas são constitutivas do *sujeito*, pois uma determinada *compreensão* (produção de sentido) pode ocupar a categoria *o-outro-para-mim* de um *sujeito A*, produzindo um sentido X, e ocupar a categoria, correlata, *eu-para-mim* de um *sujeito B*, produzindo um sentido Y.

Essa discussão acerca do *enunciado* parece-nos necessária, pois no *ato (postupok)* de interação entre os *sujeitos*, os *enunciados*, recortados metodologicamente para este trabalho, concretizam-se, ideologicamente, enquanto verdade (*pravda*), com toda sua carga *emotivo-volitivo-responsável*.

### **3.4. Os enunciados *fake news***

Formada a base teórica com os conceitos de linguagem e *enunciado*, que sustentam este trabalho, passemos a contextualização histórica do fenômeno abordado.

A criação de informações falsas para benefício próprio é tão antiga quanto a linguagem em si, mas fazendo um recorte e assumindo os riscos dessa escolha, retomamos o texto de Darnton (2017) no qual o autor aponta que no século XVI, na Itália, Pietro Aretino tentou explicitamente manipular a eleição do novo papa distribuindo notícias que, em sua maioria, eram falsas, próximo à Piazza de Navona, em Roma. Esse tipo de notícia, feita por meio de folhetins, ficou conhecido como *pasquinade*. De acordo com o historiador, mais tarde, no século XVII, esse tipo de notícia se apropriaria dos *canards*, “uma versão de

notícia falsa que foi vendida nas ruas de Paris nos duzentos anos seguintes<sup>20</sup> (DARNTON, 2017).

Isto é um fato interessante, pois já havia algo próximo das *fakes news* antes mesmo da discussão sobre *pós-verdade*, termo que foi eleito a palavra do ano em 2016 pelo dicionário de Oxford, sendo definido como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (ENGLISH OXFORD, 2016). A *pós-verdade*, ao nosso ver, se relaciona com o processo no qual a separação entre verídico e falso é colocada de lado, tendo em vista a posição e os objetivos do *sujeito* no mundo, ou seja, suas crenças religiosas, interesses particulares, ideologias etc.

Vale dizer, como acréscimo, que no levantamento historiográfico feito por Menger (2019), o autor cita:

De acordo com Vilela (2019), até o século XIX, o que se utilizava, nos países de língua inglesa, para denominar boatos enganosos era “*false news*”. De outra mão, Claire Fallon, em matéria para o jornal americano *Huffpost* (2017), diz que o termo já foi citado em 1891, pelo *The Buffalo Commercial*. (MENGER, 2019, p.139).

Além disso, outros autores, como Alcott e Gentzkow (2017), colocam uma problemática que precisamos enfrentar. Os autores assumem *fake news* sob três aspectos: **notícias intencionalmente falsas, passíveis de serem verificadas e com o objetivo de enganar o (e)leitor.**

O primeiro e o terceiro aspecto, **notícia intencionalmente falsa com o objetivo de enganar o (e)leitor**, são objetos de delicado trabalho no campo do discurso. Trabalhar a intencionalidade no campo bakhtiniano é uma tarefa difícil, mesmo o autor utilizando termos como *intenção discursiva*, *vontade discursiva*. No entanto, nada nos impede de discutir um *projeto de dizer* que se coloca para enganar o outro. Por exemplo, o analista do discurso, ao dizer que o *sujeito-enunciador* quer enganar o outro, acaba estabelecendo, quer goste, quer não goste, uma relação de possibilidade, isto é, ele cria uma hierarquia entre enunciador e enunciatário, entre aquele que pode enganar e aquele pode ser enganado. Tal posição arquitetônica obviamente não compreende o todo do processo de interação. Por isso, um analista bakhtiniano, enquanto um terceiro (um observador ativo e responsável), deve indicar quais os dizeres e os lugares que cada um desses dizeres ocupam na arquitetura daquele acontecimento, já que um simples adjetivo (*intencionalmente*), pode provocar uma

---

<sup>20</sup> Tradução sob responsabilidade do autor.

reação em cadeia que normalmente culmina com atos de discriminação, racismo, aporofobia, homofobia etc.

Deste modo, se entendermos que a notícia intencionalmente falsa vai além do ato de querer do sujeito, subjetivo, e envolve um conjunto de relações e representações que esse sujeito faz de si e do outro, podemos, sim, dizer que há uma *vontade discursiva* envolvida na enunciação de uma dada *fake news*.

O segundo elemento, **notícias passíveis de serem verificadas**, também precisa ser pensado com cuidado na perspectiva bakhtiniana. Desmembraremos a questão da *notícia/news* mais a frente, mas, já nesse momento, podemos assumir que as notícias se constituem enquanto práticas sociais, ou seja, são elaboradas por *sujeitos* em interações com outros *sujeitos* na e pela linguagem. O que nos leva a uma pergunta: O que seria, então, passível de ser verificado em uma notícia?

Estabelecer uma série de critérios com relação ao dizer em si, de maneira prescritiva, nos soa estruturalista e abstrato, já que não dá conta do constante movimento da língua e das práticas sociais. Tais critérios, que envolvem quem pode dizer, como pode dizer, onde pode dizer e quando pode dizer, não trabalham, ao nosso ver, com os sentidos produzidos no e pelo enunciado, mas com uma dada ordem que constrói os discursos e os sentidos possíveis dentro do funcionamento interno daquela ordem. Não estamos dizendo que esse ordenamento não existe, mas analisando o funcionamento dele e a *resposta* dos sujeitos, que são ativos, diante desse ordenamento. Sem um *projeto de dizer* bem elaborado e metódico, inclusive, as *fake news* não teriam enganado, via redes sociais, milhares, se não milhões, de eleitores nas eleições de 2018, pois eram enunciados-notícia *sem assinatura de um jornalista, em um ambiente não tradicionalmente jornalístico e escritos sem o rigor linguístico da esfera jornalística*.

Esses elementos característicos que acabamos de citar, ao nosso ver, se fundamentam em um ordenamento do discurso que remonta à proposta iluminista de analisar, descrever e interpretar o mundo sob um dado conjunto de critérios testáveis, replicáveis, enfim, científicos. Tal proposta permitiu a elaboração de diferentes áreas no campo científico, cada qual com seus próprios princípios teórico-metodológicos. O que a eleição de 2018 evidenciou foi a materialização do atual estado de abalo desse discurso científico ordenador que regia, mesmo que invisivelmente, grande parte das práticas sociais, tendo seu efeito decadente materializado principalmente nas plataformas de redes sociais. Movimentos antivacina e o terraplanismo já vinham se espalhando por essas redes, constituindo o solo movediço no qual aquela eleição presidencial de 2018 aconteceu.

No entanto, o ordenamento desses discursos, com suas características genéricas típicas, não foi abandonado por inteiro, mas em determinadas instâncias, como as redes sociais, um novo ordenamento ou desordenamento parece estar em curso.

É importante notarmos que um modelo não exclui o outro, já que a prática noticiária é utilizada, em algum nível, como referência para os elaboradores de *fake news*. Ou seja, do ponto de vista do produtor da *fake news*, o discurso que deve ser combatido (notícias das grandes mídias) é utilizado como modelo na estruturação do próprio enunciado *fake news*.

De qualquer modo, o gênero *notícia* possui suas especificidades discursivas, como possui a prática judiciária, religiosa, acadêmica etc. Uma dessas especificidades é o aspecto do *conteúdo temático*, pois a notícia, mesmo no seu sentido de espetacularização, sensacionalista ou demasiadamente dramática, apresenta um dado (um endereço, um dado estatístico, um nome, uma data). Esse aspecto mais material é importante, mesmo para uma perspectiva discursiva.

Por exemplo, se pegarmos os dados do censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2018<sup>21</sup>, referente à média de horas dedicadas aos cuidados dos afazeres domésticos por pessoas ocupadas, por sexo (horas semanais), veremos que as mulheres pardas ou pretas dedicam 18% das horas semanais para os afazeres domésticos, enquanto os homens pardos ou pretos dedicam 10, 6%. Esse dado foi coletado em um intervalo de tempo específico, catalogado, organizado e representado em gráfico. Poderíamos fazer diferentes notícias envolvendo esse mesmo dado, defendendo ideologias completamente diferentes inclusive. Poderíamos dizer, de um lado, que a diferença entre a percentagem de horas materializa como as mulheres ainda se dedicam mais do que os homens nos afazeres domésticos, seguindo e reproduzindo um funcionamento prático de uma sociedade machista. Por outro lado, poderíamos também apresentar que a diferença de percentagem entre o tempo dedicado aos afazeres domésticos pelos dois grupos significa materialmente que os homens contribuem sim para o funcionamento do lar, sendo a diferença mínima e não representativa. Apesar da divergência, no âmbito da representação dos dados, não podemos de maneira nenhuma dizer que as mulheres se dedicam menos do que os homens para os afazeres domésticos, criando um novo dado. Esse tipo de criação não pertence ao campo da notícia, por mais que ele se constitua de maneira parcial em virtude das ideologias que constituem os veículos de comunicação.

---

<sup>21</sup> Esses dados foram publicados em 2018, mas são referentes a 2016. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso em 16 mar. 2021.

Deste modo, esse dado da notícia ou do enunciado que se pretende noticiar algo, por assim dizer, é **verificável** e é com base nele que nos últimos anos diversas agências de checagem de fatos, no Brasil e no mundo, foram criadas. Além disso, o segundo aspecto, a **verificabilidade**, pode contribuir, de maneira substancial, para compreendermos como o *sujeito* político está interpretando um dado à luz de um *projeto de dizer* que se pretende a enganar o outro.

Apesar de concordarmos e reformularmos os três aspectos apontados por Alcott e Gentzkow (2017), cabe ainda uma última consideração com relação ao que os autores consideram como *não-fake-news*:

[...] exclui vários primos próximos de notícias falsas: 1) erros de comunicação não intencionais, como um recente relatório incorreto de que Donald Trump havia retirado um busto de Martin Luther King Jr. do Salão Oval da Casa Branca; 2) rumores que não se originam de uma notícia específica; 3) teorias da conspiração (estas são, por definição, difíceis de verificar como verdadeiras ou falsas, e geralmente são originadas por pessoas que acreditam que sejam verdadeiras); 4) sátira que dificilmente será interpretada como factual; 5) *declarações falsas de políticos*; e 6) relatórios que são inclinados ou enganosos, mas não totalmente falsos (na linguagem de Gentzkow, Shapiro e Stone 2016, notícias falsas são “distorção”, não “filtragem”). (ALCOTT e GENTZKOW, 2017, p. 214, *grifo nosso*)<sup>22</sup>

Selecionamos e destacamos o trecho acima devido a sua relação com o *corpus* que analisaremos mais à frente, pois entendemos, contrariamente aos autores, que uma *fake news* pode sim ser dita por um político e possuir os três aspectos supracitados, pois o fato de ser notícia está, para nós, no plano discursivo, que envolve o *tom*, o *plano composicional*, o *tema* e o *estilo*. Na verdade, tal possibilidade foi concretizada na eleição presidencial do Brasil em 2018, mas discutiremos esse assunto no próximo capítulo.

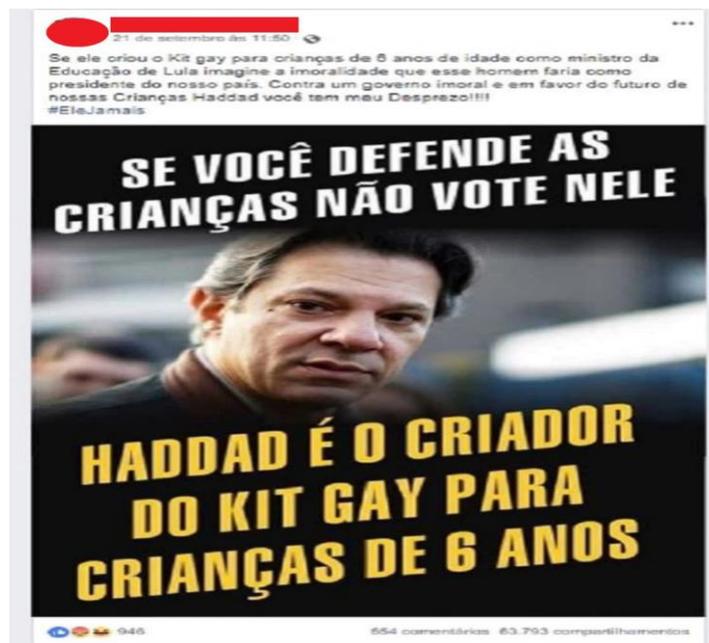
Avançando na reflexão teórica sobre o termo, primeiramente, faz-se necessário realizar uma separação entre os termos fake/false (falso) e news (notícia), pois como defini-los? Sob quais aspectos?

Tomemos uma notícia publicada em 19 de outubro de 2018 que foi enquadrada pelo jornal EL PAÍS (BRA) como *fake news* (BARRAGÁN, 2018). Trata-se de uma matéria comentando *fake news* que circulavam na rede social Facebook:

## **Figura 2.0 - Fake news nas eleições presidenciais brasileira de 2018**

---

<sup>22</sup> Tradução livre sob nossa responsabilidade.



Fonte: EL PAIS (2018)

Podemos nos questionar que aspectos a imagem acima possui referente ao gênero notícia? A resposta para essa pergunta pode estar em outra imagem, vejamos:

**Figura 2.1- Notícia esportiva de 2020**



Fonte: FACEBOOK (2020) <sup>23</sup>

<sup>23</sup> A publicação foi feita no dia 12 de março de 2020 às 10:15. A matéria redirecionava para o seguinte site (URL): [https://www.espn.com.br/futebol/artigo\\_/id/6755641/vamos-humilhar-esses-filhos-da-p-tv-flagra-insultos-de-jogadores-do-psg-na-vitoria-contra-o-dortmund?fbclid=IwAR17WqmFxQWjHfYyaVz6tfnuk-F3uyltocWQPIYZsywsgZq8WQWQ6XDSuLo](https://www.espn.com.br/futebol/artigo_/id/6755641/vamos-humilhar-esses-filhos-da-p-tv-flagra-insultos-de-jogadores-do-psg-na-vitoria-contra-o-dortmund?fbclid=IwAR17WqmFxQWjHfYyaVz6tfnuk-F3uyltocWQPIYZsywsgZq8WQWQ6XDSuLo). Acesso em: 19 jan. 2021.

Analisando a imagem acima, podemos constatar alguns aspectos gerais que compõem uma notícia *verbivocovisua*<sup>24</sup> publicada por um meio de comunicação convencional via rede social: 1) Agência de notícia conhecida e verificável; 2) Possibilidade de acesso à notícia completa via hiperlink do site da agência noticiadora; 3) Título da Notícia; e 4) Data e horário da publicação.

O primeiro aspecto que podemos destacar da **fig.2.1**, e talvez seja o mais importante, é a presença do logo da empresa, nesse caso, a ESPN (Entertainment and Sports Programming Network). Essa empresa, fundada em 7 de setembro de 1979 nos Estados Unidos, possui sede em vários países do mundo, inclusive no Brasil. Podemos dizer que essa empresa se dedica especialmente na divulgação e discussão de esportes em diversas modalidades. Deste modo, sabemos que se trata de uma companhia mundialmente reconhecida e especializada do tema esportivo.

O segundo aspecto da **fig.2.1** é a possibilidade de acesso à notícia completa. Percebemos isso por meio do título da notícia em negrito e do URL da agência de notícia logo acima.

O terceiro e último aspecto, que é de fato uma exigência formal do Facebook, é a hora e a data da publicação. Cabe destacar que se a notícia for acessada no mesmo dia de sua publicação, a plataforma só apresenta o horário da publicação.

Cabe agora retomarmos a **fig.2.0**, pois com exceção do terceiro aspecto (data e hora), esta não possui algumas das características mais comuns entre as notícias divulgadas por órgão confiáveis, como: título, agência noticiadora e possibilidade de acesso a matéria completa (como vemos nas **fig. 2.1** (acima) e **fig. 2.2** (abaixo)).

---

<sup>24</sup> Ver Paula e Serni (2017). Trata-se de uma concepção de linguagem que, ancorada nas discussões bakhtinianas, assume que o enunciado é sincrético, isto é, é composto por três semioses de linguagem: verbal, vocal e visual. Mesmo quando uma ou outra materialidade não está presente, sua existência ainda se marca via potência sígnica.

**Figura 2.2 - Notícias no/do Facebook**



**Fonte:** FACEBOOK (2020)

Na **fig.2.2**, podemos notar que todos os aspectos regulares dos *enunciados-notícias* de órgãos jornalísticos estão materializados, o que comprova certa recorrência de aspectos ligados ao *plano composicional* desse *gênero discursivo*.

Na **fig.2.0**, primeiro, não se trata de uma agência jornalística, não se trata de um jornalista e/ou não se trata de alguém que se utiliza do *plano composicional* da notícia jornalística para elaborar seu enunciado, que não retoma nem suscita a continuação em certo sentido dos padrões nomeados anteriormente.

Segundo, não há a possibilidade de verificação da informação apresentada ou de acesso à matéria completa via hiperlink, pois, diferentemente do jornalismo (*esfera de atividade*), o sujeito (internauta) da **fig.2.0** não se constitui a partir dos mesmos parâmetros de especificidade discursiva do *gênero* em questão.

A título de exemplificação, citamos um *meme* atual, no sentido proposto em Dawkins (2007), acerca da pandemia de coronavírus (COVID-19), no qual a investigação dos fatos é, simplesmente, desqualificada: “O coronavírus foi criado pela China, em laboratório, para dizimar a economia mundial. A CIA não descobriu, o MI6 não descobriu, mas o Carlos, terraplanista e eletricista de Jundiaí, percebeu tudo” (FACEBOOK, 2020). Essa impossibilidade de acesso à matéria completa acontece ora pela inexistência da mesma, ora pela falsificação das informações.

Sendo assim, identificamos que mesmo agências de notícia renomadas, como a EL PAÍS, não se utilizam de uma fundamentação teórica sólida acerca do que seja uma *fake news*, descrevendo outros fenômenos de linguagem como se fossem *fake news*.

Abordaremos, agora, a questão do conteúdo, isto é, o *fake* (mentira). Mesmo que a *estrutura composicional* do *enunciado-fake* se assemelhe a um *enunciado-notícia*, que é precisamente o que acontece nas, de fato, *fake news*, o conteúdo, além de precisar ser verificável, precisa se utilizar de alguma base material para realizar o processo de reconstrução ideológica de um dado/ocorrido. Para que a *fake news* não se confunda com outros fenômenos de linguagem, como apontam Alcott e Gentzkow (2017), a base material/dado da notícia parece ser um elemento indispensável, como era no caso dos textos do repórter e romancista Theodor Fontane:

McGuillen (2017) pesquisou as notícias fabricadas na Alemanha do século XIX por falsos correspondentes estrangeiros. Dado o alto custo de se enviar repórteres para o exterior, escritores da equipe local fingiram que estavam a enviar textos do exterior. Um dos casos mais emblemáticos é o de Theodor Fontane. Nos anos 1860, ele escreveu “de Londres” durante uma década para o jornal ultraconservador de Berlim, *Kreuzzeitung*, com minúcias e relatos pessoais emocionantes, sem nunca ter estado ali nesses anos. (DELMAZO, C; VALENTE, J, 2018, p, 156).

Vale destacar que Theodor já havia estado em Londres na década de 1850, logo conhecia bem os jornais ingleses (HÖMBERG, 2019). Ele lia então as notícias do New York Times, criava testemunhas oculares fictícias e narrava um acontecimento já noticiado, como aponta uma matéria de Walter Hömberg na revista Wiener Zeitung. Ao nosso ver, esse procedimento linguístico-discursivo, cujo próprio Fontane não desaprovava, não é muito diferente do fazer poético ou do fazer de um contador de história, mas a *esfera de atividade* na qual o jornalista enuncia é completamente diferente. Mesmo em um movimento realista, o poeta não se compromete a descrever ocorrido, checar as informações ou seguir um código de ética profissional estabelecido para legitimar seus enunciados, pois sua *esfera de atividade* não trabalha com tais aspectos. O próprio movimento de rompimento de uma métrica poética, como protagonizou os modernistas, demonstra como o gênero poesia e, conseqüentemente, o campo da arte se comporta de maneira diferente da *esfera jornalística*.

Quase um século e meio depois, o método utilizado por Fontane, apesar de enganar os leitores, ainda está presente no jornalismo do século XXI, na medida em que grandes compêndios noticiários se utilizam de notícias que saíram em jornais locais para divulgar uma notícia, acrescentando ou retirando determinadas descrições do ocorrido.

A questão do conteúdo é importante, pois o *tema* da *enunciação* é irrepetível. É justamente por isso que vale retomar as considerações de Roxo e Melo (2018) referentes ao atual debate acerca das *fake news*, pois contribuem para a reflexão acerca dos elementos linguístico-discursivos de uma notícia:

As notícias falsas, ao *emular* o texto jornalístico, reencenam também a performance discursiva que garante legitimidade ao jornalismo. Em sites com diagramações e endereços semelhantes (nos Estados Unidos: NationalReport.net, USAToday.com.co, denverguardian.com, WashingtonPost.com.co; no Brasil: correiodopoder.com, diariodobrasil.org, folhadopovo.com, entre outros) ao de portais de notícias, utilizando também imagens, ainda que falsas, para ancorar o que é dito, as *fake news* buscam acionar o mesmo código social compartilhado entre os jornalistas e seus leitores, código este responsável em grande parte pela autoridade jornalística. (ROXO; MELO, 2018, p.17, *grifo nosso*).

Analisando sob essa perspectiva mais ampla dos autores, o aspecto da *emulação* de uma informação falsa enquanto notícia parece-nos expandir a categorização de Alcott e Gentzkow (2017), já que a maioria das *fake news* não são realizadas por pequenos ou grandes jornais, mas por sujeitos que se passam por jornalistas. Especificamente, a definição de Roxo e Melo (2018) permite-nos expandir o critério de *notícia intencionalmente falsa*, possibilitando a análise de *fake news* via uma abordagem discursiva.

Emular um jogo é fazer com o game que foi planejado para uma dada plataforma seja executado em outra. Em outras palavras, ao *emular* um jogo de celular, por exemplo, em um computador, pretende-se realizar os mesmos comandos e obter a mesma qualidade do jogo gráfica no novo dispositivo. Porém, e esse é um grande porém, a *enunciação* se modifica, isto é, a prática de jogar um jogo no celular é diferente de jogar um jogo no computador, mesmo que o objeto (game) continue o mesmo. O fator mobilidade do celular implica em uma gama de possibilidades muito distinta de um computador, seja ele de mesa (desktop), seja ele um notebook. Cada aparelho, possui não só sua jogabilidade, mas também seu próprio ambiente de execução, mesmo que esse ambiente seja diversificado, como é o caso de um smartphone. Logisticamente, um computador desktop, por exemplo, não irá ser funcional para o usuário que queira jogar jogos na sala de espera de um consultório odontológico.

Assim, a *emulação*, dentro do campo discursivo da tecnologia, é a execução de um software em uma plataforma (hardware) diferente daquela projetada para ele, cujo propósito é permitir um funcionamento similar. No caso do presente trabalho, no qual analisaremos enunciados de *sujeitos-candidatos-à-presidência* do Brasil, podemos entender a *emulação* enquanto processo realizado pelos *sujeitos-candidatos* ao enunciar uma informação falsa baseando-se, pelo menos em parte, no modelo de funcionamento jornalístico de uma notícia.

Da mesma forma que na área da computação, podemos já indicar que não há como um *fazer-político* se tornar um *fazer-jornalístico* idêntico, por mais que o candidato enuncie a *estrutura* típica do fazer jornalístico.

Se partirmos do pressuposto que uma notícia televisiva não é dita apenas com palavras, mas também com gestos, expressões, entonações, posicionamentos de câmeras etc., devemos assumir que o processo de *emulação*, mencionado por Roxo e Melo (2018), se realiza tanto no verbal quanto em outras materialidades sígnicas que compõem o *enunciado-notícia* na televisão. Essas duas características discursivas (verbal e outras semioses) são elaboradas em acordo com o *gênero discursivo*, logo se subdividem em *plano composicional*, *conteúdo temático* e *estilo*, que entendemos se estender para além dos recursos fraseológicos, abrigo também os recursos de linguagem específicos que cada dimensão possui. Ora, o fato de a dimensão verbal possuir uma dada estruturação e descrição culturalmente mais conhecida (verbos, substantivos, advérbios, preposições etc.) não significa que o visual não possua, apenas explicita o domínio que a escrita possui em culturas ocidentais diante de outras formas de produção enunciativa. A semiose não-verbal é um leque de diferentes linguagens. A visualidade por exemplo, é composta por planos, enquadramentos, paletas de cores, gestos, jogos de luzes etc., sendo que cada um desses elementos é levado em consideração em uma produção visual, imagética ou cinematográfica.

O importante para este trabalho é analisarmos como o processo de *emulação* deixa escapar algo, em maior ou menor grau, algo *irreplacável* e *irrepetível* se pensarmos bakhtinianamente.

De modo geral, no contexto brasileiro contemporâneo, esse processo de *emulação* produz efeitos desastrosos para a sociedade, pois:

[...] não é mais apenas a substituição da verdade pela mentira, mas a paulatina destruição na crença em qualquer sentido que nos oriente pelo mundo. Em outras palavras, a mentira organizada contemporânea conduz a um cinismo niilista, uma *recusa em acreditar na verdade de qualquer coisa*. A descrença é a desistência da tarefa de fazer qualquer avaliação. Algo parecido acontece quando, no Brasil de hoje, se diz que todos os políticos são corruptos, como se não houvessem<sup>25</sup> aí distinções mais finas ainda a serem feitas (FEITOSA, 2017, s.p., *grifo nosso*).

Apesar de concordarmos que não é apenas a substituição da verdade pela mentira, discordamos de uma assertiva grifada acima, visto que não se trata de uma destruição de qualquer verdade (*istina*), mas da escolha de uma verdade (*pravda*) que

---

<sup>25</sup> Essa inadequação de concordância está presente no texto original.

melhor convém ao sujeito que está escolhendo. O escritor Olavo de Carvalho, agraciado com o mais alto grau da Ordem do Rio Branco pelo atual presidente da República do Brasil em 2019, defende abertamente tanto o que é chamado de contragolpe de 1964<sup>26</sup>, bem como o movimento antivacina (COLLETA, 2019), negando conhecimentos que foram organizados pela ciência ao longo da história da medicina e da própria história do Ministério da Saúde do Brasil. Conseqüentemente, não podemos de maneira alguma considerar que o excesso de informação, sejam elas verídicas, sejam elas falsas, produza *álíbis* na existência do *sujeito*, pois, mesmo a não “avaliação”, que Feitosa (2017) aponta, é também um *ato responsável* do *sujeito*, que age (querendo ou não) de uma determinada maneira. Inclusive,

O meu produzir abstração do meu lugar único, esta minha *suposta* desencarnação é por si mesma um ato responsável, realizado do meu lugar único, e todo o conhecimento conteudístico assim obtido – a sua possibilidade de dar-se como qualquer coisa é igual a si mesma - deve ser encarnado por mim, traduzido na língua do pensamento participativo, deve responder a pergunta: a que me obriga, ao meu *eu* como único, desde meu lugar único, o conhecimento dado. (BAKHTIN, 2010, p.107-108).

Essa discussão completa assim os insumos teóricos e conceitos que serão utilizados durante a análise dos *enunciados* dos *candidatos-à-presidência* da República durante a campanha presidencial de 2018.

### 3.5. As *fake news* nas eleições presidenciais de 2018

No Brasil, tendo em vista esse risco que comentamos no capítulo anterior, agências brasileiras como a Lupo e Truco, no modelo *fact-checking*, se tornam muito importantes para assegurar o prosseguimento da democracia não só, mas especialmente em períodos eleitorais. Por exemplo, de acordo com o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da USP (Universidade de São Paulo), durante o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Roussef, três das cinco notícias relacionadas ao processo mais compartilhadas no Facebook eram falsas.

Além dos dois objetos selecionados para a análise, reportagens e matérias jornalísticas (NASSIF, 2018; ASSIS, 2018) possibilitam-nos dizer que o fenômeno *fake news* se deu de maneira consistente nas eleições presidenciais do Brasil em 2018, visto que, no

---

<sup>26</sup> De um ponto de vista bakhtiniano, só interagimos com os acontecimentos por meio da linguagem e, por isso, é esperado que ideologias diferentes tendam a compreender um mesmo evento com contorno *volitivo-emocionais* distintos. Cientificamente, se pensarmos que até 31 de março de 1964 o Brasil ainda se constituía a partir de um modelo presidencialista democrático, isto é, por meio do voto da população, podemos, sem sombra de dúvida, afirmar que houve um golpe ou uma mudança forçada no regime vigente (DREIFUSS, 1987). Deste modo, o signo, contragolpe, apesar das evidências e dos esforços de historiadores e sociólogos em contrapor tal ideia, concretiza, ainda em 2020, uma visão de mundo que atende à determinadas ideologias, posicionamentos políticos e crenças religiosas.

mínimo, cinco de treze candidatos enunciaram *fake news* durante o período eleitoral, sendo que duas delas serão analisadas neste trabalho.

Ora, a credibilidade do jornalismo brasileiro, muito criticada por um lado e muito defendida por outro, como vimos nos autores acima, torna-se em si uma *arena* de disputa dos sentidos, não por noticiar ela mesma informações falsas, mas por veicular e legitimar informações *emuladas* como notícias. Veja bem, quando uma *fake news*, como veremos na análise, é enunciada em um dos canais de televisão mais assistido no Brasil, em um debate político, ela ganha contornos diferentes de uma notícia falsa que navega pelas redes sociais sem que consigamos identificar onde, quando e por quem ela foi criada. O compromisso assumido pelo *sujeito-candidato* ao dizer determinado enunciado (fake ou não) naquele acontecimento é singular e *responsável*. Mesmo que uma *fake news* seja repetida em outra ocasião, o sentido será outro – fato que acontece com o *contragolpe* de 64.

De fato, o jornalismo brasileiro parece gozar de certa credibilidade, pelo menos do ponto de vista do enunciador de uma *fake news*, que utiliza o *gênero notícia* como modelo para a criação de *fake news*.

## 4. ANÁLISE

### 4.1. A URSAL

A rede Bandeirantes de televisão (Band) promoveu um debate ao vivo entre os candidatos à presidência do Brasil no dia 9 de agosto de 2018. O programa ocorreu antes do primeiro turno das eleições daquele ano, contando com uma grande quantidade de candidatos: oito no total. O debate foi exibido via televisão, rádio e internet, simultaneamente, sendo composto de 5 blocos que, no total, duraram aproximadamente 4 horas e 16 minutos. Esses blocos eram compostos de perguntas feitas pelos leitores do jornal Metro aos candidatos e por confrontos diretos entre os presidencialistas. Esses confrontos seguiam as seguintes regras: 1) cada candidato podia ser escolhido por outro oponente por no máximo três vezes; 2) O tempo que um candidato tinha para perguntar a outro candidato é de 30 segundos; 3) A réplica e a tréplica eram limitadas a 45 segundos cada.

Recortamos desse debate o confronto direto entre o *candidato-Cabo Daciolo*, à época do partido Patriotas, e o *candidato-Ciro Gomes*, que representou o Partido Democrático Trabalhista (PDT) naquela eleição. Na sua vez de fazer uma pergunta para o *candidato-Ciro*, o referido deputado federal do Patriotas fez uma pergunta que gerou,

inclusive, a criação de diversos *memes* e vídeos humorísticos na internet. Vejamos o *corpus* 1:

**Candidato-Cabo Daciolo (CD):** *Ciro. [1] O senhor é um dos fundadores do Foro de São Paulo [1]. [2] O que o senhor pode falar aqui para a nação brasileira, para a população brasileira sobre o plano URSAL [2]? O que o senhor tem para dizer? Plano URSAL (União da República Socialista Latino-americana). Tem algo a dizer para a nação brasileira?*

**Candidato-Ciro (CG):** *Meu estimado Cabo, eu tive o prazer de conhecê-lo hoje e pelo visto o amigo também não me conhece. Eu não sei o que é isso, não fui fundador do Foro de São Paulo e acho que tá respondido. (BAND, 2018, 2:40:57 – 2:41:28, grifo nosso)<sup>27</sup>*

A primeira e coerente pergunta que poderíamos fazer é: diante de toda a reflexão que fizemos acerca das *fake news*, uso e etimologia do termo, o *sujeito-candidato Daciolo* criou um *enunciado-fake news*?

Mostramos a ausência de critérios da mídia jornalística, em geral, para definir esse conceito em outros eventos, e nesse caso não é diferente. Apresentaremos abaixo duas notícias que reforçam a necessidade de compreendermos as *fake news* a partir de critérios claros e concisos, visto que considerar qualquer notícia enquanto *fake news* é, na verdade, não saber o que é e o que não é uma *fake news*.

A revista Superinteressante publicou uma matéria no dia 13 de agosto de 2018 caracterizando a fala de *Cabo-Daciolo* (doravante *CD*) como uma *fake news*:

Na boca de Cabo Daciolo, o folclórico candidato à presidência do partido Patriota, a Ursal (União das Repúblicas Socialistas da América Latina) parecia a mais nova distopia panamericana da esquerda brasileira. O *negócio é que esse projeto geopolítico ambicioso é uma fake news* muito mais antiga: data de 2001, quando a socióloga Maria Lucia Victor Barbosa, crítica do PT, cunhou a sigla jocosa para alfinetar uma reunião do Foro de São Paulo. (VAIANO, 2018).

Na mesma direção, a agência El PAÍS publicou no dia 17 de agosto de 2018 uma matéria endossando o alerta do diretor da Open Society Fundation, que se referia ao debate entre os *sujeitos-candidatos* em questão:

[...] o fato de uma *fake news* ser levada a sério em uma eleição presidencial mostra como a desinformação contaminou o pleito (BETIM, 2018, s.p, grifo nosso)

As duas matérias jornalísticas acima reforçam a necessidade de uma melhor descrição do fenômeno *fake news* e, conseqüentemente, sua definição. Como discutimos

---

<sup>27</sup> A transcrição feita acima é para fins didáticos, pois trabalharemos, primeiramente, com a materialidade verbal.

anteriormente, concebemos *fake news* enquanto *enunciados-notícias intencionalmente falsas, passíveis de serem verificadas e com o objetivo de enganar o (e)leitor.*

Além disso, outro aspecto importante parece-nos estar também na veiculação desse *projeto de dizer* em larga escala diante das atuais condições tecnológicas, pois a *fake news*, como adotamos neste trabalho, pode ser enunciada por um médico, jurista, advogado, engenheiro, ministro e um também por um *candidato-à-presidência* do país, pois a base desse conceito está no processo de *emulação de um dizer falso* enquanto uma notícia verídica. Todos os profissionais listados acima, bem como os presidenciáveis em questão, estão, por razões históricas, ideológicas e culturais, inseridos em determinadas posições axio-ideológicas e gozam de certo poder ou credibilidade em certas práticas sociais. O regime democrático implica nessa credibilidade, já que um candidato é, na verdade, o representante de uma proposta de governança social.

Retomando o *corpus*, dentre os diversos *campos da atividade* humana, o jornalismo é o que, de acordo com o artigo número 12 do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, prima pela descrição dos fatos de maneira imparcial e objetiva, mesmo que isso acabe não se concretizando de fato, como nos aponta Castro-Dias e Villarta-Neder (2018). Contudo, nos apoiaremos, nesse momento, em uma matéria publicada por um meio de comunicação especializado na política das esquerdas da América Latina, em um documento oficial do Estado do Ceará e em uma declaração final do primeiro encontro do Foro de São Paulo, a fim de investigarmos o aspecto **verificável** da afirmação e da pergunta feita pelo *candidato-Daciolo*.

Analisando a primeira afirmação [1] feita pelo *CD*, faz-se necessário explicitar que o Foro de São Paulo existe de fato e, enquanto organização que divulga seus encontros via internet, o histórico com a bibliografia e, logo, os nomes de seus fundadores são verificáveis. De acordo com a revista Carta Capital (2014), conhecida pelo seu viés ideológico-político mais à esquerda, o Foro de São Paulo “É uma organização que junta vários partidos e movimentos sociais populares e de esquerda da América Latina e do Caribe. Ele foi fundado em 1990 pelo PT, do ex-presidente Lula e pelo Partido Comunista Cubano de Fidel Castro, entre outros” (CARTA CAPITAL, 2014, s.p.).

Além disso, o próprio site do Foro de São Paulo começou a disponibilizar, a partir de setembro de 2014, as declarações finais de cada encontro, inclusive daqueles ocorridos no passado. No primeiro encontro, realizado em 1990, encontramos a seguinte definição nas declarações finais:

Convocados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), reunimo-nos em São Paulo, Brasil, representantes de 48 organizações, partidos e frentes de esquerda da América Latina e do Caribe.

Inédito por sua amplitude política e pela participação das mais diversas correntes ideológicas da esquerda, o encontro reafirmou, na prática, a disposição das forças de esquerda, socialistas e anti-imperialistas do subcontinente para compartilhar análises e balanços de suas experiências e da situação mundial. Abrimos, assim, novos espaços para responder aos grandes desafios com os que se deparam hoje nossos povos e nossos ideais de esquerda, socialistas, democráticos, populares e anti-imperialistas. (FORO DE SÃO PAULO, 1990)

Temos, então, em termos de **verificação**, um documento com a declaração final do primeiro encontro do Foro de São Paulo e uma agência de notícia, conhecida por suas discussões acerca do campo político da esquerda, isto é, legitimada, pelo menos, nesse campo de discussão, dizendo algo diferente daquilo apontado pelo *CD*.

Há, ainda, um terceiro elemento complementar concreto para constatarmos a falsidade da afirmação [1] do *CD*: no ano de 1990, o cargo de governador do Estado do Ceará era ocupado por Ciro Ferreira Gomes, que à época era filiado ao partido político PSDB, cuja orientação política era de centro-direita (um tucano), como mostra o documento publicado em 2006 no site oficial do Estado do Ceará, com a relação dos deputados da 23ª Legislatura (1990-1994) (CEARÁ, 2006).

O *enunciado* [1] retoma, em termos de construção de uma *cadeia enunciativa multidirecional*, uma caracterização do *candidato-Ciro* que já vinha sendo feita há pelo menos um ano antes da eleição. Em uma palestra ministrada na data 14/11/2017, o referido candidato afirma “O Foro de São Paulo é um ajuntamento de múmias, eu nunca frequentei o Foro de São Paulo, a não ser uma vez, que me convidaram para fazer uma palestra. Sai de lá impressionado em como era os mortos vivos da América Latina” (GOMES, 2017, 00:54:51 – 00:54:24 min).

Não estamos analisando aqui se a participação ou não de Ciro Gomes na criação do Foro de São Paulo foi boa ou ruim, proveitosa ou prejudicial para a carreira do mesmo, pois arquitetonicamente tais considerações *emotivo-volitivas* podem variar. Estamos, de fato, analisando se houve ou não uma participação do referido sujeito na criação do Foro, o que, de acordo com dados apresentados acima, não houve.

O ponto dessa análise não se sustenta no dado em si, mas na sua verificabilidade, o que não é muito diferente de método de outras áreas do campo científico. Linguisticamente, uma afirmação pode ser composta de diferentes formas, por exemplo: Hoje está quente; O presidente é irresponsável; O candidato mentiu no debate presidencial;

e assim por diante. Esses três exemplos demonstram algumas possibilidades que a língua oferece aos sujeitos, o que via software computacional aumenta exponencialmente. O uso dessas variedades, porém, está em outro nível. A produção de sentido não é feita, ao nosso ver, com categorias prontas e fechadas, mas com *sujeitos*, vivendo, em interação com outros *sujeitos* na e pela linguagem. Se a premissa de sistema fechado fosse assim funcional, não haveria o já conhecido mal-entendido ou a interpretação, teríamos apenas que decodificar um dado transmitido de um emissor para um receptor.

Encaminhem-nos para o segundo destaque [2]: “O que o senhor pode falar aqui para a nação brasileira, para a população brasileira sobre o plano URSAL?”

Antes de compreendermos o que o *candidato-CG* responde ao *candidato-CD*, verificaremos, do mesmo modo que fizemos com o Foro de São Paulo, a existência concreta da URSAL. Nesse objeto, porém, não há como seguir os mesmos passos investigativos feitos na declaração [1], pois, como veremos, não há um site da URSAL ou algum grupo que assume tal caracterização e nomenclatura.

De acordo com a matéria publicada no jornal online OUTRASPALAVRAS, em 2018, sob o título Ursal e a ignorância sobre política externa,

Acredita-se que URSAL representa um projeto político de unificação da América Latina, o que implicaria na transformação de todos os países da região em uma única grande república. Como todo projeto político, essa unificação corresponderia a etapas progressivas até a consecução de seu objetivo final. Desse processo de integração regional estaria suposta a criação de uma nova entidade política que englobaria a referida área geografia sob o comando de um poder centralizado. (GONÇALVES; SOUZA, 2018)

Historicamente, o termo URSAL foi criado pela professora Maria Lucia Victor Barbosa em 2001, após a reunião do, já analisado, Foro de São Paulo, em Havana - Cuba. Apesar da autora afirmar não se lembrar exatamente em que veículo de comunicação foi publicado o texto chamado *Os companheiros*, como consta na sua entrevista ao jornal Folha de São Paulo (PELLOTI, 2018), realizamos uma pesquisa independente e avançada no mecanismo de busca Google e, baseando-nos metodologicamente pelas palavras chaves *os companheiros*, mencionadas especificamente por Maria Lúcia, e com um intervalo de tempo de janeiro de 2001 até dezembro de 2001, obtivemos dois resultados: 1) O referido artigo foi publicado em 8 de dezembro de 2001 na revista Folha de Londrina, no bloco de Opiniões; e 2) Esse mesmo artigo encontra-se também publicado no blog<sup>28</sup> de Olavo de Carvalho, porém foi postado no dia 9 de dezembro e não faz referência alguma à publicação da Folha

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/os-companheiros/#>. Acesso em: 14 abr. 2020.

de Londrina. Um último detalhe importante dessa pesquisa é o fato do blog, que (re)publicou o texto um dia depois da revista, aparecer primeiro na ordem de busca do mecanismo Google. A construção desses mecanismos, que determinam o que aparece primeiro no motor de busca, não faz parte do escopo deste trabalho, por isso, indicamos uma discussão feita por especialistas na área de tecnologia digital acerca desses processos<sup>29</sup>.

No artigo *Os Companheiros*, de maneira irônica, a professora se questiona:

Do alto do seu triunfo ele [Luiz Inácio Lula da Silva] soltou o verbo para gáudio de esquerdas e, para ser imparcial, direitas latino-americanas: 'É um projeto de anexação que os Estados Unidos querem impor. Será o fim da integração latino-americana'. Mas qual seria, me pergunto, essa tal integração no modelo Castro-Chávez-Lula? Quem sabe, a criação da União das Republiquetas Socialistas da América Latina (URSAL)? (BARBOSA, 2001, s. p.).

Vale destacar que a autora disse, depois da repercussão da fala do *candidato-Daciolo*, em Perotti (2018), "Isso é meu, olha onde foi parar, eu fiquei boba". Obviamente, a autora não esperava que tal construção irônica seria reelaborada, quase duas décadas depois, por um *sujeito-candidato* à presidência do Brasil, em um debate político, em rede nacional.

Do ponto de vista da **verificabilidade**, o que antes era uma crítica política irônica se tornou uma das *fake news* (no sentido que emprega os jornais) mais famosa da eleição de 2018, além servir de base para a criação de diversos *memes*, no sentido que Dawkins (2007) conceitua.

De um ponto de vista bakhtiniano, goste a socióloga ou não, queira ela ou não, sua crítica feita em 2001 está em relação com a fala de Daciolo em 2018, as duas falas compõem uma *cadeia enunciativa multidirecional* que responde e suscita outros enunciados. Se traçarmos uma linha temporal da ideologia antipetista, poderemos situar as duas falas, marcando como a ideologia de direita se articulou, em diferentes períodos, de forma a rivalizar com seu adversário. Situando-nos como um *terceiro* (alguém que leu as duas falas), mesmo que o *CD* não cite a autora, seu *ser-evento* no mundo se constitui, minimamente, a partir dela (do *ser-evento* no mundo), respondendo-a, concordando com a fala da autora. É justamente esse processo de diálogo que nos permite analisar os *acontecimentos* entre os sujeitos, *cotejando-os*.

Analisamos, até o momento, as falas [1] e [2] por meio da apresentação de documentos oficiais, matérias publicadas em jornais e pesquisas avançadas em

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/busca-no-google/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

mecanismos de buscas da internet, constatando que ambas as alegações são falsas. Constatamos também que a **verificação** de uma declaração feita por um candidato não passa, como aconteceu aqui, pelas mesmas etapas, pois, ao constatar que uma organização de fato existe, analisamos de que maneira ela própria se descreve, o que é diferente de uma declaração que se refere a uma organização que nunca existiu na sociedade, ou seja, não verificável.

#### 4.1.1. A enunciação no Debate

Até esse momento, verificamos duas declarações do *candidato-Daciolo* ([1] e [2]), conforme exposto acima. Esses dizeres foram constituídos sob um determinado *gênero discursivo*, por determinados *sujeitos* e em uma específica *esfera de atividade humana*. Analisar o *gênero discursivo* é importante para identificarmos quais *projetos de dizer* estão em curso e quais *vontades discursivas* os constituem. É sob essa concepção teórica de interação e com esses aspectos que analisaremos, agora, o processo de *emulação* de uma informação falsa enquanto verdadeira.

Primeiramente, precisamos identificar a *prática social* na qual está envolvida a fala do *candidato-Daciolo*. Trata-se de um debate político, isto é, um *gênero discursivo* no qual dois candidatos, dentre outras coisas, fazem questionamentos um ao outro. É difícil especificar um padrão de referência temática para os questionamentos, já que, a depender do *projeto de dizer* de um dos *sujeitos-candidatos*, a vida pessoal, crença religiosa, patrimônio capital etc. podem se tornar objeto da pergunta. Contudo, alguns temas são escolhidos, de maneira programada pelos organizadores do debate, para serem abordados nas falas dos candidatos, que têm autonomia para, por exemplo, ignorar tais temas. Dadas essas condições regulares de funcionamento do *campo de atividade político*, especificamente do *gênero debate político*, tais questionamentos são, em sua maioria, pensados e elaborados para favorecer o questionador e seu plano de governo (*eu*) em detrimento do questionado e seu plano de governo (*outro*), pois o objetivo é, afinal, ganhar votos.

O *gênero debate político* possui, na atualidade, outra característica importante, mas complexa: o alcance. Por um lado, em poucos segundos ou minutos, um pronunciamento feito on-line ou ao vivo na televisão pode alcançar milhões de eleitores, e isso é novidade - mesmo com a criação da Arpanet (precursora da internet) nos Estados Unidos, em 1969, a internet, sua sucessora, ficou fora dos debates políticos do país durante algumas décadas - para um país como o Brasil que não investe em tecnologia como outros países. Por outro lado, se analisarmos de um ponto de vista estatístico, ainda hoje, em

2020, o acesso à internet está disponível apenas em 67% dos domicílios no Brasil, como mostra a pesquisa TIC Domicílios, feita em 2018 e publicada em 2019<sup>30</sup>. Diante da pandemia do coronavírus (COVID-19) que assola o mundo em 2020, por exemplo, esses dados são importantes por diversos motivos, dentre eles: 1) Como realizar determinadas atividades, atualmente conhecidas como *home office* ou teleworking (trabalho à distância), sem conexão com a internet? e 2) Como pensar em um modelo de ensino à distância para todos os alunos sendo que para a realização concreta desse modelo todos precisam ter computador e conexão com a internet? Vale dizer que essas duas medidas para enfrentar a crise do novo coronavírus, recomendadas pela OMS<sup>31</sup> (Organização Mundial de Saúde), não estão, como mostram os dados estatísticos, disponíveis para todos os brasileiros. Esse assunto carece de estudos sistemáticos que levem em conta as diferentes condições sociais existentes no Brasil de 2020, o que para nós serve para elucidar que é nesse presente cenário político, social e tecnológico da segunda década dos anos 2000, de benefícios e malefícios, que as falas dos *candidatos-à-presidência* do Brasil foram proferidas, on-line.

Descrevemos, anteriormente, quais eram as regras do debate: tempo de pergunta (30 segundos), resposta (1 minuto e 30 segundos) e réplica e tréplica com 45 segundos cada. É de suma importância colocar que essa construção composicional não é universal, ou seja, não está inteiramente anexada ao *gênero debate político*, podendo se realizar de maneira diferente em *cronotopos* diferentes. Por exemplo, não existe um *único gênero debate*, fechado, acabado, trata-se de uma prática social que sofre mudanças a depender da *esfera de atividade*, da *vontade discursiva dos arquitetos do debate e dos debatedores*, enfim, da enunciação. Em Rosa (2010), a execução do *gênero discursivo debate* (regrado), realizado em uma escola pública, não seguiu as mesmas características apresentadas acima do debate político proposto pela Rede Bandeirantes de televisão.

De acordo com Bakhtin (2016), ao mesmo tempo em há diferenças entre as práticas sociais no nível da *estrutura composicional*, *conteúdo temático* e *estilo*, há também uma *relativa estabilidade* dos enunciados, o que leva o autor a considerar que nos *gêneros do discurso*: “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo [ou esfera] de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. (BAKHTIN, 2016, p.12, *grifo do autor*).

O debate, enquanto *gênero do discurso*, pode ser realizado em uma escola, em um encontro de juízes, em um bar de esquina, etc. seguindo, claro, as respectivas regras de

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.cetic.br/tics/domicilios/2018/domicilios/A4/>. Acesso em: 15 abr. 2020

<sup>31</sup> Recomendação da Organização Mundial da Saúde/ World Health Organization: Promote regular teleworking across your organization. If there is an outbreak of COVID-19 in your community the health authorities may advise people to avoid public transport and crowded places. Teleworking will help your business keep operating while your employees stay safe (WHO, 2020, p.7).

cada esfera de atividade. O debate político, em específico, tende desde a criação das novas tecnologias (televisão, rádio, internet) a ser concretizado com um alcance maior em relação ao debate escolar ou outros debates.

Agora que identificamos a *prática social*, parece-nos fundamental analisar as peculiaridades dos enunciados tendo em vista os três componentes – *estilo, conteúdo temático e plano composicional* – dos gêneros do discurso, conforme Bakhtin (2016), para interpretarmos o processo de *emulação* de uma informação falsa enquanto verídica.

O primeiro componente que escolhemos é o *estilo*. De acordo com Bakhtin (2016), alguns *gêneros discursivos* são mais abertos do que outros no tocante a liberdade do *estilo* do enunciadador, ele cita como exemplo: um *romance* permite ao seu criador um número maior de possibilidades gramaticais, fraseológicas, semânticas do que um *ofício*. Além disso, o autor russo continua, o *estilo* também é o componente responsável pela articulação das diferentes *vozes sociais* presentes no enunciado, que é colocado em diálogo com outras *vozes* de outros enunciados na *cadeia enunciativa multidirecional*. Assim, ao nosso ver, o *estilo*, por mais livre que seja o *gênero*, é um elemento que se cria de maneira intersubjetiva, ou seja, na interação entre dois *sujeitos*, pois não há *sujeito-autor* sem *sujeito-leitor*, um representa o outro durante sua produção de sentido na escrita/leitura. Dito isto, cabe agora retomarmos as duas declarações nesse momento para que os elementos apontados sejam mais facilmente localizados.

[1] O senhor é um dos fundadores do Foro de São Paulo.

[2] O que o senhor pode falar aqui para a nação brasileira, para a população brasileira sobre o plano URSAL?

Vale a pena destacar as escolhas (*postupok – atitude responsável*) estilísticas feitas pelo *candidato-Daciolo* na construção do seu enunciado. O pronome de tratamento utilizado, *senhor*, estabelece uma relação formal, cordial, isto é, de que há algum nível de respeito frente ao seu adversário político. Destacamos novamente que, de uma perspectiva bakhtiniana, o pronome em si não estabelece relação dialógica nenhuma, ele é uma unidade da língua, mas, ao se tornar ou compor um enunciado concreto, pode, além do aspecto que acabamos de analisar, estabelecer, em alguns casos, uma relação de hierarquia e obediência entre os interlocutores, como em uma ordem militar ou em uma interação entre uma pessoa jovem e uma pessoa de idade avançada. O pronome *senhor*, enquanto componente de um enunciado, pode receber valorações axiológicas diferentes a depender do *tom* e dos participantes da interação, sendo que essas axiologias são positivas ou

negativas, de respeito ou de ironia, verídicas ou falseadas. Essas construções nem sempre são binárias, apesar de ser o caso nos dois enunciados que recortamos, mas são, inevitavelmente, calcadas em uma realidade ideológica, social, cultural e política. Assim, não podemos analisar o *estilo* do autor do enunciado sem uma complexa análise do contexto social e ideológico no qual este sujeito se constitui.

De acordo com Motta (2019), em um artigo escrito antes das eleições realizadas em outubro de 2018, o autor descreve o movimento axio-ideológico anticomunista e antipetista que tomou de uma parte da sociedade brasileira

Nesses tempos de guinada direitista, igualmente digno de nota é o intenso uso de foices e martelos e imagens de Marx, Guevara e outros símbolos comunistas na propaganda antiesquerdista. Uma das mais expressivas manifestações simbólicas do fenômeno é a oposição das cores nacionais, o verde-amarelo, ao vermelho da esquerda. (p.1)

De certo modo, se considerarmos que nenhum movimento político, no sentido partidário, é criado sem estabelecer relação com outros movimentos políticos que também respondem às condições sociais de seus tempos, podemos expandir o raciocínio do autor. De fato, a “guinada direitista”, como nomeia o pensador, parece-nos ser um movimento político em uma relação íntima com o período ditatorial que durou de 1964 a 1985, principalmente nos ideais nacionalistas, religiosos, anticomunistas.

Esse cenário político, aliado às condições tecnológicas, produziu no Brasil uma polarização de tal proporção que há muito não acontecia no país, principalmente, nas eleições presidenciais. Tendo em vista esse panorama, os candidatos à presidência de 2018 tiveram que se decidir entre um lado e outro (direita / esquerda), fato que ficou marcado pelo *signo ideológico* e movimento *lula livre e ele/não*<sup>32</sup>. Nessa polarização, qualificações *emotivo-volitivas* não faltaram: De um lado, os apoiadores da prisão em segunda instância do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva eram nomeados, pelos seus adversários, como fascistas, machistas, homofóbicos etc. e defendiam, no geral, projetos como a *escola sem partido*, combate à *ideologia de gênero* e luta contra o *comunismo e marxismo cultural*<sup>33</sup>. Do outro lado, os apoiadores da libertação do referido ex-presidente eram chamados por seus adversários de defensores de bandidos, comunistas, esquerdopatas, etc. e defendiam bandeiras como a equidade salarial e de gênero, direito de defesa, combate à homofobia e liberdade de expressão. Não objetivamos, de maneira alguma, generalizar as adjetivações de cada grupo, estamos apenas contextualizando, semanticamente, como um grupo era

<sup>32</sup> Para mais detalhes, ler Schreiber (2018). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45702409>. Acesso em: 19 jan. 2021.

<sup>33</sup> Para mais detalhes, ler matéria em Veja (2019). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/glossario-de-bolsonares-para-entender-o-novo-governo/>. Acesso em: 19 jan. 2021.

referenciado pelo outro, pois, por mais que houvesse dissidentes em ambos os lados, ser colocado em um dos lados, significava, durante esse período, ser excluído do outro lado.

Citamos, como exemplo dessa polarização apontada, quatro falas dos próprios candidatos à presidência do Brasil, sendo elas do mesmo debate das duas falas do *CD* analisadas até aqui:

**Candidato-Álvaro dias:** [...] vou continuar combatendo os privilégios e combatendo a corrupção. Por isso, já convidei publicamente o juiz *Sergio Moro*. (43:44 - 44:08 min, *grifo nosso*)

**Candidato-Guilherme Boulos:** Boa noite Boechat, boa noite candidatos, boa noite a todos e todas que nos assistem na sua casa. *Boa noite ao ex-presidente Lula, que deveria tá aqui, mas tá preso, injustamente*, em Curitiba, enquanto o Temer tá solto lá em Brasília. (51:09 - 51:23 min, *grifo nosso*)

**Candidato-Cabo Daciolo:** [...] Quero deixar bem claro que no nosso governo o *comunismo não vai ter vez*, deixa muito claro isso. (2:41:52 – 2:42:00 hora, *grifo nosso*).

**Candidato-Bolsonaro:** [...] Muita gente, honesta, entrou no SPC *acreditando na política do PT*, acreditando que o emprego viria ou que não perderia o seu emprego. *Veio a corrupção, veio a roubalheira*, e aqueles que compraram uma geladeira, uma máquina de lavar roupa, até mesmo um ferro elétrico, teve que devolver. (2:44:15- 2:44:34 hora, *grifo nosso*)

A existência de quatro falas de quatro candidatos diferentes, dentre os oito presentes na corrida eleitoral, já implica materialmente como a binarização política daquele contexto importava para a produção dessas falas. De certo modo, as falas acima expõem que até um *sujeito-candidato* de centro (Álvaro Dias), no espectro político, assumiu um dos dois lados, já que o juiz convidado era o mesmo responsável pela prisão do ex-presidente Lula. Ao nosso ver, isso valida a análise política feita em Motta (2019).

Esse levantamento do contexto histórico-político que fizemos demonstra, ainda, como que os *estilos* nos enunciados de ambos os lados eram bem marcados axio e ideologicamente. Ao mesmo tempo que individuais, esses *estilos* polarizados de direita e de esquerda tendiam a ficar em acordo com a *relativa estabilidade do gênero debate político*, como: não agredir verbalmente o outro candidato e/ou ofender o adversário. Esses comportamentos foram, inclusive, colocados como regra pela própria organização do debate, feito pela emissora Bandeirantes. O rompimento de uma dessas condutas acima permitia ao *sujeito-candidato* ofendido o pedido de direito de resposta, que era analisado por um grupo de jornalistas e especialistas políticos escolhidos pela organização do debate.

Retomando a relação de respeito criada pelo uso do pronome *senhor*, vejamos se ela é verídica ou é apenas um elemento guiado pelo *tom-emotivo* do *enunciador*, que pretende enganar o eleitor com base na *emulação* de uma informação falsa enquanto

*enunciado* verídico, a partir da construção de uma imagem de respeito e de distanciamento. Temos no primeiro recorte [1] o verbo *ser* conjugado na segunda pessoa<sup>34</sup> do modo indicativo, composto por um verbo gramaticalmente conhecido como *verbo de ligação*, ou cópula, que nesse caso liga uma dada característica (*um dos fundadores do Foro de São Paulo*), chamada de predicativo do sujeito/objeto, a um sujeito (*senhor*). Em outras palavras, trata-se de uma relação de predicação, isto é, um sujeito que é, foi ou vai ser alguma coisa.

De um ponto de vista gramatical, normativo, não há outro equívoco gramatical por parte do *sujeito-candidato-Daciolo*, exceto no caso da conjugação da pessoa (vide nota 33). Além disso, analisando a *oração*, como gostaria os *objetivistas abstratos*, poderíamos substituir paradigmaticamente o referido predicativo por outro, de mesma classe, como nos exemplos: O senhor é **belo**; O senhor é **canalha**; O senhor é **mentiroso**; dentre outras construções. Isso significa que identificar a classe, conjugação de modo, pessoa e tempo não são suficientes para analisarmos os processos de sentidos envolvidos em uma interação entre *sujeitos*.

Nesse caso, há ainda, se considerarmos o processo enunciativo desse diálogo, uma dupla qualificação ou predicação, pois o *sujeito-Daciolo* não só predica uma suposta participação do seu adversário em instituição falsa, como também predica o seu próprio adversário sob um determinado tratamento. Ora, trata-se de um dizer que é criado com base em um interlocutor vivo, impossível de ser representado ou descrito na sua totalidade, visto que a vivência, seja do *eu*, seja do *outro*, sempre *excede à visão* que um tem sob o outro, *singularizando* cada sujeito a partir de cada visão. A própria língua não consegue fazer essa representação totalizante, já que ao escolher *senhor*, por exemplo, o candidato não pode escolher concomitantemente *grande amigo*, *caro adversário*, *respeitável* *Ciro* etc., sob pena de se criar um possível efeito de comicidade, o que certamente não é o caso do *projeto de dizer* empreendido por *CD*. Assim, a *escolha* do referido pronome de tratamento não é apenas uma escolha linguística, mas, antes de tudo, ideológica por natureza, pois implica na escolha no tratamento de seu adversário de uma maneira e não de outra.

Se analisarmos a questão do cenário político e tecnológico explorado acima, podemos identificar como o título *ser fundador do Foro de São Paulo* se torna um elemento que instaura o *adversário-candidato* em dado *lugar*<sup>35</sup> no mundo, que é bom axiologicamente

---

<sup>34</sup> Apesar da norma culta acusar que o correto seria a grafia *es*, pois agrega uma informação ao seu interlocutor imediato (*tu*), na fala, mesmo na norma padrão, tal diferenciação se restringe, na maioria dos casos, ao discurso religioso ou por determinadas regionalidades.

<sup>35</sup> Assumimos a conceituação de *lugar-outro* de Oliveira, Castro-Dias e Custódio (2018). Para fins dessa análise, destacamos apenas a característica social, ideológica, cultural de um sujeito que vive no mundo de maneira *responsável*, sem um *álibi* para sua coexistência com o outro. Por exemplo: esse lugar pode ser,

para alguns e ruim axiologicamente para outros, a depender do viés político do eleitorado. Vale retomar que o referido *Foro* é composto por “forças de esquerda, socialistas e anti-imperialistas do subcontinente para compartilhar análises e balanços de suas experiências e da situação mundial” (FORO DE SÃO PAULO, 1990). Sabendo dessa bandeira da organização, o *candidato-Daciolo* se propõe então, *emotivo-volitivamente*, a situar o seu adversário no lugar político da esquerda. Realizar tal empreendimento, no contexto político-polarizado analisado, como coloca Motta (2019), significa instaurar um inimigo comum, o que rompe com a aparente cordialidade, pois dizer *senhor* em um contexto no qual o seu inimigo “não tem vez” é, na verdade, não uma demonstração de respeito, mas uma parte de um processo de *emulação*, que vai desde o enunciado até as representações dos *sujeitos*.

É importante notar como que o *tom* modifica as características dicionarizadas da palavra *senhor*. No enunciado do *CD*, toda a aparente cordialidade se concretiza como um engodo diante do *tom* da fala desse *sujeito-candidato*. Todos os recursos gramaticais, fraseológicos e morfológicos compõem o *estilo* de um enunciado, mas vale lembrar que o *enunciado* é irrepetível, logo, o *estilo*, por consequência, também o é. Ou seja, não é apenas o ano 2018 e o contexto político polarizado que modifica o(s) sentidos do pronome em questão, mas é também o *projeto de dizer* (inimizar o outro) e o *tom* no qual o *sujeito-candidato-Daciolo* enuncia. Em outras palavras, ao colocar seu adversário no espectro político da esquerda, que já estava desgastada desde o impeachment em 2016, o *CD* também se situa enquanto inimigo dessa esquerda. Deste modo, discursivamente, o *Foro de São Paulo*, no cenário descrito acima, é algo do campo inimigo (dos esquerdopatas, petralhas, comunistas...), o que na perspectiva do *CD* (*outro-para-mim*) significa: algo a ser combatido. Ao nosso ver, a instauração de um inimigo a ser combatido não deveria ser um processo exequível em um regime democrático, no qual todos que seguem esse regime podem e devem ter *voz* e ouvir ativamente aqueles que pensam diferente. *Projetos de dizer* como o do *CD* revelam certa imaturidade do regime democrático brasileiro, que ainda não elaborou mecanismos para se autoprotger contra discursos e regimes totalitários. Estamos chamando o regime democrático de imaturo no sentido de ainda precisa de ações que visem salvaguardar os direitos constitucionais previstos na Constituição Federal brasileira de 1988, ainda que esse rompimento seja proposto de dentro, isto é, por parlamentares e governantes eleitos via votos da população. A manutenção desses direitos implica não só na atenção a discursos ufanistas, como vemos nos enunciados de Daciolo, como também nos seus desfechos, mesmo que as medidas tomadas se deem apenas em um nível administrativo.

---

no contexto do enunciado analisado, do esquerdista comunista ou do fascista liberal, como os dois grupos se nomearam durante e pós-eleição presidencial.

Ainda quanto às escolhas fraseológicas (*estilo*) do CD, o objetivo de um candidato-à-presidência do Brasil é vencer a campanha. Para realizar esse objetivo, os sujeitos-candidatos utilizam de dados geográficos, sociológicos, econômicos, sobretudo os estatísticos, para criticarem os projetos de seus adversários e defenderem os seus, ou seja, há uma base na realidade material ou um aspecto verificável nos argumentos. Tendo em vista o cenário político, social e histórico de 2018, o candidato-Daciolo optou, porém, por não utilizar inteiramente desses dados estatísticos, visto que um *revisionismo histórico*<sup>36</sup> se encontrava pujante àquela época e a descredibilidade da ciência parecia cada vez mais explícita. Em 2018, de acordo com a com o Índice Anual do Estado da Ciência (State of Science Index - SOSI), pesquisa global da empresa 3M, 39,7% da população tendia acreditar em dados científicos apenas quando validados por suas crenças pessoais (3M, 2018).

Sabendo e participando desse contexto, o CD não só se insere nesse grupo dos 39,7%, como evidencia a existência desses sujeitos. É justamente desse lugar no mundo que possibilita a criação e divulgação de declarações falsas, não só criando organizações inteiras, como também difamando, sob a óptica de certos eleitores, o seu adversário.

Argumentamos, então, que a cordialidade superficial do enunciado [1] é, nesse caso, parte do processo de *emulação* de uma declaração falsa enquanto verdadeira (*fundador do Foro de São Paulo*), cujo propósito é favorecer o autor diante do contexto político polarizado e corresponder às exigências (regras) estipuladas para aquele debate político em específico. Nesse sentido, é plausível interpretarmos que o pronome de tratamento é utilizado de modo irônico pelo candidato-Daciolo, pois não há reciprocidade entre o tratamento dado pelo referido candidato ao seu adversário e suas convicções político-ideológicas.

Após identificar o *tom* de distanciamento e a ironia no tratamento ao outro, prossigamos para o enunciado [2].

O mesmo engodo analisado em [1] encontra-se presente nessa declaração, até porque é o dizer seguinte na fala do CD. Esse processo de *emulação* de uma *tom emotivo-volitivo* (*emula-se* um respeito ao outro) enquanto efeito ideológico leva em conta vários elementos.

---

<sup>36</sup> Estamos chamando de *revisionismo histórico* todo e qualquer processo no qual uma série de conhecimentos, sejam eles científicos ou históricos, são questionados com base em hipóteses não-científicas e objetivos individuais. Nesse processo, encontram-se, por exemplo, concepções de que a Terra é plana e de que o nazismo foi um movimento de esquerda, mesmo que cientistas e historiadores apresentem o contrário.

Bakhtin discute no seu texto *O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas* como o enunciado responde algo e orienta-se para uma resposta, afirmando: “a palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta, e assim *ad infinitum*” (BAKHTIN, 2011, p.334). Nesse processo, ao enunciar, o *sujeito* não só antecipa uma recepção do outro, mas também uma resposta desse outro e isso está materializado precisamente no *estilo* do enunciado do CD, que escolhe um modalizador para sua pergunta: o que o senhor *pode falar...* Esse *pode* tem três implicações no processo enunciativo interno no qual o CD elabora sua pergunta: ele antecipa a resposta do seu interlocutor, *candidato-Ciro*, julga que este não *pode* falar toda a verdade (situando-o como um representante do plano comunista), e elabora o seu enunciado com um determinado *estilo* e em um *tom*, o que produz a *emulação* da mesma forma que quando utilizou o pronome *senhor*, pois ele pergunta algo que não pode ser respondido. A *emulação* está no rastro do processo que o CD faz de colocar-se em um *lugar-outro*, pois, por esse *lugar-outro* ser demasiadamente estranho às convicções e posicionamentos do lugar no mundo que o CD ocupa, rastros desse posicionamento são deixados na enunciação desse sujeito. Esse mesmo tipo de marca, linguística, como estamos vendo, também se encontra na definição de URSAL, já que na sua criação o termo era *republiqueta*, não *república*. Essa alteração no substantivo alça o *status* da URSAL, que no início foi uma zombaria de Maria Lucia Victor Barbosa, ao patamar daquele defendido pelo Foro de São Paulo, isto é, uma América Latina forte e unida contra os ideais imperialistas norte-americanos. Tal alteração produz sentido e nos permite afirmar que o lugar no mundo do qual enuncia o *sujeito-candidato-Daciolo* parece não condizer com a realidade material histórica da sociedade brasileira. Não se trata de ser mais uma perspectiva ou forma de ver o mundo, que parece ser o caso do relativismo que se faz na visão *pós-moderna*, pois a perspectiva política desse *sujeito-candidato* não parte dos mesmos elementos fundantes que as outras: a ciência. Aprofundaremos essa questão ao trabalharmos o conceito de *istina* no capítulo seguinte.

A não resposta, como sugerimos ser o caso da fala [2] do *candidato-Daciolo*, acontece, de acordo com Bakhtin (2011), quando há separação entre intenção concreta e intenção de audibilidade e inteligibilidade: “O rompimento entre eles só acontece na palavra deliberadamente falsa, isto é, naquela que visa a enganar (o rompimento entre a intenção concreta e a intenção de audibilidade e inteligibilidade)” (p.334). No nosso entendimento da construção teórica do pensador russo, trata-se de uma separação entre o dizer concreto, que é uma resposta a outro enunciado, e sua *inteligibilidade*, visto que este enunciado não é elaborado tendo em vista o processo de compreensão do mesmo pelo enunciatário; pretende-se ser ininteligível. Contudo, na nossa visão, esse processo de gerar uma não-

compreensão é também um *projeto de dizer*. Se fazer não-entendido pode também estar nos planos do *sujeito-enunciador* e, como tal, pode tanto ter um maior nível de sucesso, em virtude da *vontade discursiva* que coordena o enunciado a partir de um tom *emotivo-volitivo*, quanto ter um maior fracasso, que seria, como é o caso analisado, ser respondido.

Não há *álibi* para o *sujeito-candidato-Ciro* que escuta *ativamente* o referido enunciado e, compreendendo o *projeto de dizer* de seu adversário, que objetiva difamá-lo diante dos eleitores do espectro político da direita, assim, o *responde*: “– *Eu não sei o que é isso, não fui fundador do Foro de São Paulo e acho que tá respondido*” (BAND, 2018, 2:41:28).

Parece-nos, assim, que a definição bakhtiniana acerca da palavra falsa (BAKHTIN, 2011, p.334), isto é, da separação entre intenção concreta e intenção de audibilidade e inteligibilidade, precisa ser vista sob o ponto de vista arquitetônico (*eu-para-mim, eu-para-outro, o-outro-para-mim*) de todos os sujeitos envolvidos na interação em um acontecimento, pois a não-inteligibilidade proposta por Daciolo, por exemplo, é entendida (*compreendida*) pelo seu adversário como *tática*<sup>37</sup> política e, logo, necessita ser respondida. Trata-se de uma *tática*, pois a narrativa do *CD* é construída calculadamente com base em uma realidade falsa, já que os dados apresentados pelo mesmo são verificadamente falsos.

O percurso que fizemos pelos recursos estilísticos do enunciado nos permitem analisar e interpretar, agora, o *tema* ou o *conteúdo temático*, pois entendemos que não há como analisar este aspecto sem analisar a construção estilística, determinada pela situação social mais imediata e pela *vontade discursiva*. A análise do *estilo* autoral do *CD* nos mostrou de que maneira os elementos linguísticos são elaborados em virtude do *projeto de dizer* e *ideologia* do referido *sujeito-candidato*. Por exemplo, o uso do pronome de tratamento (senhor), de um modalizador (pode) e a definição de um terceiro (nação brasileira) indicia que o enunciado não só assume os aspectos mais típicos de um debate político, como também aborda de maneira unicolorrente uma forma de relação e representação do outro que não condiz com a ideia de debate, seja ele político ou não. Trata-se da aniquilação do outro enquanto um projeto, que é sustentado por uma *ideologia* também destrutiva.

---

<sup>37</sup> Utilizamos a conceituação de Certeau (1998) acerca *tática* enquanto estratégias de linguagem, o que no nosso entender encontra diálogo com o contexto que descrevemos com base em Motta (2019). “Com respeito às estratégias (cujas figuras sucessivas abalam esse esquema demasiadamente formal e cujo laço com uma configuração histórica particular da racionalidade deveria também ser precisada), chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia... Ela (*tática*) opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (CERTEAU, 1998, p. 100).

Investigaremos mais dois elementos nos *enunciados* do *candidato-Daciolo*, porém, já a partir dessa análise do *estilo* e do *gênero discursivo*, podemos retomar as definições que fizemos acerca das *fake news* nas considerações teóricas.

O quadro abaixo nos permite, à luz dos três critérios escolhidos neste trabalho e dessa análise que fizemos do *estilo*, afirmar que as duas declarações feitas pelo *candidato-Daciolo* são: *enunciados*, pois retomam dizeres e suscitam outros dizeres; são falsos (*fakes*), pois os dados não correspondem com a realidade; e não são notícias, pois, apesar de diferentes matérias jornalísticas apontarem como tal (VAIANO, 2018; BETIM, 2018), não se utiliza dos mesmos traços que indicamos no capítulo 3.4.

#### Quadro 1.0 - Qualificação de *fake news*

|                       | Notícia falsa ( <i>emulada</i> ) | Verificável | Intenção de enganar |
|-----------------------|----------------------------------|-------------|---------------------|
| [1] Foro de São Paulo | ---                              | X           | X                   |
| [2] URSAL             | ---                              | ---         | X                   |

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA

O processo de *emulação* está presente no enunciado, não no sentido de *emulação* de uma notícia, mas na proposta de tornar verídico um dado falso. O *projeto de dizer* do *candidato-Daciolo* se utiliza, estilisticamente, desse processo *emulatório* e de uma *tática* no seu embate destrutivo com outro. Destacamos ainda que o processo de verificação, não marcado no enunciado [2] do quadro acima, deve-se a inexistência da Organização URSAL, se compararmos com o Foro de São Paulo. Em virtude do funcionamento das *fake news*, partimos do processo de constatação, isto é, a verificação é um processo utilizado para comprovar os dados ou alegações feitas pelos candidatos, não um processo para provar a inexistência do conteúdo de tais alegações.

Apesar desse caso não *emular* uma notícia, um mesmo *gênero do discurso* pode se ocupar de *temas* diferentes e alguns, como o *debate político*, podem se ocupar de diversos temas consecutivos, como: economia, saúde, segurança, educação, comunicação, entre outros. Porém, na perspectiva bakhtiniana, *tema* e assunto são coisas distintas, pois o *tema* está interligado ao processo único e irrepetível da enunciação. Essa afirmação que fizemos parece-nos estar em acordo com consideração de Brait e Pistori (2012) acerca do conceito de *tema*:

O **tema**, que não pode ser confundido simplesmente com assunto, é tratado de forma detalhada, podendo ser assim resumido: (i) o conjunto dos significados dos elementos verbais da obra é um dos recursos para dominar

o tema, mas não o tema em si mesmo; (ii) constitui-se com a ajuda dos elementos semânticos da língua; (iii) não é uma palavra isolada que está orientada para o tema, mas o enunciado inteiro como atuação discursiva; (iv) advém do enunciado completo/obra completa enquanto ato sócio-histórico determinado, sendo, portanto, inseparável tanto da situação da enunciação como dos elementos linguísticos; (v) não pode ser introduzido no enunciado e encerrado. (BRAIT; PISTORI, 2012, p.384, **grifo das autoras**).

A nossa conclusão de que o *tema* de ambas as falas de Daciolo é a ideologia e não a política, pode ser questionada, mas destacamos que a política, na sua acepção de organização e ações de grupos que vivem na *pólis*, implica na possibilidade de debate acerca das ideias desses diferentes grupos, o que não é o caso dos trechos analisados devido ao *tom*. Inclusive, o enunciador, *candidato-Daciolo*, deixa claro em outro momento do debate que *o comunismo não vai ter vez* no plano de governo dele, rechaçando qualquer discussão produtiva que poderia ser feita entre partidos mais alinhados à esquerda e sua futura governança. É nesse sentido que entendemos que a *ideologia* é o *tema* do enunciado analisado, pois trata-se, como faz o *CD*, de assumir uma *visão/ação* de mundo *outra* (contrária) não como parte da sociedade, mas enquanto algo que deve ser combatido, silenciado, menosprezado, *não ter vez*. Além disso, ressaltamos que o nosso entendimento de que a ideologia é *tema* do enunciado analisado, completa todos os quatro aspectos apontados pelas pesquisadoras bakhtinianas, não sendo nem um *tema* encerrado com o *CD*, nem tendo sido iniciado por ele.

Assim, esse *tema*, que não é apenas o assunto, estabelece certas relações entre os sujeitos debatedores, sendo que essas relações são, de fato, situadas em determinado tempo/espço e entre sujeitos unioerrentes, ou seja, que estão sendo no mundo. O que o *CD* faz, sob a sua posição arquetônica (*eu-para-o-outro*), é evidenciar uma verdade ocultada pela esquerda e/ou pela mídia, alertando a população brasileira acerca de um suposto histórico do seu adversário. Só que não se trata apenas de uma declaração, nem só de uma informação apresentada em um meio de comunicação, mas é uma *emulação* de uma informação falsa enquanto revelação verídica. Na verdade, o *CD* se insere não só em uma *cadeia enunciativa multidirecional*, como mapeamos durante o processo de **verificação**, mas em toda uma disputa acerca do saber. Não há, nos dois enunciados do *CD*, nem uma cópia de um dizer anterior, nem a constatação de um conhecimento amplamente reconhecido socialmente. Aliás, como aponta Medviédev (2012),

Seria ingênuo considerar que, nas artes plásticas [e na linguagem em geral], o homem primeiro vê e depois retrata o que viu, inserindo sua visão no plano do quadro com a ajuda de determinados meios técnicos. Novos meios de representação forçaram-nos a ver novos aspectos da realidade, assim como estes não podem ser compreendidos e introduzidos, de modo

essencial, no nosso horizonte sem os novos recursos de sua fixação. A ligação entre eles é inseparável. (MEDVIEDEV, 2012, p.199) (p.385) (MEDVIEDEV, 2012, P.199).

O *conteúdo temático* e o *tom emotivo-volitivo* do *enunciado* fazem com que as palavras ganhem vida ao se tornarem *enunciado*, implicando relações, suscitando respostas, o que, em certo sentido, torna essas palavras irrepetíveis mesmo na sua *estrutura composicional*. Em Bakhtin (2011), a reflexão que o autor faz acerca da tradição de um dado *gênero* nos é cara, visto que estes não nascem do zero, nem são meras modificações de um *gênero* já existente. Vejamos como o CB nos permite analisar o aspecto do *plano composicional*.

O *gênero debate* entre candidatos à presidência do Brasil, como já vimos, é pré-existente aos dois enunciados analisados – uma *prática social* já recorrente nas últimas décadas da política brasileira. O seu *plano composicional*, inclusive, é objeto das áreas do jornalismo e da comunicação social, que analisam o funcionamento dessa interação sob suas ferramentas próprias teórico-metodológicas de linguagem. Assim como a física e a biologia analisam seus objetos sob determinadas metodologias e epistemologias, as diferentes linhas de pesquisa da esfera da linguagem também o fazem. Dentro do campo da linguagem existem ramificações, algumas bem conhecidas, como: Linguística, Análise do Discurso, Filologia etc. Na perspectiva filosófica bakhtiniana de linguagem, opta-se, consciente desses diversos olhares possíveis, por analisar o *plano composicional* sob dois aspectos: *o uso da linguagem* e a *alternância de sujeitos*.

Um dos componentes do *plano composicional* do *debate político* é a linguagem empregada majoritariamente na modalidade oral, o que significa que certas construções morfossintáticas podem se distanciar, para mais ou para menos, da rigidez de uma gramática normativa, que é elaborada em razão da escrita. A oralidade não deve ser vista como um plano sem regras (regularidades), pois, como vimos, o uso de *senhor* e *excelentíssimo* indiciam, linguisticamente, uma língua falada, mas planejada, em algum nível, em vista da *prática social* em questão: o *debate político*. Isto faz com que situemos o *debate político* no intermeio de *gênero primário* e *gênero secundário* (BAKHTIN, 2011).

Analisando a característica de constitutividade da fala pela sua situação social imediata e pelo meio social mais amplo, ora notamos a fala que se aproxima da espontaneidade, ora notamos uma fala quase desenhada, que ignora em certo sentido assunto-debate que havia sido demandado pelas relações entre os sujeitos naquela

interação<sup>38</sup>. Em ambos os casos, os dois aspectos notados fazem parte do *projeto de dizer* do autor *CD* que, como vimos, cria uma sentença deliberadamente falsa, mas *emulada* enquanto informação verídica.

Na verdade, há mais do que a oralidade nos referidos enunciados. O debate político, mesmo quando realizado na rádio ou em outra forma que não envolva o contato visual entre os debatedores, é composto por elementos sincréticos, que se concretizam no plano da representação da interação feita pelo interlocutor. Neste trabalho, priorizamos pelo aspecto verbo-discursivo, mas podemos dizer, também, que diferentes linguagens que participam da enunciação do *CD* (verbais, vocais, visuais etc.) fazem parte do processo de *emulação* de um dizer falso, pois, de acordo com Paula e Serni (2017), tais dimensões sígnicas fazem parte da elaboração de qualquer enunciado multissemiótico, mesmo que uma ou outra semiose esteja silenciada (VILLARTA-NEDER, 2019), como no caso da leitura de um livro ao qual temos acesso apenas à materialidade verbal, ou em um filme mudo, no qual apenas o aspecto visual está presente no primeiro plano, deixando que o leitor/telespectador represente os outros dois planos potenciais via representação.

Essa reflexão parece-nos dar conta do aspecto composicional do *gênero debate político*, que ao mesmo tempo que se modifica ao longo das mudanças nas relações sociais, também mantém relativa estabilidade na sua composição. Vale destacar que existem outras concepções de *plano composicional*, em outras teorias de linguagem, como as listas de procedimentos ou receita para se elaborar um dizer em um determinado *gênero*. Porém, tais ferramentas não nos possibilitam analisar a *linguagem em uso* e sua relação entre e com os *sujeitos*, isto é, o processo de interação na e pela linguagem que ocorre por meio de certas *práticas sociais – gênero do discurso*.

O *sujeito* não se submete às categorias estruturais de um *gênero discursivo* na elaboração de um enunciado, mas elabora seu *projeto de dizer* que, em alguns casos, pode inclusive questionar tal estruturação do *gênero*. O conhecimento e vivência de mundo do sujeito, desde o seu nascimento, é a fonte desse saber que o possibilita interagir por meios das práticas sociais comuns de sua comunidade, mesmo sem ter refletido cuidadosamente sobre elas. O *projeto de dizer* e o *gênero discursivo* são inseparáveis, mas não são determinantes um do outro, até porque o sentido de determinação está condicionado ao lugar na arquitetônica que o sujeito produtor de sentido ocupa. Existem gêneros discursivos,

---

<sup>38</sup> No início do debate analisado, cada candidato deveria responder a uma pergunta dos leitores do Jornal Metro, dizendo qual seria a primeira medida para estimular a contratação de trabalhadores, como essa medida seria implementada, a partir de quando e de onde viriam os recursos. O primeiro candidato, Álvaro Dias, inicia sua fala dizendo que antes de responder deveria se apresentar (42:12 - 44:05 min.), mas usa todo o tempo destinado para uma resposta objetiva na sua apresentação pessoal, o que comprova o que dissemos sobre a relação entre *gênero discursivo* e *projeto de dizer*.

como a paródia, que o *projeto de dizer* pode ser, inclusive, satirizar ou usar do *riso* para com as próprias estruturas de outros gêneros ou da própria paródia.

Após essa análise do uso da linguagem, vejamos o segundo elemento relativamente comum ao *plano composicional*: a *alternância de sujeitos*, que é um aspecto que recorta metodologicamente o conceito de enunciado na perspectiva do Círculo de Bakhtin.

No *corpus*, identificamos que o programa da Rede Bandeirantes estabeleceu criteriosamente um tempo de pergunta, de resposta, de réplica e de tréplica para cada candidato.

Diferentemente da teoria da conversação, que trabalha com a interação sob a perspectiva dos *turnos de fala*, assumimos, alicerçados em uma perspectiva bakhtiniana, que a interação entre os *sujeitos* é ativa o tempo todo e não somente no momento de fala. Na escuta, por exemplo, já se encontra a *compreensão* e, mesmo em um nível rudimentar, um *projeto de dizer* está sendo formulado e reformulado em razão de uma resposta, ainda que essa seja materializada pelo signo do silêncio (VILLARTA-NEDER, 2019). Estar na *escuta* significa apenas não estar falando verbalmente, não significa que o sujeito na escuta não esteja enunciando por meio de outras composições sógnicas.

Retomando o *corpus*, nessa interação face a face, os sujeitos candidatos conseguem interagir com seu interlocutor a partir de diversas linguagens (com as expressões faciais, movimentos gestuais e posturais, direcionamento do olhar, etc.), o que permite a modificação da fala do enunciador de maneira quase simultânea, como mostram as **Figuras 3.0 e 3.1**, obtidas por meio de frames do vídeo/*corpus*.

**Figura 3.0 - O Foro de São Paulo**



**Fonte:** BAND (2018, 2:41:01)<sup>39</sup>

Na figura acima, temos a fala [1]<sup>40</sup> da nossa análise, que agora apresentamos de maneira visual, como foi exibido pelo canal Bandeirantes. De acordo com nossa metodologia, não realizaremos uma análise forense, como está proposto em Ekman (2009 [1985]), das expressões faciais do candidato Daciolo para estabelecermos uma relação entre suas expressões faciais e falas, mas reconhecemos a importância desses dois aspectos na produção dos sentidos. Inclusive, a perspectiva da linguística forense é apenas uma das formas possíveis, nas quais ainda temos: A sociologia da fotografia e da imagem (MARTINS, 2013), a Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e as teorias de cinema (RAMOS, 2008; STAM, 2000). Por exemplo, notamos, ao analisar a fala do CD como um todo, três diferentes pontos de convergência no olhar deste *sujeito-candidato*: 1) Olhar abaixo do ponto central do enquadramento, sem contato visual direto com os seus interlocutores (*candidato-Ciro* e telespectador), o que é muito comum em cenas na qual o personagem reflete e planeja algo (**fig.3.0**); 2) Contato visual direto com seu adversário, como mostra a figura abaixo (**fig.3.1**); e 3) Contato visual direto com o telespectador<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Adotamos a nomenclatura hora, minuto e segundo para facilitar o acesso ao material analisado.

<sup>40</sup> Recomendamos veementemente a leitura audiovisual do referido *corpus* na íntegra facilitando o acompanhamento da análise a seguir, vide link nas referências.

<sup>41</sup> O terceiro olhar não está representado neste trabalho, mas encontra precisamente no momento 2:41:03 (horas/minutos/segundos). Para evitar repetições, adotaremos o modelo de horas, minutos e segundos para referenciar trechos e fotogramas daqui em diante

Figura 3.1 - A URSAL



Fonte: BAND (2018, 2:41:08).

Esses três processos visuais que destacamos demonstram como a materialidade verbal do enunciado, analisado anteriormente a partir do *estilo*, do *tema* e do *plano composicional*, se constitui na situação imediata de fala juntamente com outros elementos sógnicos.

O objetivo é notarmos como a *alternância de sujeito* é mais do que um critério formal de pausa na produção de som. Na **fig. 3.1**, por exemplo, podemos constatar que durante a pergunta do *CD*, o *candidato-Ciro* já o respondia com uma expressão visual de dúvida e surpresa, fazendo com que o *sujeito-perguntador* refizesse, imediatamente, o questionamento. Esse processo de reconstrução envolve não só uma *entonação* diferente no nível do verbal, mas também uma modificação nos outros níveis.

Podemos observar que a *atitude* do *candidato-Daciolo* muda ao refazer a pergunta, ele olha inclusive para uma tela que indica o seu tempo restante para conclusão de sua fala. Diante da reação do seu interlocutor, e já sabendo de seu curto tempo restante para fazer a pergunta, o *CD* repete exatamente a “mesma palavra” que causou dúvida, *URSAL*, porém explica o que cada letra significa.

No âmbito verbal, podemos analisar essa aparente repetição do termo *URSAL* sob dois níveis: 1) Fonético/Morfológico: ocorre na passagem da primeira para a segunda fonação do termo *URSAL* um prolongamento do fonema *u*, modificando *uhsaw* para

*u::hsaw*, e acrescenta-se, ainda, cinco novos substantivos, construindo uma figura de linguagem conhecida como sinédoque; 2) No nível do discursivo: a representação que o *CD* tinha de seu adversário se modificou, pois o *candidato-Daciolo* sabe agora, depois do espanto de seu interlocutor, que o dito cujo não pretende confirmar nada sobre a URSAL ou sobre o plano da URSAL.

Esse ato do *candidato-Ciro* de *ignorar/negar* faz parte do processo de interação (*resposta*), inclusive, o *projeto de dizer* de *Daciolo* já levava tal resposta em consideração, como podemos notar na réplica que ele faz em seguida: “Sabe sim, sabe sim...” (BAND, 2018, 2:41:30 - 2:41:32).

Deste modo, não há, no nosso entender, um rompimento do compromisso ético entre *CD* (enunciador) e *enunciado*, o que poderia significar uma *não responsabilidade* ou um *álibi na existência* desse *sujeito*, mas há, de maneira *responsável e responsiva*, uma tentativa de suplantação de um conjunto de conhecimentos por outros. Essa proposta de mudança de regime tem impactos profundos para a sociedade brasileira, pois não só possibilita a enunciação de uma informação falsa em um debate entre presidenciáveis ao vivo, quanto evidencia mudanças no nível macro já em curso, que se apoiam em revisionismos históricos e na valorização de teorias conspiratórias acima das científicas, sedimentando terreno para a oficialização do discurso messiânico/salvador que, como analisamos, possui traços totalitários e não-democráticos.

Contudo, a *alternância de sujeito*, tal como postulou Bakhtin (2011), não se dá, ao nosso ver, nesse momento da **fig.3.1**, pois apesar do *projeto de dizer* do enunciador receber acréscimos simultaneamente a interação deste com seu interlocutor, tudo está dentro do que o *CD* esperava enquanto resposta possível. Assim, a réplica que o *CD* faz, se assim considerarmos, não resulta no rompimento do *projeto de dizer* anterior, pois, ainda que fosse, e devido as condições da enunciação, seria imperceptível para quem observa a interação, resultando em um efeito de continuidade entre [1] e [2], com suas respectivas implicações. Entendemos que o *sujeito* não precisa só de um distanciamento espacial para se constituir enquanto sujeito, na relação com o outro, é necessário também um tempo para que a alteração dessas posições seja processada.

Por conseguinte, podemos fazer duas considerações: 1) O assalto ao turno, como nomeia a teoria da comunicação social, não significa, necessariamente, *alternância de sujeitos*, pois, nesse caso, ele é, na verdade, uma forma de manutenção do próprio *projeto de dizer* do *candidato-Daciolo*; e 2) Na língua em uso, na situação mais imediata, não há uma mensagem pronta emitida por um indivíduo a um receptor por meio de um canal de comunicação. Ao nosso entender, a *conclusibilidade do enunciado* está interligada à

realização do *projeto de dizer* do sujeito que interage com o outro por meio de diferentes elementos sógnicos. Logo, a *conclusibilidade do enunciado*, mesmo que temporária, significa um acabamento provisório da *vontade discursiva* em todas as diferentes realizações semióticas nela em exercício.

#### 4.1.2. A *pravda* e o ato responsável no caso URSAL

A inclusão responsável na unicidade única reconhecida do *Ser-evento* é precisamente o que constitui a verdade [*pravda*] da situação [*polozhenie*]. O momento do que é absolutamente novo, o que nunca existiu antes e jamais pode ser repetido, está em primeiro plano aqui e constitui uma continuação responsável no espírito daquele todo que foi uma vez reconhecido (BAKHTIN, 1993, p.57).

Parece-nos haver, no caso dos *enunciados* do *CD*, uma *responsabilidade contínua* que é recursiva pelo seu caráter *responsivo*, o que impede que o *sujeito*, quer seja por um momento específico, quer seja na plenitude da sua vida, esteja autorizado a se eximir de sua responsabilidade na interação com o outro. Estamos chamando de *responsabilidade contínua* o processo no qual a cada ato de enunciar, o *sujeito-enunciador* estabelece não só diálogos com enunciados anteriores e enunciados vindouros, mas também compromissos responsáveis diante dos mesmos. Esse processo, como analisamos no caso do Foro de São Paulo, é contínuo na medida em que é marcado (deixa rastros) pela insistência na declaração de uma informação falsa, o que acaba por se tornar parte do processo de formação de consciência do sujeito.

É verdade que Bakhtin (1993) cita exemplos e análises envolvendo a questão da responsabilidade no campo literário e no campo filosófico, o que não nos impede, como bem afirma Brait e Pistori (2012), de trazermos a discussão para outros campos da linguagem. Na verdade, a não realização dessas análises pelo Círculo, envolvendo outros campos e com outros *corpora*, compele, *responsavelmente*, os estudiosos da linguagem que se concentram nas teorias do Círculo a se questionarem e a desenvolverem a teoria.

A constatação dessa *responsabilidade contínua* parte então do entendimento de que além do *sujeito* ser *responsável* por suas atitudes na relação com outro, seu próprio processo de construção de uma verdade só sua [*pravda*] é intersubjetivo e materializado nos signos da linguagem (que são sociais), nas suas mais diferentes dimensões. Isso significa que o *candidato-Daciolo* não inventou, ao nosso ver, nem a URSAL, nem a asserção de que o seu adversário, *candidato-Ciro*, é um dos fundadores do Foro de São Paulo.



A figura acima não contempla toda a rede de campanha antiesquerda que vigorou durante o período eleitoral de 2018, nem os *memes* e piadas produzidas a partir dos enunciados de Daciolo, mas, de forma sintética, apresenta como os *enunciados* do *candidato-Daciolo*, tanto o [1] quanto [2], compõem uma *cadeia enunciativa multidirecional* que nos permite melhor mapear as *vontades discursivas* dos candidatos à época e como tais *intenções discursivas* constituíram-se enquanto *pravdas*.

Para sustentar o nosso argumento de que a fala do *CD* é uma *pravda*, um *ato responsável*, precisamos considerar que a existência de realidades completamente diferentes, paranoicas, são decorrentes de processos históricos e ideológicos que instauram e constituem os *sujeitos* em determinados lugares no mundo. Mais ainda, é preciso considerarmos que essa pluralidade de existências ou realidades fazem parte de uma *istina*, que não só possibilita a existência dessas realidades, mas também é constituída, em parte, por elas.

O regime democrático brasileiro possibilita a existência de diferentes Partidos Políticos e protege as liberdades dos representantes políticos sob nome de imunidade parlamentar, já que, em 1988, a ameaça de perseguição política era algo que preocupava os escritores da Constituição Federal. Isso permitiu, após o fim do regime militar a (re) criação de Partidos Políticos declaradamente de esquerda, bem como a manutenção daqueles partidos que defendiam o regime militar que havia caído. Assim, em termos históricos, essa abertura democrática, que hoje possibilita homenagens a torturadores no país, pode ser considerada a *istina* na qual sujeitos com representações completamente distorcidas dos eventos históricos, em termos de **verificação**, exibem suas crenças e *vontades discursivas*, chegando, inclusive, em um pleito eleitoral para o cargo máximo do poder executivo no país. Deste modo, o que ocorreu no debate entre os candidatos *Ciro* e *Daciolo*, especificamente no *ato/agir* da *emulação* de uma informação falsa enquanto verdadeira, foi não só um *projeto* com o propósito de enganar o eleitor, mas foi também, sob certa posição arquitetônica, a manifestação de novas condições reais que se originam do não encerramento de certas disputas ideológicas entre grupos diferentes no passado.

No tocante ao *candidato-CD*, apontamos um último elemento importante: O *candidato-Daciolo* obteve 1.348.323 votos nas eleições de 2018. Essa informação se encontra no site do Tribunal Superior Eleitoral, instância jurídica máxima da Justiça Eleitoral do Brasil, e está disponível para consulta. Diante dos processos ideológicos e filiações feitas pelo candidato e das *repostas* que seu *enunciado* suscitou, sendo o voto uma dessas respostas, tal dado estatístico oficial, alarmante se pensarmos em uma sociedade que tenha como objetivo constitucional formar um cidadão com acesso à informação de qualidade e

respeito ao próximo, parece-nos ser um derradeiro motivo para que o governo brasileiro aumente seu investimento em educação, melhorando as condições de e para o ensino, à pesquisa e à extensão, esferas que se alinham, cientificamente, com o plano já proposto na Constituição brasileira de 1988.

Ainda assim, esses dados (quantidade de votos) não foram o que o *CD* esperava, ou seja, sua *vontade discursiva* pretendia mais. Nossa afirmação não é nem subjetivista nem superinterpretativista, pois, de acordo com um vídeo gravado durante seu retiro espiritual no Monte das Oliveiras no Rio de Janeiro, o referido *candidato-CD* expressou sua convicção de que seria eleito presidente já no primeiro turno da eleição presidencial, como podemos encontrar em UOL (2018)<sup>42</sup>.

Desta forma e diante dos dados, consideramos o *ato de enunciar* tais *enunciados* uma *atitude responsável e responsiva*, pois indica o posicionamento do *sujeito* em um lugar específico no mundo, que *responde* a posicionamentos anteriores e *orienta-se* para posicionamentos posteriores.

Vale acrescentar ainda que esse *ato responsável* engloba os dois *enunciados* produzidos, o que por sua vez cria uma continuidade nesse *ato responsável*, interna e externamente. Há uma continuidade interna na medida em que o *sujeito* vai reelaborando o seu dizer em virtude do seu interlocutor, suas *respostas* verbais e não verbais, e uma continuidade externa, visto que o enunciado se torna um elo na cadeia interminável da comunicação discursiva.

Analisamos que o excedente entre a antecipação que o *candidato-CD* faz da resposta do interlocutor, e a resposta concreta obtida do *candidato-Ciro*, faz com que o *enunciador-Daciolo* refaça a pergunta, explicando a sigla URSAL em detalhes e com as devidas modificações no *tom*. *Escolher* continuar com o enunciado (explicando a sigla), mesmo com seu interlocutor dizendo que não sabe o que é isso, concretiza-se materialmente o *ato responsável* do *candidato-CD*.

Essa *escolha feita* por *CD* é constituída com base na *pravda* de que o candidato “sabe sim”. Essa verdade foi construída com base nas interações do *candidato-Daciolo* com outros sujeitos, situados em um lugar de mundo que claramente fabrica *fake news*, produzindo sentido conclusões para os acontecimentos em virtude de sua ideologia. É importante destacar, novamente, que a *pravda*, verdade singular que o *sujeito* constitui na

---

<sup>42</sup> Devemos destacar que nem todas as matérias nessa agência de notícia são assinadas por jornalistas independentes. Algumas, como nesse caso, são assinadas como “da redação”, o que significa que o próprio jornal assume inteiramente a responsabilidade legal pelo conteúdo e estruturação do texto publicado.

relação com outro, pode, sob certo ponto de vista arquitetônico, produzir um sentido diferente, já que os aspectos ideológicos que constituem os *sujeitos* são diferentes. A visão de ciência, educação e até a representação de política são completamente diferentes entre os dois candidatos analisados, por exemplo.

Com relação à discussão teórica bakhtiniana (BAKHTIN, 2011, p.334), precisamente nesse caso, o rompimento entre a entrada da palavra deliberadamente falsa e sua intenção puramente objetiva e investigatória, em diálogo, não impediu totalmente a constituição da audibilidade, que é dialógica e arquitetônica ao nosso ver, pois, como analisamos, o *projeto de dizer* do CD foi elaborado mesmo com as falas do seu interlocutor afirmando em palestras, em anos anteriores à eleição, que não tinha relação nenhuma com o Foro de São Paulo. É com base nessa *cadeia enunciativa multidirecional* que podemos considerar que o *candidato-CD* esperava uma resposta que negasse sua afirmação, antecipando as mais diferentes expressões sógnicas não-verbais do seu adversário – expressões faciais.

O último elemento que carece de nossa atenção é o aspecto religioso, pois a realidade ideológica e religiosa na qual se constitui o CD implica não só na utilização das *táticas sógnico-enunciativas*, que analisamos anteriormente, mas também no objetivo de dizer tais verdades, oriundas da realidade na qual se constitui o *sujeito-candidato-Daciolo*. Tal assumpção do cargo de proferidor da verdade é típico do discurso religioso, especialmente aqueles que sustentam suas crenças de maneira fundamentalista. Além disso, o contexto social e político da época, como aponta Motta (2019), com a polarização entre direita e esquerda, permitiu e acolheu a manifestação de tais discursos fundamentalistas binários que dividem o mundo entre bem e mal.

Apesar dos *enunciados* [1] e [2] não serem de fato *fake news*, diante dos critérios que elencamos, ao *emular* de maneira pastoral (religiosa) uma informação falsa enquanto verdade em rede nacional, o CD não só cria/divulga uma *pravda-anticientífica*, mas também *autoriza* outros sujeitos, que se constituem a partir dele e estão em comum acordo com esse tipo de visão de mundo, a também fazerem o mesmo.

Como vimos na discussão teórica, as notícias falsas não são uma modalidade nova de competição política, mas esse tipo de relação, *autorização*, revela novos elementos para pensarmos na constituição dos discursos oficiais que regem a sociedade brasileira contemporânea, visto que esse tipo de *vontade discursiva* se manifestou fortemente, também, nas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016 e na separação do Reino Unido da União Europeia em 2020.

Concluímos, nesse caso analisado, que o *CD* emulou (*tática*) dados falsos enquanto informações verídicas com objetivo político de prejudicar seu rival diante dos eleitores conservadores, cujo espectro político é de direita.

## 4.2. O KIT GAY no Jornal Nacional

O segundo *objeto* que analisaremos é constituído por uma entrevista do *sujeito-candidato-à-presidência* Jair Bolsonaro (doravante JB), à época filiado ao PSL (Partido Social Liberal), concedida ao programa Jornal Nacional da emissora Rede Globo, no dia 28 de agosto de 2018, pouco antes da realização do primeiro turno da eleição presidencial daquele ano.

Trata-se de uma série de entrevistas realizadas pelo referido telejornal com as(os) candidatos(as) com mais chances de votos. Durante a entrevista, assuntos como economia, educação, saúde, direitos humanos, segurança etc. foram abordados por meio de perguntas feitas ao *candidato-JB*. Recortaremos, dentre esses tópicos, o trecho que aborda as políticas de combate à homofobia.

A entrevista é conduzida por uma jornalista e um jornalista, ambos âncoras do telejornal, com uma duração de aproximadamente cinquenta e dois minutos. As regras da entrevista foram combinadas com os assessores dos candidatos, mas, durante a entrevista, uma dessas regras é revelada ao público: o candidato não pode apresentar documentos, papéis, fotos como prova de sua fala.

Assim como no caso do *candidato-Daciolo*, tal momento de visibilidade diante de um grande número de eleitores, isto é, de exposição em um canal aberto de televisão, torna-se tanto uma oportunidade para os candidatos divulgarem seus planos de governos, bem como uma oportunidade para *emularem* informações falsas enquanto verídicas, que podem ou não serem *fake news*, mas cujo propósito é, de alguma forma, danificar a imagem do seu adversário. Esta nomenclatura, porém, não condiz com o contexto polarizado que tomou conta da eleição presidencial daquele ano, já que a *tática* era realizada com base em um *inimigo a ser destruído* ou um inimigo que não teria vez, como disse o *candidato-Daciolo*.

Seguindo o mesmo procedimento da primeira análise, vejamos o que o *candidato-JB* enunciou e o porquê tal *enunciado* é uma *fake news* (de acordo com a definição que assumimos nesse trabalho). Apresentaremos a seguir apenas os trechos que contêm as *fake news* relacionadas à comunidade LBGTQIA+, como dissemos anteriormente.

Após ser questionado, durante sua entrevista no Jornal Nacional, se seus posicionamentos e suas falas não eram homofóbicos, o *candidato-JB* respondeu:

**Candidato-JB:** Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E *eu* passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: 'Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara?'. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º *Seminário LGBT Infantil*. Repito, 9º *Seminário LGBT Infantil*. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como '*kit gay*'. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem. (G1, 2018, *grifo nosso*).

Grifamos no trecho acima, especificamente, dois dados para **verificarmos**: 1) 9º *Seminário LGBT Infantil*; e 2) *Kit gay*.

Primeiramente, vejamos como a fala do *candidato-JB* sobre o 9º *Seminário LGBT Infantil*, nomeado assim por ele, foi noticiada pelos veículos de comunicação brasileiros. Cronologicamente, o jornal Extra publicou uma matéria no dia 29 de agosto de 2018 com o título *Veja o que é #FATO ou #FAKE nas entrevistas de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional e para o Jornal das Dez*, afirmando que

Não ocorreu na Câmara dos Deputados, em novembro de 2010, nenhum evento chamado '9º *Seminário LGBT Infantil*'. Em maio de 2012, foi organizado no auditório Nereu Ramos, da Câmara, o '9º *Seminário LGBT no Congresso Nacional*', um evento realizado anualmente. Naquele ano, foram discutidos os temas 'infância e sexualidade'. (EXTRA, 2018b).

Cabe destacar que o mesmo conteúdo citado acima está presente na matéria publicada pelo jornal Extra no dia 29 de outubro de 2018 (EXTRA, 2018a). Em consonância, o jornal Carta Capital publicou em 29 de agosto de 2018 uma matéria também destacando o aspecto falso da fala do *candidato-JB*.

Em entrevista ao Jornal Nacional, da Rede Globo, Jair Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PSL, inventou um suposto '9º *seminário LGBT infantil*'. Em 2012, ocorreu na verdade o 9º *seminário LGBT no Congresso Nacional*, cujo tema era 'infância e sexualidade'. (CARTA CAPITAL, 2018).

No mesmo dia (29), a revista Veja também publicou uma matéria referente à entrevista do *candidato-JB* ao Jornal Nacional, cujo título foi *Citado por Jair Bolsonaro na*

*Globo*, ‘Seminário LGBT Infantil’ nunca ocorreu. Contrapondo-se à fala do candidato-JB, a revista esclarece o ocorrido do mesmo modo que outros veículos de comunicação:

Entre os dias 15 e 16 de maio de 2012, a Câmara promoveu a nona edição do Seminário LGBT, um evento periódico e com temática que muda a cada ano. Com o tema Infância e Sexualidade, o colóquio tratava do combate à violência contra crianças que não se encaixam em papéis tradicionais de gênero, como meninos que não jogam futebol ou meninas que não gostam de brincar de boneca. O lema era ‘Todas as infâncias são esperança’. (VEJA, 2018b).

Dois meses depois, antes ainda do segundo turno da eleição presidencial, a matéria publicada no jornal *Gazeta do Povo*, no dia 16 de outubro de 2018, discutiu especificamente o *kit gay*, a partir de falas do candidato-JB. Porém, devemos destacar que a referida matéria, da *Gazeta do povo* (2018) não informa sobre a invenção do 9º *Seminário LGBT* feita durante a entrevista no *Jornal Nacional*, nem se quer a menciona.

A fim de complementar as informações já apontadas acima, encontramos o texto publicado pela agência Lupa em 19 de novembro de 2019, cujo título é *Kit gay, seminário LGBT infantil e lei do incesto: exemplos de desinformação sobre educação sexual no Brasil*. A checagem de informações, realizadas por agências como a Lupa, contribui para o combate às informações falsas, na medida em que responsabiliza verbalmente, muitas vezes, o enunciador por tal declaração falsa. Regularmente, esse processo acontece no final do texto, por meio de trechos que informam que, procurado, o candidato x não retornou o contato ou não se manifestou.

A referida matéria discute e apresenta como campanhas de desinformação têm se propagado via redes sociais nos últimos anos. Dentre essas campanhas, a comunidade LGBTQIA+ tem sido alvo constante. A equipe Lupa contextualiza que: “Nos últimos anos, a educação sexual de jovens virou alvo de campanhas de desinformação por políticos e anônimos nas redes sociais. Em muitos casos, há uma tentativa de associar a existência de adolescentes LGBT com pedofilia” (LUPA, 2019). No tocante a declaração acerca do 9º *Seminário LGBT Infantil*, a equipe Lupa afirma:

Nunca houve no Congresso um ‘seminário LGBT infantil’. O que há, anualmente, é um encontro para discutir questões relacionadas à comunidade LGBT, com um tema diferente a cada edição. Em 2012, o tema era ‘Infância e sexualidade’. As discussões propostas pela Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT, que promove o debate, dizem respeito ao combate à violência doméstica contra crianças e adolescentes ‘que não se enquadram em papéis de gênero’. O Seminário LGBT de 2018 ocorreu em junho e abordou o envelhecimento da população LGBT. Procurado, Jair Bolsonaro não retornou (LUPA, 2019).

Com base no critério da **verificação**, se observarmos as matérias publicadas pelos jornais brasileiros, identificaremos que, em sua maioria, o modelo de contraposição à *declaração falsa* é realizado pela afirmação de que apenas em 2012 foi realizado o 9º *Seminário LGBT* na Câmara dos Deputados. Além disso, esse grande número de matérias, de veículos de comunicação com diferentes vieses ideológicos, já nos aponta que a alegação do *candidato-JB* não encontra corroboração no meio jornalístico, já que o referido evento, como nomeado pelo *candidato-JB*, não poderia ter existido, pois, de acordo com o próprio candidato, seu embate contra o seminário ocorreu em 2010, ou seja, dois anos antes do 9º *Seminário LGBT* ser realizado.

Apesar de encontrarmos como referência, na maioria dos jornais pesquisados, o evento citado pelo candidato durante o *Jornal Nacional* como sendo, na verdade, um seminário que ocorreu em 2012, e baseando-nos nas descobertas feitas na análise da suposta *URSAL*, que revelaram como ocorre o processo de *emulação* de uma notícia falsa enquanto verdadeira, realizamos uma pesquisa no portal da Câmara dos Deputados para identificar se foi registrado algum seminário com título mencionado pelo *sujeito-candidato-JB* em novembro de 2010.

Pesquisando precisamente pelo intitulado 9º *Seminário LGBT Infantil*, não encontramos nenhum resultado no mecanismo de busca on-line da própria Câmara dos Deputados Federais, que deveria ser o lugar com registros de tal seminário. Considerando o funcionamento da Câmara dos Deputados, que grava e produz notas taquigráficas de todos os eventos que naquele ambiente se realizam, verificamos conclusivamente que a existência do referido evento é, deste modo, falsa. Logo, podemos dizer, por hora, que há, no mínimo, um equívoco na fala e na repetição da fala do *sujeito-candidato-JB*, pois nunca houve a realização de um 9º *Seminário LGBT Infantil* na Câmara dos Deputados em 2010.

Ao fazer uma pesquisa mais ampla no site da Câmara dos Deputados, procurando encontrar uma referência para o evento mencionado pelo candidato, digitamos, agora, apenas palavra *kit (kit gay)*, no mecanismo de busca, pois, de acordo com a fala do próprio *sujeito-candidato-JB*, estava se comemorando, no suposto seminário, a criação desse material.

Prosseguindo a busca, o portal da Câmara dos Deputados fornece como temas: Agropecuária; Cidades e transportes; Ciência, tecnologia e comunicações; Direitos humanos; Economia; Educação; cultura e esportes; Meio ambiente e energia; Política e administração pública; Relações exteriores; Saúde; Segurança; Trabalho; previdência e assistência. Dentre esses temas, escolhemos o tema Direitos Humanos por ser uma entrada mais ampla, que compreende tanto a Educação e Cultura quanto às comissões legislativas,

afinal, de acordo com própria fala<sup>43</sup> do *sujeito-candidato-JB* feita em novembro de 2010, um seminário chamado Seminário Escola sem Homofobia foi coordenado pela Comissão de Legislação Participativa (CLP), de Educação e Cultura (ED) e de Direitos Humanos e Minorias (DHM).

Após a escolha da palavra-chave e do tema, ajustamos a data para que compreendesse apenas as reuniões e seminários ocorridos no ano de 2010.

Deste modo, ao digitarmos o léxico *kit*<sup>44</sup>, selecionarmos como tema os direitos humanos e reduzirmos o período de busca para que compreendesse apenas o ano de 2010, encontramos no portal da Câmara dos Deputados um evento com uma temática muito similar, cujo nome foi, inclusive, *Seminário escola sem homofobia*<sup>45</sup>, evento que apresentou o kit escola sem homofobia (*kit gay*)<sup>46</sup>.

O seminário *Escola sem homofobia* foi realizado para apresentar o projeto com nome homônimo, que envolveu pesquisas, capacitações de professores e a produção de materiais audiovisuais que contribuíssem para o combate à homofobia na escola. Trata-se de um projeto que é parte do programa governamental Brasil sem homofobia, cujo lançamento foi realizado 2004.

O projeto escola sem homofobia, como exposto no fotograma abaixo, retirado da apresentação de slides do representante da Pathfinder do Brasil, Carlos Laudari, teve como alvo o ensino fundamental, isto é, o período que compreende do 6º ao 9º ano, com alunos e alunas com idade mínima de 11 anos.

---

<sup>43</sup> Trata-se de uma fala em uma sessão ordinária da Câmara dos Deputados pedindo ao presidente da casa para que tomasse providências quanto ao kit combate à homofobia. A fala do *sujeito-candidato-JB* pode ser encontrada, em formato audiovisual, no seguinte link abaixo: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OqRRUfH6Rs>. Acesso em: 17 set. 2020. As notas taquigráficas da referida fala do dia 30 de novembro de 2010, proferida em sessão ordinária, encontra-se no Disponível em:

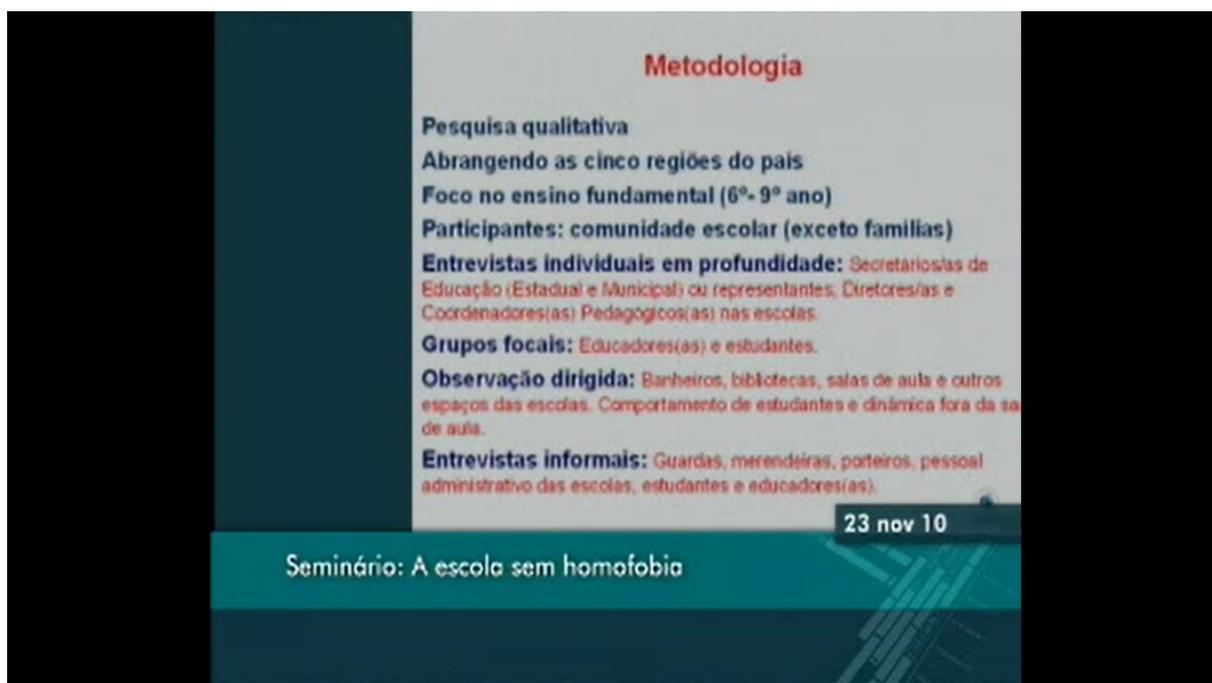
<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010>. Acesso em: 17 set. 2020.

<sup>44</sup> O resultado da pesquisa encontra-se no seguinte link abaixo: Disponível em: <https://www.camara.leg.br/busca-portal?contextoBusca=BuscaGeral&pagina=1&order=relevancia&abaEspecificas=false&filtros=%5B%7B%22ano%22%3A2010%7D,%7B%22temaPortal%22%3A%22Direitos%20humanos%22%7D%5D&q=kit%20>. Acesso em: 22 set. 2020.

<sup>45</sup> A gravação do referido seminário está disponível para download no próprio portal da câmara dos deputados: Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/206841-SEMINARIO-A-ESCOLA-SEM-HOMOFOBIA>. Acesso em: 17 set. 2020.

<sup>46</sup> Para maiores informações sobre o nomeado kit gay (kit de combate à homofobia), segue o presente link abaixo: Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>. Acesso em: 22 set. 2020.

Figura 4.0 - Metodologia do projeto escola sem homofobia



Fonte: CLP (2010, 01:39:07)

Contudo, não houve uma conversão sexual de nenhum aluno, o projeto *Escola Sem Homofobia* apresentou questionários e grupos focais com professores e alunos, mas o objetivo geral e, conseqüentemente, os específicos, tinham como propósito *descrever*:

1. Descrever o conhecimento, atitudes e práticas de educadores e alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental quanto às diversidades de orientação sexual e de gênero na escola;
2. Descrever o conhecimento, atitudes e práticas de educadores e alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental quanto à homofobia no ambiente escolar;
3. Descrever as opiniões de educadores e alunos quanto às possíveis razões e conseqüências da violência homofóbica nas escolas;
4. Descrever o ambiente escolar com relação às diversidades de orientação sexual e de gênero;
5. Descrever o conhecimento de educadores e alunos sobre o programa Brasil sem Homofobia, bem como as ações do programa implementadas nas escolas;
6. Descrever a opinião e aceitação do programa Brasil sem Homofobia pela equipe docente e autoridades da educação dos municípios participantes;
7. Descrever as recomendações de autoridades, docentes e alunos para reduzir ou eliminar a homofobia nas escolas. (DÍAZ M; CHINAGLIA; DÍAZ J, 2011, p.20<sup>47</sup>).

<sup>47</sup> Para acessar o relatório final do projeto na íntegra, segue o link abaixo: Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1D5pZnJb817yJl1atZOHWUqVupRdUKZ/view?usp=sharing>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Nesse sentido, o referido projeto buscou identificar práticas homofóbicas e transfóbicas no cotidiano escolar, ações que se manifestaram em falas como demonstrado na **fig.4.1**:

**Figura 4.1 - Materialização de homofobia/transfobia na escola**

**Diversidade sexual na escola**

**Percepção da escola como um ambiente hostil à travesti e à transexual.**

**Entrevistadora:** *“Travestis frequentam essa escola ou não?”*

**Estudante 1:** *“Não.”*

**Estudante 2:** *“Não. Não.”*

**Estudante 3:** *“Graças a Deus não.” (estudantes, Curitiba)*

*“Porque será que a gente não tem alunos travesti na escola? Porque não é o espaço deles (...) não é que não queira estudar. Se alguém tem a ousadia de permanecer, tem que ter muita força de vontade.” (professora, Porto Alegre)*

*“Teve uma estudante travesti na escola, mas a diretora pediu para ela pedir transferência porque estava causando transtorno.” (professora, BI-9)*

23 nov 10

Comissões de Legislação Participativa, de Direitos Humanos e de Educação

Fonte: CLP (2010, 1:46:47)

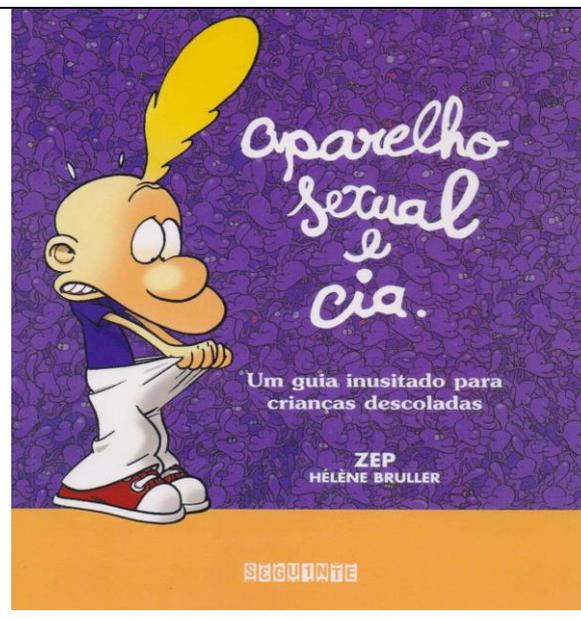
Situações como estas citadas acima já apontam que a escola não está apartada das disputas políticas, sociais, ideológicas, culturais que constituem o mundo da vida. Se considerarmos que a escola faz parte do mundo da cultura e a da arte, não no sentido de que ela produza arte obrigatoriamente, mas enquanto espaço no qual se discute o mundo da vida com outros olhos, a escola se torna o lugar mais rico na sociedade moderna em termos de possibilidade de mudança e formação de consciência, pois, ao nosso ver, não há mudança que se faça individualmente, sozinha, nem formação de consciência que não aconteça entre *sujeitos* em diálogo, ambas são construídas no debate, na discussão, na *arena*. Com base em dizeres, como os que foram expostos acima, o financiamento federal feito no projeto Escola sem Homofobia é não só justificável, como necessário, caso contrário, a educação não se constituirá como um direito para todos, como prega o artigo 205 da Constituição Federal da República Federativa do Brasil.

A segunda informação falsa exposta pelo *sujeito-candidato-JB* está relacionada ao *kit gay*, principalmente ao livro que o candidato tentou exibir no Jornal Nacional (quadro 3).

#### Quadro 2.0 - Apresentação do livro *Aparelho sexual e cia* como *kit gay*.



Fonte: JN (2018, 00:11:46)



Fonte: AMAZON (2020)

O livro em questão, traduzido para o português pela Companhia das Letras e publicado pela primeira vez no Brasil em 2007, aborda as histórias de um personagem irreverente chamado Titeouf. Apesar das críticas do *candidato-JB*, o comércio do livro publicado pela Companhia das Letras trazia em 12 de setembro de 2018, na parte de apresentação, a afirmação de que o material possui rigor científico e é embasado em sólida base pedagógica:

Geralmente, os adolescentes sabem menos sobre amor e sexo do que os adultos imaginam. Como é estar apaixonado? Como se beija na boca? Por que crescem pelos e espinhas pelo corpo durante a puberdade? O que é masturbação? Como nascem os bebês? Essas e muitas outras questões intrigantes são explicadas neste guia, com bastante humor, mas também com sólida base pedagógica, rigor científico e delicadeza. (COMPANHIA DAS LETRAS, 2018)

Na sua fala, o *sujeito-candidato-JB*, ao exibir o livro para a câmera (quadro 3), afirma: “[...] o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem[...]” (G1, 2018). Essa declaração coloca dois elementos importantes: quem, afinal, é o público leitor do livro e onde o material pode ser encontrado?

O título do livro em francês é *Le Guide du zizi sexuel*, que em tradução livre ficaria como *O guia sexual do pipi*. O termo *pipi*, falo masculino, utilizado no título do livro em francês nos apresenta algumas questões discursivas relevantes. Primeiro, no aspecto semântico, o termo “pipi” não é tipicamente utilizado por um adulto em uma conversa com outro adulto sobre o órgão genital masculino, o que significa duas coisas: 1) o livro não apresenta conteúdo adulto, pornográfico; ou 2) o *projeto de dizer* do livro não foi elaborado tendo em vista um leitor adulto. Segundo, ao retirar esse termo específico na tradução do título para o português, o novo título abriu possibilidades de leitura, como a feita pelo *sujeito-candidato-JB*, mesmo que a leitura feita pelo candidato se baseie especificamente em traços mais interativos do livro<sup>48</sup> do que propriamente no título.

De qualquer modo, o livro, claramente, tem como *sujeito-leitor* esperado o público infantil, mas não qualquer público infantil, trata-se especificamente do público com no mínimo 11 anos de idade (NOVA ESCOLA, 2018). Além disso, diversos veículos de comunicação afirmam que o livro em questão também não foi distribuído às escolas públicas do Brasil (O GLOBO, 2018; VEJA, 2018a; CONGRESSO EM FOCO, 2020). Em nota, o MEC (Ministério da Educação e Cultura) afirmou no dia 15 de janeiro de 2016 que a afirmação do *sujeito-candidato-JB* era falsa, conforme podemos observar na matéria do portal R7, que apresentou a nota na íntegra<sup>49</sup>:

*A obra “Aparelho Sexual e Cia” nunca foi produzida, adquirida, ou distribuída pelo MEC. Trata-se de uma publicação da Cia das Letras. A editora informa em seu catálogo que a obra já vendeu 1,5 milhão de exemplares em todo o mundo, publicada em 10 idiomas.*

*Essa questão já foi respondida oficialmente pelo Ministério da Educação, em 2013, à imprensa: “A informação sobre a suposta recomendação é equivocada e que o livro não consta no Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e no Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNDE”.*

*Da mesma forma, a revista Nova Escola, edição 279 de fevereiro/ 2015, que traz a matéria “Educação sexual: Precisamos falar sobre Romeo...”, uma reportagem sobre sexo, sexualidade e gênero, dirigida a professores, não é uma publicação do MEC, e sim da Editora Abril.*

*Portanto, cabe reafirmar que o vídeo que apresenta as obras como sendo do MEC, em nenhum momento, comprova a vinculação do Ministério aos materiais citados, justamente porque essa vinculação não existe. (R7, 2016, s.p.)*

---

<sup>48</sup> Destacamos que o referido vídeo no qual o candidato critica os traços interativos do livro *Aparelho Sexual e Cia* foi deletado das plataformas Youtube e Facebook, via ordem judicial, como mostra O TEMPO (2018). Segue abaixo então o vídeo elaborado pela revista Nova Escola em resposta à fala do candidato feita em 10 de janeiro de 2016. Este vídeo contém trechos do vídeo excluído. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpUnNyE8ztU&t=19s>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>49</sup> Não foi possível encontrar a referida nota no portal do MEC, mesmo após realizarmos uma busca extensiva no portal. A busca foi realizada entre os dias 25 de agosto e 25 de setembro de 2020, objetivando conter falhas de acesso ao sistema e eventuais reparos técnicos no portal.

Assim como no caso da URSAL, temos aqui uma entidade/órgão institucional citado na declaração do *candidato-JB*, nesse caso indiretamente, lançando uma nota para refutar a afirmação do candidato. Além disso, temos também um conjunto de textos jornalísticos corroborando a afirmação do MEC.

A terceira e última declaração falsa do *candidato-JB* é referente ao Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT (PNLPC LGBT), que é mencionado no seguinte trecho da entrevista:

[...] eu peço para você que está em casa: entre na internet, pegue lá 'Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.' São 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criancinha a partir de 6 anos de idade. (G1, 2018, grifo nosso)

Analisaremos o processo de construção do *enunciado* no próximo capítulo, quando formos abordar o aspecto do *gênero discursivo*, mas cabe destacar, diante dos dados e declarações já apresentadas, a repetição falsa de que o livro, dentre outros produtos que, segundo o *sujeito-candidato-JB*, faziam parte do suposto *kit gay*, era indicado para crianças de seis anos de idade. O livro *Aparelho sexual e cia* é indicado para crianças acima de 11 anos, como vimos anteriormente, porém, além disso, esse livro não faz parte do suposto kit.

Com relação ao Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT, que existe de fato<sup>50</sup>, vale a pena destacar que existe uma única aparição do termo *heteronormatividade* no documento criado em 2009, sendo de competência do Ministério da Saúde inclusive:

1.2.20 Reconhecer e incluir nos sistemas de informação do SUS e no planejamento familiar, todas as configurações familiares protagonizadas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, com base na desconstrução da heteronormatividade. (BRASIL, 2009, p. 26)

De acordo com a agência Aos Fatos (2018), que se ocupa da investigação de notícias falsas,

[...] a ideia do plano, na verdade, é incluir no sistema de saúde e planejamento familiar todos os tipos de famílias existentes. Não há, em nenhum momento, menção que se refira à configuração familiar de homem e mulher como algo errado. Também não há, no documento, qualquer indício de que a desconstrução da heteronormatividade deverá ser ensinada nas escolas (AOS FATOS, 2018).

---

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/planolgbt.pdf>. Acesso em: 26 set. 2020.

A agência Lupa publicou uma matéria nos três locais nos quais ela está hospedada (UOL, Folha de São Paulo, Piauí)<sup>51</sup>, no dia 28 de agosto de 2018, considerando a afirmação sobre a heteronormatividade como exagerada. De acordo com a agência,

Apenas um tópico cita a “desconstrução da heteronormatividade” – e ele diz respeito exclusivamente ao Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo fixado por esse tópico é fazer com que famílias formadas por casais homossexuais, travestis e transexuais sejam incluídas no sistema de informação do SUS, assim como acontece com as formadas por casais heterossexuais (LUPA, 2018).

As agências de checagem são ferramentas importantes no combate às *fake news*, porém estão suscetíveis às condições de trabalho que prejudicam a profundidade da checagem. Por exemplo, diferentemente da caracterização feita pela Lupa da fala do *sujeito-candidato-JB* enquanto exagerada, concordamos com a editora da revista Piauí que afirma que:

Numa semana marcada por entrevistas de candidatos presidenciais ao Jornal Nacional, a **Lupa** errou ao classificar como ‘exagerada’ a seguinte afirmação de Jair Bolsonaro:

*‘O Plano Nacional de Promoção da Cidadania LGBT: são 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ensinando (...) que homem e mulher está errado’*[...] Na minha opinião, o núcleo, o ponto central da declaração de Jair Bolsonaro, é que o plano afirma que ‘homem e mulher está errado’. A julgar pelo que a própria **Lupa** apurou, penso que o núcleo da declaração de Bolsonaro é ‘falso’, não ‘exagerado’. Há tempo para corrigir. (ESCÓSSIA, 2018, *grifo da autora*)

Ao nosso ver, o que está em jogo não é, primariamente, a questão de o documento possuir ou não 180 itens, mas o fato de se *ensinar*, por meio dele, “*que homem e mulher está errado*”, como afirma *ipsis litteris* o *candidato-JB*.

Deste modo, por meio de um dos critérios que selecionamos para identificar as *fake news*, verificamos três declarações falsas na fala do *sujeito-candidato-JB*. Veremos agora se esses três *enunciados* se constituem de fato enquanto componentes de um processo de *emulação* de uma informação falsa enquanto uma notícia verdadeira. Isto é, prosseguiremos agora para o aspecto do *gênero discursivo*, especificamente no *plano composicional, estilo e conteúdo temático*.

#### **4.2.1. A enunciação na entrevista no Jornal Nacional**

A entrevista, a partir do nosso recorte, é iniciada com a pergunta do *sujeito-jornalista ao sujeito-candidato-JB*. Diferentemente da Rede Bandeirantes, apresentamos

<sup>51</sup> Disponível em: <https://twitter.com/i/status/1167213683950391297>. Acesso em: 30 set. 2020;

abaixo a transcrição feita pelo próprio Jornal Nacional da entrevista com *sujeito-candidato-JB*. O conteúdo está disponível em G1 (2018):

**(P1) Renata Vasconcellos:** Vou pedir então licença para a gente ir agora... São direitos, inclusive, a que o senhor se referiu. Vamos partir para outro tema importante, que é homofobia. A cada 19 horas, um gay, lésbica ou trans é assassinado ou se suicida por causa de homofobia no Brasil. O senhor já disse que não é homofóbico. Mas o senhor também já declarou que vizinho gay desvaloriza imóvel. O senhor já disse que prefere que um filho morra a ser gay. O senhor já, inclusive, relacionou pedofilia com homossexualismo. Candidato, essas declarações não são homofóbicas?

**(P2) William Bonner:** Esse termo, inclusive, “homossexualismo”, foi o senhor que usou, porque é um termo...

**(R1) Sujeito-candidato-JB:** Vamos falar. Vamos falar.

**(P3) William Bonner:** Em geral, a palavra correta para se usar seria...

**(P4) Renata Vasconcellos:** “Homossexualidade”.

**(P5) William Bonner:** “Homossexualidade”.

**(R2) Sujeito-candidato-JB:** É.

**(P6) William Bonner:** Renata foi literal na transcrição do que o senhor disse.

**(R3) Sujeito-candidato-JB:** Olha só, isso começou a acontecer em *novembro de 2010* comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E *eu* passando nos *corredores da Câmara*, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: ‘Vai haver alguma parada de orgulho *gay na Câmara?*’. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o *9º Seminário LGBT Infantil*. Repito, *9º Seminário LGBT Infantil*. Estavam discutindo ali, *comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia*, que passou a ser conhecido como “*kit gay*”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.

**(P7) Renata Vasconcellos:** Candidato, vou pedir para o senhor não mostrar se as crianças não podem ver.

**Sujeito-candidato-JB:** Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

**(P8) William Bonner:** Nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis...

**(R4) Sujeito-candidato-JB:** Não, mas está aqui no livro, uma prova, isso daqui...

**(P9) William Bonner:** Eu pediria ao senhor...

**(R5) Sujeito-candidato-JB:** Isso daqui, isso daqui não veio... Tudo bem, vou tirar o livro aqui.

**(P10) William Bonner:** Não é, candidato, posso lhe dizer, não é respeitoso. Você pode deixar o livro comigo.

**(P11) Renata Vasconcellos:** Para a gente até ... Pra gente até poder seguir adiante.

**(R5) Sujeito-candidato-JB:** Não, pode deixar, não vou mostrar mais não, fique tranquila. Então olha só, eu vou mostrar numa live, depois do programa o livro, sem problema nenhum. Se bem que fiz esse livro com a minha filha até o momento, de antes do livro entrar em questão, tirei a minha filha e fiz uma live, uma live não, fiz uma matéria no Facebook, deu 40 milhões de acesso em 15 dias.

**(P12) Renata Vasconcellos:** Candidato, essas suas declarações a que eu me referi... Gostaria que o senhor...

**(R6) Sujeito-candidato-JB:** Então olha só, em sala de aula, sala... Olha só, eu estava defendendo as crianças em sala de aula.

**(P13) Renata Vasconcellos:** Quando o senhor se referiu “a vizinho gay desvaloriza imóvel”?

**(R7) Sujeito-candidato-JB:** Meu Deus. É. Em todos esses momentos.

**(P14) Renata Vasconcellos:** O que isso tem a ver com as crianças?

**(R8) Sujeito-candidato-JB:** Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando com boneca por influência da escola, esse é o assunto. Não, mas espera aí...

**(P15) Renata Vasconcellos:** Mas para defender...

**(P16) William Bonner:** Candidato, a Renata lhe fez uma pergunta, mas o senhor não está respondendo.

**(R9) Sujeito-candidato-JB:** Mas foi em momentos que a temperatura cresceu. Então assim, nada eu tenho contra o gay, eu tenho contra o material escolar em sala de aula.

**(P17) Renata Vasconcellos:** Mas, candidato, por que para defender o seu ponto de vista o senhor faz declarações tão fortes que, inclusive, podem ofender as pessoas?

**(R10) Sujeito-candidato-JB:** Não, tem muito gay que é pai, que é mãe, e concorda comigo. As declarações foram fortes, foram algumas caneladas. Peço até desculpas, mas foi um momento de temperatura alta em comissões, que quase houve vias de fato em muitas discussões, porque o ativismo LGBT levava para isso. Inclusive, eu peço para você que está em casa: *entre na internet, pegue lá ‘Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.’ São 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criancinha a partir de 6 anos de idade. (G1, 2018, grifo nosso)*

Do mesmo modo que fizemos no processo de verificação, podemos dividir o discurso do *sujeito-candidato-JB* em três *enunciados-falsos* principais: 1º) 9º Seminário LGBT Infantil; 2º) Kit gay; e 3º) Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.

O *gênero discursivo* que rege a interação entre o *candidato-JB* e os jornalistas é o *gênero entrevista*, porém, ao longo de toda a entrevista, podemos notar construções e interações não-típicas desse *gênero*. Na verdade, os *gêneros discursivos*, enquanto práticas sociais, não são puros nem fechados, possibilitando aos sujeitos em interação uma negociação acerca dos aspectos daquela enunciação. Com negociação, não nos referimos a um acordo ou a um contrato de comum acordo, firmado entre os *sujeitos*, mas a uma

tensa disputa no qual o *projeto de dizer* de cada um é construído com base na representação *axio-valorativa* que um faz simultaneamente do outro.

Se partimos do ponto de vista de que, na entrevista, o *sujeito-entrevistado* responde aos questionamentos do *sujeito-entrevistador* apresentando dados, argumentos, enfim, construindo narrativas, pode haver, de fato, uma aproximação entre a resposta do entrevistado e uma notícia jornalística. O que vai diferenciar os dois casos é o clivo e a metodologia que guia o código de ética do jornalista. Porém, esses aspectos constituintes dessa esfera de atividade não impedem, como aponta Castro-Dias e Villarta-Neder (2018), a parcialidade da matéria jornalística. Ora, escrever sobre um determinado evento, perguntando pessoas específicas que participaram daquele evento, usando ou não imagens, são escolhas e indiciam o lugar e a valoração que o jornalista situa para tais construções.

De qualquer modo, se o *projeto de dizer* de um *sujeito-candidato-à-presidência* da república for noticiar um acontecimento com a intenção de prejudicar outro candidato, a entrevista ao vivo, via rede de televisão aberta, se torna um momento propício para a realização desse projeto, já que o alcance em termos de público eleitoral é deveras maior. Além disso, o *cronotopo* de uma fala em um jornal ao vivo é importante, pois incorpora a credibilidade e a autoridade dadas aos jornalistas para noticiarem o mundo.

Nesse sentido, em termos de plano composicional, as declarações do *candidato-JB* referem-se a um evento que aconteceu em uma data específica, na presença do candidato, em um local específico, com um dado objetivo específico e que resultou em um material final específico. Tal composição dialoga com a lide (*incipit* em latim) do texto jornalístico, pois traz no seu *conteúdo-temático* o que ocorreu, entre quais *sujeitos*, onde, quando e o desfecho/resultado do ocorrido, como mostra o quadro abaixo:

**Quadro 3.0 - Emulação de notícia**

|                    |  |
|--------------------|--|
| Quando             | <i>Novembro de 2010</i>  |
| Participantes      | <i>Sujeito-candidato-JB (eu) e gay na câmara</i>                       |
| Onde               | <i>Câmara dos Deputados</i>  |
| O que              | <i>9º Seminário LGBT Infantil</i>                                      |
| Objetivo           | <i>Comemorando lançamento de um material para combater a homofobia</i> |
| Resultado/desfecho | <i>Kit gay</i>   |

**Fonte:** AUTORIA PRÓPRIA

Não estamos dizendo de maneira alguma que há uma única fórmula ou formato para que uma notícia seja dada, apenas ressaltando a semelhança entre o *plano composicional* do enunciado do *sujeito-candidato-JB* e o funcionamento do *gênero notícia*. Em pleno acordo com Roxo e Melo (2018, p.17), nomeamos o processo no qual um *sujeito-não-jornalista* enuncia uma notícia falsa enquanto verdadeira de *emulação*, destacando que ser *fake news* ou não depende de outros dois fatores. O processo de *emulação* consiste no espelhamento da produção jornalística em um enunciado dito por alguém de outro campo.

Se cotejarmos os enunciados do *candidato-JB* com os enunciados do *candidato-CD*, notaremos que o processo de apresentar um dado falso enquanto uma informação verdadeira é semelhante, porém, há uma diferença tanto no **como** cada candidato realiza esse processo quanto na materialidade. O quadro 1.0, citado na seção 5.1.1, demonstra como o fator *news* ou o *gênero notícia* não é o elemento estruturante do dizer do *candidato-CD*, o que constatamos ser o caso nos enunciados do *candidato-JB*. Essa separação entre a *emulação* de um dado falso enquanto notícia e a *emulação* de um dado falso enquanto discurso pastoral (religioso), feita com base nos critérios de Alcott e Gentzkow (2017) e na nossa leitura de Roxo e Melo (2018), é importante para identificarmos que se trata de dois usos de linguagem distintos, como similitudes e diferenças. Por exemplo, o *plano composicional* dos enunciados do *JB* é completamente diferente do plano que constitui os enunciados do *CD*. O candidato do PSL se utiliza do *gênero notícia* como arquétipo relativamente estável e típico para enunciar uma *fake news*, trazendo várias características composicionais (situacionais) para a construção de sua narrativa. O *candidato-CD*, por sua vez, aposta em uma representação mais monológica, em certo sentido, instituindo-se como o revelador da verdade. Ou seja, o *CD* não se espelha necessariamente em um modelo jornalístico de construção de verdade, mas enuncia do campo do discurso religioso no qual a valoração axiológica de um enunciado é realizada sobre parâmetros diferentes do jornalismo.

Ao nosso ver, e ancorados na episteme bakhtiniana, todo processo de descrição do mundo/*acontecimento*, seja no plano linguístico-verbal, seja em outras linguagens, é, em algum nível, um processo também narrativo, pois o tom *emotivo-volitivo* do sujeito faz com ele narre de um determinado lugar uniorrente no mundo, com sua entonação vocal, gestual, verbal particular. No presente caso analisado, por exemplo, o processo narrativo feito pelo *sujeito candidato-JB* na sua resposta (R1) foi realizado de maneira tridimensional: verbal, vocal e visual<sup>52</sup>. O *candidato-JB*, nesse trecho, pede para que os jornalistas aceitem

---

<sup>52</sup> Como não assumimos como objetivo central analisar essas três linguagens nos objetos de análise, apenas apontaremos como as três materialidades constituem o enunciado e que participam do processo de construção enunciativo.

o uso do termo homossexualismo, utilizado de maneira equivocada pela jornalista, que repetia palavras ditas pelo próprio candidato. A enunciação desse pedido ocorre via estrutura verbal (– vamos *falar*, *vamos falar*.), visual (sorrindo e movimentando a cabeça verticalmente) e vocal (via entoação prosódica de típica de pedido).

O que acontece é que ao dizer ou narrar uma história com participantes, locais, datas, etc., em um canal de televisão com milhões de acesso, o *sujeito-candidato-JB emula* significamente, em termos genéricos, o enunciado na/da *esfera jornalística*. Essa *emulação* envolve diferentes semioses, que trataremos mais a frente ao analisar a repetição do título do seminário com os gestos feitos pelo candidato. Há, assim, uma relação discursiva importante entre quem diz, onde diz, como diz, para quem diz, o que pode contribuir, tanto nesse caso como em outros, para análise do processo de *emulação* das *fake news*.

Se o *plano composicional* indicia um processo de *emulação* do gênero notícia realizado pelo candidato do PSL, o *estilo* do *enunciado-notícia* permite-nos traçar o lugar social de onde o *candidato-JB* se enuncia.

**Quadro 3.1 - Jornalismo brasileiro vs *sujeito-candidato-JB***

|  |  |
|--|--|
| Jornalismo brasileiro                        | <i>Sujeito-candidato-2</i>                               |
| nona edição do seminário LGBT – VEJA (2018b) | 9º Seminário LGBT Infantil – <i>sujeito-candidato-JB</i> |
| 9º Seminário LGBT – EXTRA (2018a).           |  |
| 9º Seminário LGBT – CARTA CAPITAL (2018)     |  |

Fonte: AUTORIA PRÓPRIA

Nota-se que, dentre os recursos fraseológicos-estilísticos utilizados pelo *candidato-JB*, o termo *infantil* faz toda a diferença, pois o principal argumento dos políticos contrários ao projeto foi o de que o material seria exibido e distribuído para crianças de 6, 7, 8 e 9 anos de idade. Linguisticamente e, em conjunto com a numeração do suposto seminário, o vocábulo *infantil* (des)qualifica o Seminário LGBT, pois poderíamos ter: 9º (8º, 7º, 6º ...) Seminário LGBT Infantil (adulto, infanto-juvenil, idoso...). A indicação do número do evento, nono seminário, e o público alvo, as crianças, pode, como fizemos acima hipoteticamente, ser substituídos por outros qualificadores, ordenadores, isto é, outros elementos que participam do processo de caracterização do seminário. O núcleo do enunciado, se assim pudermos chamar, é o *Seminário LGBT*, que a partir de *tons emotivo-volitivos* diferentes vai ser nomeado também de maneira distinta. Ora, o lugar singular no

qual o sujeito se constitui na relação com o outro participa ativamente do seu processo de representação e narração do mundo.

Deste modo, identificar esse núcleo verbal do *enunciado* não significa que os outros elementos que também o compõe são menos importantes, pelo contrário, pode-se perceber que o processo de disputa ideológica e a formação da *arena* de embates entre sujeitos diferentes perpassa a noção de infância e de escola.

Ideologicamente, podemos notar, pelo lado dos criadores do kit, uma visão de mundo que parte do princípio de que os indivíduos biológicos não nascem homofóbicos ou transfóbicos, mas aprendem com as gerações anteriores tais valorações, o que significa que a escola deve assumir como papel basilar o combate à homofobia que se perpetua de uma geração à outra. Na perspectiva do *candidato-JB*, que é contrária ao posicionamento dos criadores do kit, notamos uma visão de mundo que parte do pressuposto de que não há esse processo de homofobia que passa de uma geração à outra, pois não é a homofobia que se passa de uma geração a outra, mas os valores tradicionais, sendo a existência de gays e transexuais fruto da irresponsabilidade de pais que não seguiram os valores da família tradicional brasileira. Ainda na perspectiva conversadora (representada pelo *sujeito-candidato-JB*), o kit contra à homofobia visa promover a promiscuidade e tornar as crianças héteros em gays, por meio da não diferenciação entre práticas atribuídas ao feminino e práticas atribuídas ao gênero masculino (o exemplo de banheiros unissex e o brincar de boneca aparecem na fala do *sujeito-candidato-JB* em 2010). Nesse sentido, sob a perspectiva do *candidato-JB*, trata-se de valores morais (que ele alega serem cristãos) que constituem a integridade e evitam a promiscuidade do cidadão de bem.

A partir do mapeamento da *cadeia enunciativa multidirecional*, vimos que a fala do candidato retoma, na verdade, o *Seminário Escola sem Homofobia*. Vale retomar que, “(na linguagem de Gentzkow, Shapiro e Stone 2016, notícias falsas são ‘distorção’, não ‘filtragem’)”<sup>53</sup>(ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 214). Em outras palavras, as *fake news* não são compostas por omissões de informações, como é o caso da *economia da verdade* (POTTER, 1996), mas de trocas, modificações e até criações de dados falsos. Se observarmos sob o aspecto do *conteúdo temático*, o *candidato-JB* reinterpreta, a partir do seu lugar no mundo e da ideologia que o constitui, o seminário realizado na Câmara dos Deputados no final de 2010, substituindo o termo *escola* pelo termo *infantil* e o termo *homofobia* por *LGBT*.

---

<sup>53</sup> Tradução livre. No original, encontra-se: “(in the language of Gentzkow, Shapiro, and Stone 2016, fake news is ‘distortion,’ not ‘filtering’)” ((ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 214)).

Não se trata apenas de uma mudança em termos de possibilidades que a língua tem a oferecer, isto é, de uma recursividade argumentativa, mas da concretização de um *projeto de dizer*, que se constitui com base em uma ideologia que permite ao sujeito ver/agir/acreditar em certas coisas, mas não em outras. Ora, sob a perspectiva bakhtiniana, o *tema* homofobia discutido no Jornal Nacional não é o mesmo de quando o *candidato-JB* fez sua crítica no plenário, em 2010. A cada enunciação, esse *tema* se renova, pois ele “(iv) advém do enunciado completo/obra completa enquanto ato sócio-histórico determinado, sendo, portanto, inseparável tanto da situação da enunciação como dos elementos linguísticos; e (v) não pode ser introduzido no enunciado e encerrado. (BRAIT; PISTORI, 2012, p.384). Além disso, os *cronotopos* diferentes implicam que são *sujeitos* diferentes, com *vontades discursivas* diferentes.

Esse aspecto do *tema* nos é caro, pois é justamente nessa renovação que identificamos a aparente repetição, que longe de instaurar um sujeito passivo, explicita o processo de constituição da consciência. Retomando a entrevista/notícia no Jornal Nacional, é a partir desses embates, iniciados em 2010, que o *candidato-JB* não só é responsabilizado continuamente pela enunciação da referida *fake news*, como também apresenta materialmente seu processo intersubjetivo de formação de consciência, que se desenvolve em um território social. Assim, a repetição do título do suposto seminário faz parte do *projeto de dizer* desse candidato, que se propõe a *emular* um dado falso enquanto notícia verdadeira.

Para realizar esse processo de *emulação*, diferentes linguagens são levadas em consideração, sendo todas encarnações e materializações da consciência do *sujeito*, que é construída intersubjetivamente. Tendo em vista que “a consciência é uma ficção fora da objetivação, fora da encarnação em material determinado (*o material do gesto, da palavra, interior, do grito*)” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 211, *grifo nosso*), elaboramos abaixo uma comparação (**Fig.4.2** e **Fig.4.3**) entre os movimentos gestuais realizados pelo *candidato-JB* e os movimentos gestuais de uma jornalista durante a apresentação de um programa de notícias, o que ao nosso ver demonstra como o processo de *emulação* se realiza também no não-verbal.

Figura 4.2 - O visual no jornalismo



Fonte: SBT (2014, 1º bloco)

Figura 4.3 - Emulação visual na construção da fake news



Fonte: JN (2018, 19:11:00-19:13:00)

X\* - Mão semifechada com dedo indicador apontando para o telespectador;

X2\* - Mão semiaberta com dedo indicador se conectando com o polegar;

Z\* - Mãos abertas e paralelas uma à outra.

A **fig. 4.3** é referente à fala R3 apresentada anteriormente, mais especificamente ao enunciado: “9º Seminário LGBT Infantil, repito, 9º Seminário LGBT Infantil”. Podemos notar, por meio de uma comparação com os gestos de uma jornalista durante exercício de sua profissão, que o enunciado do *candidato-JB emula*, também em certo sentido, não só o

plano composicional do *gênero notícia* (o que, onde, quando, como, quem...), mas também os *estilos* mais gerais desse *fazer-jornalístico*. No nosso entender, o *estilo* do *enunciado* não se restringe apenas aos recursos fraseológicos verbais, mas é composto por todas as escolhas verbais e não verbais feitas pelo candidato no seu processo de enunciação.

Essa *emulação* por meio de materialidades sígnicas diferentes nos apontam, assim, que o *projeto de dizer* do *candidato-JB* consiste na realização de um processo de *emulação discursiva* do *fazer-jornalístico* principalmente sob o aspecto enfático, isto é, pelo fato de não ter uma reportagem bem trabalhada, como é comum ocorrer nos jornais televisivos antes dos comentários dos âncoras (quando há comentários), o *enunciador-candidato* narra uma história igualmente trabalhada, com todos os componentes estilísticos (enfáticos) que apontamos acima, verbais e não-verbais (**Quadro 3.0 e Figura 4.3**), de modo que seu *ato (postupok)* emule o *ato* jornalístico.

Temos, assim, a enunciação de uma **notícia intencionalmente falsa**, via *emulação* do *gênero discursivo*, em um *cronotopo* que confere credibilidade ao enunciador (jornal televisivo que só entrevistou os candidatos com mais chances de votos), para um grande público telespectador. Como vimos durante o processo de verificação das alegações do *candidato-JB*, as declarações falsas dadas pelo candidato são únicas e singulares, porém retomam também outras declarações feitas pelo próprio candidato, que foram desmentidas por diversos meios de comunicação, incluindo as agências de checagem de fatos. Em outras palavras, não há apenas uma *distorção* de uma notícia, mas uma insistência nessa *distorção* ou uma continuidade e repetição de uma alegação falsa. Tal processo de consciência, que é encarnado materialmente por linguagens diferentes, possibilita-nos dizer que são *enunciados-fake-news* com o propósito de enganar, já que o candidato em questão, devido às respostas as suas declarações anteriores, tem plena consciência de que suas alegações não são verídicas.

Essas condições de enunciação e de *emulação* do *gênero notícia* se repetem em outros momentos da entrevista com o *candidato-JB*. Vejamos como isso ocorre na apresentação do suposto material produzido pelo *Seminário Escola sem Homofobia*, intitulado falsamente como *Seminário LGBT Infantil* pelo *candidato-JB*.

Mesmo antes do *candidato-JB* criar e repetir enfaticamente o título *9º Seminário LGBT Infantil* na sua enunciação, no momento em que a jornalista menciona o termo homofobia na sua pergunta, ele já se preparava para exibir o material que ele acusa ser o *kit gay* (segunda *fake news*), como mostram as figuras abaixo (**fig.4.4**).

**Figura 4.4 - Preparação do Kit Gay no JN**



Fonte: JN (2018, 00:19:31-00:19:33)

Como bem salientamos, no caso de uma entrevista, na qual não há uma reportagem televisionada nem antes nem depois do *tema* tratado, tal espaço de fala precisa ser preenchido para dar crédito à notícia. É justamente assim que o aspecto verbivococomposicional (**Quadro 3.0**) dialoga com a **fig.4.4** (visual), pois a apresentação de um livro (*Le guide du zizi sexuel*, por exemplo) preenche o espaço da reportagem, sendo usado no *projeto de dizer* do candidato-JB como prova comprovatória de que sua história narrada (*notícia emulada*) encontra respaldo em documentos escritos.

Não há porque duvidarmos de que a escrita cumpre um papel dominante na sociedade brasileira moderna, quíça ocidental, pois as principais decisões dos três poderes da república (judiciário, legislativo, executivo) são feitas via escrita. Mesmo levando em consideração as votações orais do Congresso Nacional, como foi o processo de derrubada da presidenta Dilma Russel em 2016, todos os dizeres foram protocolados e anexados a um documento, isto é, escriturados. Se retomarmos de maneira literal a reflexão de Bakhtin, podemos assumir que “Não é o conteúdo de uma obrigação que me obriga, mas minha assinatura sob ela” (BAKHTIN, 1993, p. 56-57, *grifo nosso*). Em sociedades não dominadas pelos sistemas de escrita, como já foi o caso de muitas tribos indígenas antes do contato destrutivo com sistema alfabético-silábico, essa assinatura pode-se dar de outra forma, visto que se trata, na verdade, do comprometer-se com o ato, subscrever-se nele ativa e responsabilmente, assumindo que o dizer está sendo dito de um *eu* singular para um *outro* igualmente *singular*. Com uma determinada *duração* e em uma dada enunciação, apenas

um *ser-evento*, com todas as vozes que o constitui, pode ser o *eu*, e apenas outro *ser-evento*, com sua *duração* e vozes que o constitui, pode ser o *outro*.

Analisamos na primeira *fake news* que o *estilo* do *enunciado* do *candidato-JB* é marcado por uma caracterização e posicionamento ideológico que vai de encontro às questões de *identidade de gênero* discutidas atualmente. A modificação da referência ao termo “escola” para o termo “infantil”, por exemplo, comprova esse *projeto de dizer* e a *postura* assumida pelo referido candidato. Esses processos estilísticos, que são elaborados também em um tom *emotivo-volitivo*, funcionam em acordo com *gênero discursivo* no qual o candidato enuncia. Porém, há um diálogo entre *gêneros* no *acontecimento* analisado que, ao nosso ver, é o principal elemento que indicia a *emulação* de um dizer enquanto *enunciado-notícia*.

Se, no caso da URSAL, o *gênero debate político* organizou composicionalmente a interação entre o *candidato-Daciolo* e o *candidato-Ciro*, temos agora dois *gêneros* em disputa por essa organização da interação. A proposta do Jornal foi o convite para uma entrevista, com suas regras e possibilidades enquanto prática social, mas, o *candidato-JB*, do seu ponto de vista arquitetônico (*eu-para-o-outro-no-acontecimento*) elabora seu enunciado como notícia, ainda que falsa, tendo em vista seu *projeto de dizer*, como se fosse um jornalista.

Esse conflito entre os dois *gêneros discursivos*, o que é dialógico, implica, novamente, não só na concretização da consciência do candidato daquilo que ele estava dizendo (**notícia intencionalmente falsa**), como também na sua *vontade discursiva*. O *candidato-JB* havia sido informado sobre as regras da entrevista, conforme vemos em (P8) na fala do jornalista “[...] nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis...”, porém, seu *projeto de dizer* não se constituía com base no ato de dar uma entrevista, mas com base no ato de noticiar um acontecimento e, logo, comprová-lo: “mas tá aqui comigo: uma prova” (JN, 2018, 22:15).

Tendo em vista esse *projeto de dizer*, no qual se propõe enganar o eleitor com uma informação falsa, o *sujeito-candidato-JB* enuncia verbal, com sua entonação emotiva-volitiva, e também visualmente, por meio do direcionamento do olhar para a câmera (*sujeito-eleitor/sujeito-telespectador*), alertando-o sobre um material escolar que prejudicaria, no seu entender, a constituição heterossexual/homofóbica da sociedade brasileira (vide **fig. 4.5**).

**Figura 4.5 - Apresentação do Kit Gay no Jornal Nacional**



**Fonte:** JN (2018, 00:21:52- 00:21:52)

Essa escolha por apresentar um material, visualmente, parece-nos também constituir o *estilo* do *enunciado*, já que essa apresentação é feita sob um determinado *tom*. Podemos notar na **fig. 4.5** que o livro divide a centralidade da tela com o candidato por um momento, ou seja, o ato do dizer e do mostrar (ambos atos de fazer) participam da enunciação, um complementando o outro.

Além disso, diferentemente do *enunciado* do *candidato-Daciolo*, que surpreende tanto a criadora da terminologia quanto seu adversário político com a pergunta sobre a URSAL, o *candidato-JB* já carregava o livro *Le guide du zizi sexuel* ao entrar nos estúdios do Jornal Nacional da emissora Rede Globo, conforme mostramos na figura abaixo.

**Figura 4.6 - Candidato leva material não permitido para debate**



Fonte: JN (2018, 00:01:12- 00:01:14)

Retomando a questão da *assinatura*, a equipe diretora do programa Jornal Nacional, ao não questionar ou não recolher o material para que não fosse utilizado durante a entrevista, possibilitou ao *candidato-JB* que exibisse o livro, mesmo que por um curto período de tempo, em rede nacional. Como vimos, não se trata de uma mera apresentação do livro, mas um dado utilizado como prova da narrativa falsa criado pelo candidato.

Querendo ou não, concordando ou não, a equipe diretora do programa também *assinou e subscreveu* o ato do *candidato-JB*, ou seja, ela também é *responsável* pelo seu ato diante dessa e das outras duas *fake news* enunciadas pelo candidato. Nem o programa JN nem a emissora Rede Globo, como um todo, divulgou nota, após a entrevista, comentando as três *fake news* ditas pelo *candidato-JB*, o que foi exatamente o que aconteceu com relação a declaração que *candidato-JB* fez sobre o apoio da emissora ao período do regime militar que foi iniciado forçadamente em 1964.

A terceira *fake news* consiste na descrição do *Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT* e seu propósito. Ao ser questionado se suas declarações não poderiam ofender outras pessoas, o *candidato-JB* afirma que sua luta é contra a desconstrução da heteronormatividade, que no seu entendimento significa ensinar que a relação afetiva entre homem e mulher está errada. Apresentamos abaixo o preciso trecho no qual o candidato enuncia a *fake news*, novamente por meio do verbal e do não-verbal (vide **fig. 4.7**).

Inclusive, eu peço para você que está em casa: *entre na internet, pegue lá 'Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT.'* São 180 itens, entre eles a desconstrução da heteronormatividade, ou seja, estão ensinando em algumas escolas, que homem e mulher está errado, pode ser, sim, homem

*com homem, mulher e mulher. O que é difícil, Bonner, para criancinha a partir de 6 anos de idade. (JN, 2018, 00:23:44 - 00:24:08, grifo nosso)*

**Figura 4.7 - Exposição do Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT**





Fonte: JN (2018, 00:23:44 - 00:24:02)

Optamos por não capturar os fotogramas referentes aos últimos seis segundos do trecho recortado, pois o material acima (**fig. 4.7**) já nos permite com grande clareza constatar, novamente, o movimento gestual do *candidato-JB* e seu o olhar direcionado para a câmera, cujo propósito é, como defendemos, *emular* verbovisualmente um *enunciado-notícia*.

Nessa última *fake news*, o objeto material alvo da distorção feita pelo *candidato-JB* é o *Plano Nacional de Promoção e Cidadania LGBT* que apesar de existir de fato e conter 180 itens, não tem como objetivo ensinar que o relacionamento heterossexual é errado.

Se na segunda *fake news* (*kit gay*), o *candidato-JB* apresentou ele próprio o material, dessa vez o candidato *pede* ao telespectador/eleitor para que procure na internet o citado plano. Cabe destacar que esse momento da fala do candidato é dedicado exclusivamente para o telespectador/eleitor, isto é, a partir da alternância de planos (fechado (quando a câmera reduz o enquadramento para apenas um personagem) e de conjunto (quando a câmera busca apresentar os diferentes atores que estão na cena)), a equipe de filmagens do JN contribui para a efetivação do processo de *emulação* pretendido pelo candidato, constituindo-o no lugar discursivo de um *âncora*.

O principal fator é que, em um noticiário, o jornalista não pede ao telespectador para acessar um determinado conteúdo, apenas indica que tal tipo de informação pode ser encontrada em tal lugar. De maneira ilustrativa, podemos constatar esse processo na figura abaixo (**fig. 4.8**), com um exemplo recortado de outra edição do próprio Jornal Nacional, contendo o seguinte apontamento: “Em [g1.com.br/coronavirus](http://g1.com.br/coronavirus), *you* *encontra* mais detalhes sobre o seu Estado” (JN, 2020, 00:57:56 – 00:58:02).

**Figura 4.8 - Demonstração de acesso à informação no Jornal Nacional**



Fonte: JN (2020, 00:57:56 – 00:58:02).

Cada elemento de variação ou de *refração* indicia-nos como o processo de *emulação* modifica e constitui o *conteúdo temático* do *enunciado-fake-news* do *candidato-JB*, *refração* essa que começa no *plano composicional*, mas que também está presente no *tema* e *estilo*.

No caso do processo de *emulação* do *sujeito-candidato-JB*, que tenta se passar como jornalista sem de fato se constituir como um, o *excedente de visão* também está presente e se materializa principalmente no *estilo* do *enunciado*. Ora, os recursos lexicais, fraseológicos, enfim, entonacionais são muito distintos de todo o padrão de isonomia que rege, em teoria, o *fazer-jornalístico*.

A escolha lexical faz parte do *estilo*, mas não podemos nos esquecer que o uso dos lexemas também faz, ou seja, o *estilo* do enunciado compreende desde a escolha da palavra até o *tom* no qual aquela palavra é enunciada. Por exemplo, é notável que nesse curto recorte da entrevista, concedida pelo candidato ao jornal, que o uso da repetição lexical seja um componente tão frequente, o que acontece em razão de três possíveis *intenções discursivas*: 1) Para legitimar o lugar ideológico-axiológico do/no qual o entrevistado enuncia; 2) Para enfatizar e corroborar a notícia falsa que é *emulada* como se fosse verdadeira; e 3) Para instaurar hierarquias axiológicas entre o candidato e os jornalistas<sup>54</sup>.

O primeiro caso de repetição, que identificamos no recorte feito, acontece em R1 e faz parte do *projeto de dizer* e do *lugar ideológico* que *candidato-JB* assume. A transcrição feita pelo jornal não materializa via escrita todas as minúcias da interação verbal entre entrevistado e entrevistadores, mas trata-se do intervalo entre 00:20:52 minutos e 00:20:54 minutos, lembrando que a entrevista durou 27 minutos aproximadamente.

Antes do trecho analisado, a jornalista, ao abordar o tema homofobia, utiliza o termo “homossexualismo”, que já havia sido utilizado pelo *sujeito-candidato-JB* em outra ocasião. O outro jornalista lembra que o termo mais adequado é homossexualidade, e afirma que a colega foi literal no termo utilizado pelo candidato outrora. Contudo, essa ressalva feita pelo jornalista e apoiada pela jornalista, que explicam que o melhor termo é homossexualidade, encontra resistência frente ao entrevistado que sorri e repete “vamos

---

<sup>54</sup> Devemos destacar que o referido *candidato-JB* não estabelece o mesmo tipo de relação de poder com seus entrevistadores, chegando ao ponto de declarar que: “estou vendo uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda certeza há uma diferença salarial aqui, parece que é muito maior para ele do que é para a senhora. São cargos semelhantes, semelhantes, são iguais” (JN, 2018, 00:13:47 – 00:14:01). Nos deteremos nas *fake news*, mas esse pode e deve ser tema para futuras análises, especialmente pelo fato desse candidato ter sido eleito e ocupar hoje o poder máximo do executivo.

falar, vamos falar” (JN, 2014, 00:20:53-:00:20:54), se referindo ao termo homossexualismo, como podemos ver na figura abaixo.

**Figura 5.0 - 1º repetição**



**Fonte:** JN, 2018, 00:19:50 - 00:19:52)

Se o *conteúdo temático* marca o irrepitível de cada *enunciado*, aquilo que o *tom emotivo-volitivo* do enunciador singulariza espaço-temporalmente em termos de relação e representações de si e do outro, as materializações das ideologias também se fazem nesse terreno. Novamente, além de preferir o termo homossexualismo, como bem apontou a jornalista e o jornalista, o *candidato-JB* ainda insiste em continuar utilizando o referido termo mesmo sabendo que é inadequado, o que pode ser observado pela materialidade verbal-vocal e pelo riso diante do proferimento do novo termo: homossexualidade. Ao nosso ver, esta é a materialização concreta do ponto de vista ideológico no qual o *sujeito candidato-JB* enuncia.

O segundo caso de repetição está na primeira *fake news* (R3), que já analisamos. Acrescentamos, nesse momento, os fotogramas dessa fala, o que nos permite identificar que há não só um processo de repetição do verbal, mas também há uma repetição nos gestos com as mãos, no qual o autor afirma (fig.5.1): “E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º *Seminário LGBT Infantil*. Repito, 9º *Seminário LGBT Infantil*” (JN, 2018, 00:21;28 – 00:21:39, *grifo nosso*).

**Figura 5.1 - 2º Repetição**



**Fonte:** JN (2018, 00:21:32 – 00:21:37)

Os seis fotogramas acima exibem como as mãos do *candidato-JB* se movimentam vertical e repetidamente, na medida em que pronuncia, também repetidamente, o suposto título do seminário.

Essa repetição lexical no funcionamento e concretização do enunciado apresenta-nos duas características importantes: 1) O *candidato-JB* tem domínio e conhecimento sobre o que fala, o que, onde e quando algo ocorreu; e 2) O candidato despreza o referido seminário e se esforça para alertar o *sujeito-leitor*, também *sujeito-telespectador*, sobre o perigo dos governos de esquerda para manutenção de determinados valores.

A primeira característica se sustenta nos elementos do *gênero discursivo*, isto é, faz parte do processo de situacionalização do evento 9º *Seminário LGBT Infantil*, como mostramos no **quadro 3.0** (página 72 dessa dissertação). Tal aspecto também demonstra

um planejamento do *enunciado*, isto é, um *projeto de dizer* definido previamente em relação à entrevista. Trata-se de um aspecto similar ao que levantamos na análise do *sujeito-candidato-Daciolo*, no qual identificamos um *projeto de dizer* já elaborado, que pouco se alterava em razão do debate com outro *sujeito-candidato-à-presidência* no debate da Rede Bandeirantes de televisão.

Importa-nos o fato de esse *enunciado* ser concretizado nas palavras, nos gestos e na entonação do *sujeito-candidato-JB*, respondendo e suscitando novos *enunciados*, como também ocorre na enunciação do *candidato-Daciolo*. É justamente nessa concretização e no *cronotopo* no qual o enunciado é realizado que o fator de autoridade do *sujeito-candidato-JB* é marcante, pois o *enunciado* foi dito em uma entrevista/sabatina em rede nacional, no final do primeiro turno das eleições presidenciais, no qual ainda havia uma grande disputa pelos votos, visto que o líder nas pesquisas se encontrava preso em Curitiba.

O segundo aspecto, que é referente ao que estamos chamando de desprezo pelo 9º *Seminário LGBT* (presente em R3), fica evidente quando analisamos o *enunciado* do *sujeito-candidato-JB* no *Jornal Nacional* em *cotejo* com a fala do próprio candidato em 2010 na Câmara dos Deputados, que foi feita alguns dias após o encerramento do suposto seminário: “...Esse kit com o título ‘Combate à homofobia’, mas na verdade é um estímulo ao homossexualismo, é um incentivo a promiscuidade” (BOLSONARO, 2010, 00:1:31 – 00:1:45)<sup>55</sup>. Nessa fala, o *candidato-JB* torna homossexualidade equivalente à promiscuidade, o que em uma concepção cristã conservadora tem um juízo de valor negativo, produzindo assim o sentido tanto axiológico quanto ideológico dos dois termos. Deste modo, esse desprezo às políticas voltadas para o público LGBTQIA+ é anterior ao *evento-jornal nacional* e se mantém posteriormente as eleições, pois há pesquisadores que nomeiam o projeto de Governo Bolsonarista, eleito em 2018, de a *eugenia de Bolsonaro* (PAULA; LOPES, 2020).

Por fim, o terceiro caso de repetição consiste no *candidato-JB* estabelecendo uma relação de hierarquia axiológica entre o seu dizer e o dizer de sua entrevistadora. Essa hierarquia aparece no processo de resposta do *candidato-JB* e é uma marca ideológica, já que a depender da valoração do assunto abordado, o candidato poderia ter falado mais alto que sua interlocutora, ficado em silêncio (não responder verbalmente), pedido para passar para o próximo tema, como fez em outros trechos da mesma entrevista.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OqRRUfH6Rs>. Acesso em: 06 abr. 2021.

**Figura 5.2 - Repetição 3**



Fonte: JN (2018, 00:20:50 - 00:20:52)

No caso analisado (**fig.5.2**), o *sujeito-candidato-JB* decidiu competir vocalmente com sua entrevistadora, alçando a voz na primeira e na segunda entonação do enunciado *todos esses momentos* e reduzindo a amplitude de sua onda sonora na terceira enunciação, visto que sua entrevistadora desistiu, momentaneamente, de contrapô-lo. Cabe ainda dizer que os trechos **P13** e **P14** (questionamentos da jornalista) acontecem sequencialmente, isto é, um após o outro, mas ambos são feitos concomitantemente aos três enunciados do *sujeito-candidato-JB*.

Não podemos observar o *ato* de um *ser-evento* fora de seu processo de enunciação, analisando seus componentes de maneira isolada, pois seja a sobreposição de voz, como é o caso analisado, seja no silenciamento do outro de outra maneira, em nenhum dos dois atos a valoração acontece fora da enunciação. A *valoração* da *palavra-alheia*, e aqui não nos referimos apenas à valoração positiva, é o processo que engendra um *enunciado-reposta* e o *tom* desse *enunciado*. O motivo do *enunciado* suscitar uma resposta é justamente pelo fato de ele se dirigir para uma compreensão, ele parte de uma valoração acerca de um *enunciado* anterior e se dirige para outra valoração – uma resposta.

Assim, não são apenas os gestos feitos com as mãos que *emulam* um *enunciado-notícia*, não é apenas a escolha das palavras do candidato, não é apenas a apresentação ou indicação de material probatório daquilo que se diz, não é apenas o *cronotopo* do horário nobre, mas é o conjunto de todos esses elementos articulados via

*projeto de dizer* que faz com que os *enunciados* do *candidato-JB* produzam alguns sentidos e não outros. Ao separar um aspecto dos outros, perdemos a noção da *enunciação* como um todo.

Sendo assim, a materialidade sígnica, seja ela verbivocal seja ela construída por outra semiose, só produz sentido na *enunciação* e, quando encontramos mais de uma materialidade sígnica mostrada no enunciado, que é tridimensional em sua potência, precisamos considerar que tais linguagens estão fazendo parte de um mesmo conjunto – o *enunciado*. O *sujeito-candidato-JB*, por exemplo, não fala *tá aqui uma prova* para depois apresentar o livro *Le guide du zizi sexuel*, mas nomeia e apresenta o material ao mesmo tempo, de maneira consecutiva, ou seja, as materialidades sígnicas são articuladas em razão do *projeto de dizer* do enunciator.

Deste modo, a sobreposição que o *sujeito-candidato-JB* faz no dizer da jornalista deve ser levada em consideração conjuntamente com todos os outros aspectos da *enunciação*, que são as escolhas das palavras, a entonação e a repetição.

Vale destacar que nesse processo de repetição, bem como nos outros, não é apenas uma hierarquia entre *sujeito-entrevistador* e *sujeito-entrevistado*, mas são relações axiológicas que se constituem de maneira assimétrica entre cada sujeito e os *temas* discutidos na entrevista (educação, economia, segurança). Essa assimetria valorativa que o *sujeito-candidato-JB* cria em relação aos seus entrevistadores durante toda a entrevista parece-nos possibilitar ao referido candidato o *ato* de sobrepor seu dizer ao dizer do outro, indicando-nos não só o lugar a partir do qual esse *sujeito-candidato* enuncia, autoritário e dono da razão, como também a representação que ele faz de seus entrevistadores (hipócritas).

De maneira conclusiva, essa relação de poder firmada (disputada) arquitetonicamente entre os dois lados (candidato x jornal) contribui, juntamente com os aspectos da primeira e da segunda repetição, para que analisemos o *lugar-singular* uniorrente a partir do qual o *sujeito-candidato-JB* se constitui: diante da sua interpretação do Seminário Escola sem Homofobia, da sua escolha de palavras e pela entonação verbivocovisual na entrevista, trata-se de um lugar social homofóbico que despreza políticas sociais voltadas para a comunidade LGBTIQA+ e que *emula* notícias falsas (*fake news*) para seus ouvintes como se fossem verdadeiras.

Concluída essa análise dos enunciados do *candidato-JB*, podemos iniciar a análise do processo de construção de *pravda*, visto que entendemos ser necessário esse

aprofundamento na materialidade *linguístico-discursiva* elucidarmos os compromissos ético-responsáveis assumidos pelo referido candidato.

#### 4.2.2. A *pravda* e os atos responsáveis

De dentro, o ato realizado vê mais do que apenas um contexto unitário; ele também vê um contexto único, concreto, um último contexto, ao qual ele se refere tanto *no seu próprio sentido quanto na sua própria fatorialidade*, e dentro do qual ele tenta atualizar responsabilmente a verdade [*pravda*] única tanto do fato como do sentido em sua unidade concreta. Para ver isso, obviamente é preciso tomar o ato realizado *não* como um fato contemplado de fora ou pensado teoricamente, mas tomá-lo de dentro, em sua responsabilidade (BAKHTIN, 1993, p.46).

Identificar que se trata de uma *emulação* tornou-se uma linha para analisarmos o *sujeito* e seu *enunciado*, especialmente no que tange a sua *duração* no *tempo-espaço* daquele acontecimento e sua *pravda*, visto que o *sujeito-candidato/sujeito-jornalista*, que enuncia a *fake news*, encontra-se na *esfera de atividade* legitimada para narrar os ocorridos do cotidiano, enunciando uma informação verificadamente falsa, com a intenção de enganar e a partir de construções típicas do *gênero notícia*.

Analisamos no capítulo acima como os gestos, construções sintáticas, formas de apresentação de dados e direcionamento do olhar constituem o processo de *emulação* de uma notícia realizado pelo *candidato-à-presidência-JB*. Esse processo foi importante para agora dizermos de que maneira esse *sujeito-candidato* é *responsável* pela *emulação* de uma notícia falsa no programa Jornal Nacional em agosto de 2018.

Cabe retomar que a mesma *responsabilidade contínua* analisada nos *enunciados* do *candidato-Daciolo* também é inescapável no caso do *candidato-Bolsonaro*. Diferentemente das *fake news* divulgadas nas redes sociais, principalmente via Whatsapp, há, no caso desses dizeres *enunciados* pelos candidatos em televisão aberta, uma maior dificuldade para que o enunciador diga que não disse algo ou que não era ele/ela naquele evento. Poderíamos dizer que há exceções, como é o caso das *deep fakes*<sup>56</sup>, mas durante a pesquisa que culminou com a escolha dos dois objetos/sujeitos de análise não encontramos nenhuma manifestação dessa tecnologia nas eleições presidenciais brasileira de 2018.

Devemos acrescentar, em relação à análise do *corpus* anterior e desse também, que a *responsabilidade contínua* é um processo constitutivo do *sujeito* formado na e pela

---

<sup>56</sup> São notícias falsas feitas em softwares avançados que conseguem produzir um holograma de uma pessoa, simulando uma fala de modo tão preciso que, sem o olhar atento de um profissional que trabalha no meio do design gráfico, fica difícil detectar a diferença entre um vídeo feito a partir do computador e um vídeo feito a partir de uma gravação audiovisual.

*alteridade*, não há como concebemos e analisarmos os compromissos assumidos sem que a base seja a *alteridade*, pois esse compromisso é sempre para e com o outro. Em outras palavras, essa continuidade responsável não é um traço específico do *enunciado* do CD, mas um aspecto do próprio processo de enunciação dessa era tecnológica, na qual é possível filmar, salvar e obter acesso às especificidades das diferentes materialidades de linguagem presentes em um dado *ato de enunciar*.

Vale dizer que Bakhtin (1993) já apresenta a base dessa noção e, dialogando com Kant e os neokantianos, postula o que ele chama de *ato responsável*. O acréscimo/leitura que fazemos do conceito é com base na análise dos presentes enunciados e em leituras de obras bakhtinianas posteriores à Bakhtin (1993 [1919]), principalmente as obras *Teoria do Romance* (I, II e III), nas quais o autor apresenta o conceito de *cronotopo* ou *tempo-espaço* para discutir a construção desses dois elementos em obras literárias.

Como vimos no caso dos *enunciados* do *candidato-Daciolo* e agora também no caso dos *enunciados* do *candidato-Bolsonaro*, as agências de checagem de fatos não possuem legitimidade para esses dois *sujeitos*, já que ambos repetem e (re) afirmam informações já desmentidas. Isso é um fator importante, pois eles dialogam, querendo ou não, com tais agências de checagem. Deste modo, a *pravda*, e aqui podemos colocar no plural se pensarmos nos dois acontecimentos analisados, é construída intersubjetivamente, sendo que tal processo de constituição, em termos de aceitar ou não a valoração do outro, está sob o clivo da(s) ideologia(s) e da(s) crença(s) que constitui(em) os sujeitos.

Dito isto, podemos notar que a *responsabilidade contínua*, analisada no caso URSAL, encontra-se presente da mesma forma dialética na entrevista do *candidato-JB* ao Jornal Nacional, interna e externamente.

O processo da *responsabilidade contínua*, no plano externo, é marcado pelas reportagens das agências de checagem que procuraram o candidato, à época, para explicar suas declarações e não receberam retorno, bem como é marcado pelo diálogo que o candidato faz com seu próprio enunciado de 2010, já desmentido. Assim, mapeamos abaixo a retomada e a orientação para uma resposta do enunciado do próprio *candidato-JB*, feito na Câmara dos Deputados Federais em 2010 e que se referia ao *Seminário Escola Sem Homofobia*, realizado 7 dias antes (vide **fig.6.0**).

Figura 6.0 - Processo enunciativo 2



No plano interno da *responsabilidade contínua*, identificamos, nos confrontos entre o candidato e seus entrevistadores, repetições que marcam não só um compromisso com o conteúdo de uma verdade, mas o compromisso com uma forma específica de dizer aquela verdade [*pravda*], o que fica claro na repetição 3 (“em todos esses momentos”). Esse processo é marcado pelo *plano composicional* gênero discursivo (entrevista) no qual o *candidato-JB* enuncia, não pela entrevista (*gênero discursivo*), como vimos. O *estilo*, nesse processo de *refração*<sup>57</sup> do *gênero*, exhibe então os elementos linguístico-discursivos utilizados pelo candidato que, inclusive, vão bem além da mera escolha das palavras utilizadas. A própria repetição é um processo que constrói o *estilo* dos *enunciados* analisados.

Nas três *fake news* analisadas, identificamos um processo de retomada de *enunciados* anteriores, o que ao nosso ver constitui essas *fake news* enquanto *enunciados-fake-news*, pois elas retomam *enunciados* anteriores e suscitam respostas. Esse processo de retomada, em uma perspectiva bakhtiniana, não é uma mera repetição, pois o *cronotopo candidato em campanha presidencial* é diferente do *cronotopo deputado federal na Câmara dos Deputados*, por exemplo. Essa diferença *espaço-temporal* modifica todo o processo de produção de sentido que envolve diferentes materialidades de linguagens de um *gênero*

<sup>57</sup> Assim como peixe dentro de um lago não está exatamente no lugar onde o vemos, pois a água (meio) refrata a luz (posição), o gênero notícia emulado pelo *candidato-JB* também é refratado. Do mesmo modo que a água é um meio diferente do ar, a política e, conseqüentemente, o político é diferente do jornalismo.

*discursivo*. A *enunciação* feita em 2010 não possui os mesmos traços da *emulação da notícia* feita em 2018. Se em um primeiro momento, 2010, o *sujeito-candidato-JB* fez uma interpretação homofóbica do *Seminário Escola Sem Homofobia* e do kit educativo, no segundo momento, 2018, mesmo sabendo que o *kit gay*, por exemplo, já havia sido desmentido pelos principais *meios de comunicação* brasileiros, ele refaz e atualiza seu discurso homofóbico acerca dos dois itens, acrescentando também uma informação falsa sobre o *Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT*. Há, como no caso do *sujeito-candidato-CD*, a manifestação de uma *pravda-anticientífica e autorizante*, porém, a *pravda* do *candidato-JB* não se pretende inaudível ou ininteligível, como poderíamos interpretar a partir de Bakhtin (1993), pelo contrário, ela é elaborada enunciativamente e *emuladamente* para se parecer com uma notícia, ou seja, direciona-se a uma resposta.

É precisamente desse lugar no mundo, anticientífico e fundamentalista, no tocante às verdades do grupo que constitui esse *sujeito*, que as três referidas informações falsas se tornam *pravdas*. Ora, as crenças e ideologias desse lugar no mundo não podem se materializar apenas em um *sujeito*, pois isso apagaria sua relação com o outro e a organização social na qual ambos vivem. A produção de *pravdas* (sentido de verdade), feita com base na arquitetura *eu-para-mim*, *eu-para-o-outro* e *outro-para-mim*, é de fato única e irrepetível, mas, retomando nossa discussão na seção 3.1, para que essa produção se seja validada e ganhe status de *signo ideológico*, reafirmamos que ela precisa ser compartilhada com outros *sujeitos* e estar (inter)ligada às condições mais fundamentais da existência de um dado grupo ou classe social.

O ponto importante é que a *pravda* do *sujeito-candidato-JB*, por ser elaborada com base em dados falsos, revela como esse lugar no mundo, de quem produz e de quem subscreve (compartilha/divulga) *enunciados homofóbicos*, despreza todos os avanços feitos no campo das ciências sociais em prol de uma sociedade mais justa e com maior equidade social. Aliás, se o *projeto de dizer* desse candidato não se baseia em uma equidade entre heterossexuais e comunidade LGBTIQA+, como interpretamos a partir da análise de diferentes instâncias do dizer do *candidato-JB* no *Jornal Nacional*, há claramente um projeto de dominação e de silenciamento por parte de um grupo que se acha melhor e/ou superior ao outro. Sob o ponto de vista dessa ideologia homofóbica, os dados, como aqueles citados pelo *candidato-JB*, são utilizados apenas como artifícios no processo de *emulação* de um *enunciado-notícia*.

O que podemos notar, assim, é que o *sujeito-candidato-JB*, mesmo discordando dos avanços científicos, que envolvem, por exemplo, a luta da comunidade LGBTIQA+

contra argumentos preconceituosos pseudo embasados em teorias científicas (caso da discussão sobre os cromossomos/gêneros (DE BEAUVOIR, 1980)), se utiliza do processo argumentativo dessa esfera de atividade (que defende o avanço científico): *emula* o gênero notícia, apresenta um livro como prova e indica um material para que o telespectador possa reconstituir a pesquisa feita. Porém, ao falsear os dados, esse mesmo candidato, *responsável* por si na sua relação com o(s) outro(s), rompe com a esfera científica e suas especificidades.

Da mesma forma que esse candidato se utiliza, em algum nível, da ciência e a nega, ele também realiza o mesmo com a democracia. A *assinatura*, em termos bakhtinianos, que o Jornal Nacional faz na enunciação das *fake news* homofóbicas, via *não-fazer* (fazer nota, errata, esclarecimentos etc.), pode ser entendida, por um lado, como cumprimento do regime democrático, possibilitando que diferentes vozes da sociedade se manifestem. Porém, por outro lado, exibir e não contrapor um discurso homofóbico, que é sabidamente mentiroso e que não coloca todos os indivíduos da sociedade como plenos dos mesmos direitos e deveres é uma atitude antidemocrática, já que o *Plano Nacional de Cidadania e Direitos LGBT*, criticado veementemente pelo *candidato-JB*, exige, por exemplo, que casais LGBTQIA+ tenham os mesmos direitos no acesso à saúde que os casais entre duas pessoas heterossexuais.

A *pravda* criada pelo *candidato-JB* se constitui, deste modo, no imbricamento entre discursos que se pretendem científicos e discursos preconceituosos, o que situa historicamente os enunciados desse candidato, quer ele queira, quer não, em uma *cadeia enunciativa multidirecional* de outros discursos que também se constituem nesse imbricamento. Por exemplo, de acordo com Arendt (2014), o totalitarismo nazista se apoiou em discursos pseudocientíficos e preconceituosos como base para sua governança, defendendo que a raça ariana era superior as outras e que, logo, tinha o direito de sobrepujar os outros povos. Além disso, o trabalho feito por Rocha (2018) mostra como as propagandas do regime nazista e as publicações nas redes sociais do *candidato-JB* apresentam afinidades na sua composição, visto que seguem as mesmas Leis de Domenach (DOMENACH, 2001[1950]).

Uma discussão mais aprofundada acerca do nazismo enquanto *signo ideológico* encontra-se em Oliveira, Dias e Villarta-Neder (2018). O que nos interessa aqui é evidenciar os discursos e lugares no mundo que permitem e sustentam a enunciação de tais dados falsos com a *vontade discursiva* de enganar, como aqueles ditos pelo *candidato-JB*, enquanto dados verídicos/verificáveis.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar, a partir da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, especialmente, sob o prisma da *pravda* e *istina*, os processos *responsivos* pelos quais os *sujeitos* candidatos à presidência do Brasil constroem *fake news* nas eleições de 2018. Notamos, todavia, que as declarações falsas chamadas de *fake news* pelos meios de comunicação, não se comportam, todas, da mesma maneira. Inclusive, realizamos na presente dissertação uma distinção entre uma informação falsa *emulada* enquanto verídica via *gênero debate político* e uma informação falsa *emulada* enquanto verídica via *gênero notícia*.

A questão do *gênero discursivo*, apesar de não ser a principal ferramenta escolhida para cumprir o objetivo principal, tornou-se parte essencial da análise, pois foi a partir desse conceito que analisamos os enunciados no processo de *emulação* de um dado falso enquanto verdadeiro. Inclusive, a análise dos dois processos de *emulação* foi construída com base no diálogo com autores do campo do jornalismo (ALCOTT e GENTZKOW, 2017; BARRAGÁN, 2018; DARNTON, 2017; MENGER, 2019; ROXO e MELO, 2018). Além disso, o diálogo com Weinrich (2017) nos possibilitou interpretar à luz da semântica como a palavra *senhor*, utilizada pelo *candidato-Daciolo*, produzia sentidos em função do *projeto de dizer* engendrado por esse candidato. O próprio dado falso utilizado em uma *fake news*, como é o caso dos enunciados do *candidato-JB*, baseando-nos em Alcott e Gentzkow (2017), é criado com base em uma distorção do fato descrito, não em uma invenção. Esse detalhe é um importante traço das *fake news*, já que implica uma *intenção discursiva no enunciado-fake-news*.

Além disso, essa distinção é também importante para o trato científico da problemática das *fake news* que, apesar de não serem recentes, possuem novas características e temas na atualidade. Os dois meios de comunicação brasileiros analisados não só permitiram que os candidatos apresentassem dados, eventos e organizações falsas, como também, ao não desmentirem tais dados de maneira enérgica, os legitimaram. Podemos citar como forma de resposta enérgica o caso que ocorreu no programa *Bienvenidos 13*, no Chile, no qual a apresentadora Tonka Tomicic convidou o advogado Hermógenes Pérez de Arce, que estava defendendo que não houve ditadura militar ou violação sistemática dos direitos humanos durante o regime de Augusto Pinochet, a se retirar do programa (PROGRAMA MATUTINO, 2019).

Em determinadas *cadeias enunciativas multidirecionais*, como é o caso dos enunciados *verbivocovisuais* (PAULA; SERNI, 2017) dos dois *sujeitos-candidatos*

analisados, os *cronotopos* são tão bem marcados que o fator *contínuo*, da *responsabilidade* de que falava Bakhtin em 1919, fica não só mais visível, mas também mais concreto em certo sentido, principalmente pelo fato de, ao tentar negar ou reafirmar uma declaração falsa feita para um grande público, o *sujeito-candidato* retoma esse dizer, não só respondendo a ele, mas também o autorizando e o validando. Um exemplo desse processo é a URSAL, que apesar de não existir materialmente enquanto uma organização ou plano político entre os governos da América Latina, é viva enquanto *signo ideológico*, sendo validada a cada enunciado que a envolve. É fato que o *enunciado-fake* URSAL não se concretiza como uma *fake news*, por não ser uma *notícia intencionalmente falsa, verificável e com o propósito de enganar*, porém, a URSAL não deixa de ser uma *pravda*, em termos bakhtinianos. Esse lugar no mundo é construído arquetipicamente no modelo de guerra, no qual aqueles que não fazem parte do grupo, são inimigos e, logo, não dizem a verdade.

Concluimos que um *candidato-à-presidência* da república, a depender do seu partido e outros fatores, goza de tempo para entrevistas nos canais de televisão abertos<sup>58</sup>. A partir da análise dos enunciados dos *sujeitos-candidatos* Daciolo e Bolsonaro, vimos que esse tempo foi utilizado para expor dados falsos enquanto informações verídicas. No segundo caso, inclusive, o *candidato-Bolsonaro* elaborou sua narrativa com base no *gênero notícia*, se aproveitando daquela enunciação para construir definitivamente três *fake news*. Vale dizer, ainda, que esse aproveitar foi, na verdade, planejado, como vimos nos fotogramas que mostram o candidato entrando nos estúdios do Jornal Nacional carregando o livro que falsamente é atrelado ao material produzido pelo *Seminário Escola Sem Homofobia*.

De fato, esse tempo *ao vivo* nada mais é que uma oportunidade de se constituir em um lugar de poder, entendendo *poder* como *tempo-espaco* para enunciar suas *pravdas* para um grande público. Isto levanta alguns questionamentos, principalmente em relação a *posição* do *sujeito dizente* de um *enunciado-fake-news*: pode um não-jornalista dar uma notícia como um jornalista, com aspectos composicionais parecidos, em uma rede de televisão?

Por um lado, um olhar analítico dos dados eleitorais da eleição daquele ano contribui para uma possível resposta, já que um dos candidatos analisados neste trabalho, inclusive, venceu a campanha presidencial de 2018. Esse resultado evidencia de que maneira a sociedade brasileira contemporânea reagiu não só diante dos *enunciados-fakes*,

---

<sup>58</sup> O sistema televisivo brasileiro é composto por canais abertos, que não requerem uma assinatura mensal do serviço, isto é, um pagamento pecuniário, e canais fechados, que são vendidos em pacotes por companhias de internet e operadoras de celular.

mas também diante das concepções histórico-sociais anticientíficas que constituem os *projetos de dizer* nesses enunciados.

Por outro lado, em teoria, a posição singular, única e responsável do *sujeito* é *candidato à presidência da República do Brasil*, o que significa que há compromissos e poderes (possibilidades) desse e para com esse *ser-evento* no mundo. Sendo assim, mesmo *emulando* os aspectos que constituem um *gênero notícia*, tal sujeito, enquanto candidato à presidência do país, não poderia gozar da credibilidade e confiança do mesmo modo que um jornalista, a não ser que o telespectador compartilhasse das mesmas concepções que o *enunciador* da *fake news*, que se fundamenta em uma ideologia que não aceita outra verdade senão aquela interna do grupo. Ainda assim, mesmo que o *sujeito-eleitor* se constitua a partir das mesmas concepções que o *sujeito-candidato-JB*, enunciador das três *fake news*, identificamos que há *emulação de uma notícia* (feita em tom homofóbico, no *acontecimento* entrevista ao Jornal Nacional e no *cronotopo* da campanha presidencial de 2018), que se respalda em uma realidade adversa aos conhecimentos legitimados pelas mais diversas áreas científicas do conhecimento.

De qualquer modo, nossa interpretação do processo de enunciação das *fake news* vem oferecer uma forma de contribuir para com a necessidade já apontada por Delmazo e Valente (2018, p.166), no qual os autores afirmam que a investigação e combate às *fake news* merecem mais aprofundamento, necessitando de um conjunto de mecanismos que vão desde à *literacia digital*, como eles nomeiam, até a *educação* no sentido mais amplo. De certo, o ensino voltado para as práticas sociais, como propõe Geraldi (2010), contribui para que o aluno construa representações acerca do funcionamento discursivo das práticas sociais da sociedade na qual ele vive, o que, aliás, deveria ser o principal objetivo da escola, já que construir tal compreensão é uma forma de possibilitar ao aluno ter acesso as mais diferentes práticas que o circunda.

Ora, não se trata, como fez a escola durante a maior parte de sua existência, de classificar e memorizar essas ou aquelas características do *gênero discursivo* – isso quando se trabalhava com alguma noção de *gênero* (discursivo ou textual) –, mas de analisar e refletir sobre as relações que estão em jogo naquele acontecimento: qual é a *esfera de atividade* (exemplo: jornalística e política), qual é o *gênero* (exemplo: debate), quem são os sujeitos (exemplo: jornalistas e candidatos à presidência), o que os *enunciados* retomam (exemplo: ideologias antagônicas ao desenvolvimento social e científico da sociedade) e que respostas suscitam (exemplo: votos). Tais elementos podem contribuir de maneira mais efetiva para que o aluno, diante de um caso como o debate que analisamos, saiba

compreender e interpretar de maneira reflexiva os *atos (postupok)* dos *candidatos*, principalmente o *projeto de dizer* que cada um elabora.

A partir das análises, pudemos notar que os *enunciados-fakes* dos dois candidatos se estruturam em um dado *estilo, tema e plano composicional*. Notamos também que o *tom* singulariza o *estilo do autor*, sendo que todos os recursos da língua ganham vida, metaforicamente falando, mas não apenas, na boca do *sujeito-candidato* que enuncia. Esses recursos linguístico-discursivos funcionam em conjunto com outras linguagens, não se separando delas no processo da enunciação, o que mostramos via análise do fazer-dizer e do fazer-mostrar do livro *Le guide du zizi sexuel*.

Confirmamos nessa dissertação que os meios de comunicação encontram dificuldade para definirem as *fake news*, pois notamos a partir das análises uma mudança na forma de informar e de se informar, o que nos leva a concordar com Roxo e Melo (2018, p.14), que afirmam que não se trata de um ataque externo ao campo do jornalismo, mas da inserção de novos agentes nesse cenário complexo de práticas jornalísticas. Apoiando-nos na noção de *emulação*, que parece estar em acordo com as considerações dos referidos autores, foi possível identificar que não só ocorre uma inserção de novos agentes no cenário da prática jornalística, como esses novos agentes também *refratam e refletem* os próprios princípios que guiam essa *esfera de atividade humana*. A questão fundamental parece residir no *ato responsável* dos *sujeitos*, que *criam, divulgam e reafirmam* conteúdos de notícias falsas no ambiente jornalístico (jornais, televisão, rádio, tabloides etc.), estabelecendo uma *continuidade* marcada da *responsabilidade* desses sujeitos para cada enunciado. A partir do recorte feito, observamos que não há UM problema no tocante a esse objeto de análise, mas vários.

Temos assim a *responsabilidade* de quem realiza a *emulação* de um dado falso enquanto verídico. Os *sujeitos-candidatos*, nos casos analisados, reduzem, querendo eles ou não, a efetivação de uma disputa política transparente e honesta. Por sua vez, isso prejudica a eleição de um representante público em virtude de sua plataforma e projetos de campanha em um regime democrático. Certamente, não há a retirada da opção de voto, por um lado, mas, por outro, a decisão do eleitor, que não teve um ensino baseado na análise de práticas sociais nem uma *literacia digital* (como aponta Delmazo e Valente (2018)), acaba por ser baseada, em parte, em informações falsas.

O processo verificado nas análises foi seguinte: 1) o candidato enuncia um dado falso no meio de comunicação; e 2) o meio de comunicação não refuta o dado/alegação dita por um candidato. Sob o argumento de que “estamos apenas informando”, a leniência do

jornal, que também legitima o enunciado, é entendida, sob uma perspectiva bakhtiniana, como um ato *ativo e responsável*, como uma *atitude (postupok)*.

Esse trabalho que realizamos não incidiu sobre as redes sociais, ou seja, sobre os internautas que compartilham *fake news*, pois escolhemos como objeto de análise apenas as *fake news* faladas por candidatos à presidência do Brasil no ano de 2018 e, por isso, restringimo-nos, na medida do possível, a fazer reflexões e propor contribuições no tocante a esses eventos, sem realizar generalizações. Para realizar uma análise nessas redes, é necessário estudar essas plataformas e os processos de interação entre os sujeitos neste *ambiente*. Tal empreendimento é frutífero e importante para o campo das ciências sociais, pois, por exemplo, é chamativa a escolha feita pela plataforma Twitter em apagar uma postagem do atual presidente do Brasil, em 2020, alegando que o conteúdo da postagem era falso, sendo que tal ação não ocorreu durante o período eleitoral de 2018 e não resultou em nenhuma punição penal ou administrativa para esse sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. "Social Media and *Fake news* in the 2016 Election". *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, Spring/2017. p. 211- 236. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 27 abr. 2018.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ASSIS, J. C (BRASIL 247). A mais descarada *fake news* da campanha eleitoral. Matéria publicada em 2 set. 2018. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/a-mais-descarada-fake-news-da-campanha-eleitoral>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BAKHTIN, M. M. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. *Questões de estilística no ensino de língua*. Trad., posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Para uma Filosofia do Ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de BAKHTIN, Mikhail. *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993.

BAND JORNALISMO (YouTube). *Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL [corpus 1]*. Programa exibido em 9 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BARBOSA, M. L.V. *Os companheiros*. Artigo publicado em 8 dez. 2001. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaio/os-companheiros-372991.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BARRAGÁN, A. (EL PAÍS (BRA)). *Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro*. Publicada em 19 out. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html). Acesso em: 19 mar. 2020.

BARROS, M. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record 3.ed., 1996

MENGER, J. B. Signo ideológico e enunciado na construção e disseminação de *fake news*: uma possibilidade de análise do fenômeno sob o viés bakhtiniano. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 2, p. 136-155, 18 dez. 2019.

BETIM, F. (EL PAÍS). *URSAL, ou só Daciolo (e os memes) conseguem unir as esquerdas no Brasil*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/politica/1534409995\\_060445.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/16/politica/1534409995_060445.html). Publicada em 17 ago. 2018. Acesso em 28 mar. 2020.

BOLSONARO, J. Discurso proferido em plenário no dia 30/11/2010 às 14:56. IN: BOLSONARO, C. *BOLSONARO ALERTA AOS PAIS: Governo Quer Transformar Seu Filho em Homossexual*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0OqRRUfH6Rs>. Acesso em: 16 set. 2020.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)*, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012.

BRASIL. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos LGBT*. Brasília. 2009. Disponível em: <http://www.arco-iris.org.br/wp-content/uploads/2010/07/planolgbt.pdf>. Acesos em: 26 set. 2020

CARTA CAPITAL. Ao Jornal Nacional, Bolsonaro inventa '9º Seminário LGBT Infantil'. Matéria publicada em 28 ago. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-globo-bolsonaro-distorce-fatos-e-cria-o-9o-seminario-lgbt-infantil/>. Acesso em: 17 set. 2020.

\_\_\_\_\_. *Você sabe o que é o Foro de São Paulo?*. Matéria publicada em 24 nov. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/Politica/voce-sabe-o-que-e-o-foro-de-sao-paulo-7773/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CEARÁ (BRASIL). Assembléia Legislativa do Estado. Memorial. Deputado Pontes Neto. *Deputados Estaduais: 23ª Legislatura 1991-1994/ Assembléia Legislativa do Estado do Ceará*. – Fortaleza: INESP, 2006, p. 227. ISBN: 85–87764-73-X

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira. 3 ed. Vozes: Petrópolis, 1998.

COLLETA, R. D. (FOLHA de São Paulo - UOL). *Bolsonaro concede a Olavo de Carvalho condecoração igual à de Mourão e Moro*. Publicada em 1 mai. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/bolsonaro-concede-a-olavo-de-carvalho-condecoracao-igual-a-de-mourao-e-moro.shtml>. Acesso em: 17 mar. 2020

CONGRESSO EM FOCO. *Kit gay nunca foi distribuído em escola; veja verdades e mentiras*. Matéria publicada em 11 de jan. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/kit-gay-nunca-foi-distribuido-em-escola-veja-verdades-e-mentiras/>. Acesso em: 26 set. 2020

DAWKINS, R. *O gene Egoísta*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007[1976].

DARNTON, R. (NYR Daily). *The true history of Fake news*. Published on 13 Feb. 2017. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of-fake-news/>. Acesso em: 17 mar. 2020

DE BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. v. 1 e 2. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CASTRO-DIAS, F. L. Apontamentos sobre uma memória dialógica. *Graduando – Revista Acadêmica da Graduação em Letras*, v.11, n.14, p. 41-58, 2020.

\_\_\_\_\_; VILLARTA-NEDER, M. A. Vozes da mídia, vozes na mídia: uma análise a partir do conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin. *Revista Crátulo*, v. 11, n. 1, p. 129-144, 2018.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. *Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques*. *Media & Jornalismo*, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DÍAZ, M.; CHINAGLIA, M.; DÍAZ, J. *Projeto escola sem homofobia: "Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras"*. Replatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva: 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1D5pZnJb8I7yJr1atZOhWWUqVupRdUKZ/view?usp=sharing>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DOMENACH, J. P. *A propaganda política*. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 2001 [1950]. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/proppol.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

DREIFUSS, R. A. *1964, a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1987.

EKMAN, P. *Telling lies: Clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage (revised edition)*. WW Norton & Company, 2009 [1985].

ENGLISH OXFORD living dictionaries. *Word of the Year 2016 is...* 2016. Disponível em: <https://goo.gl/jYmb1Q>. Acesso em: 22 mar. 2017.

EXTRA. *É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' e que Câmara realizou seminário LGBT infantil*. Matéria publicada em 29 de outubro de 2018a. Disponível em: <https://extra.globo.com/fato-ou-fake/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-que-camara-realizou-seminario-lgbt-infantil-23197485.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

\_\_\_\_\_. *Veja o que é #FATO ou #FAKE nas entrevistas de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional e para o Jornal das Dez*. Matéria publicada em 29 agosto de 2018b. Disponível em: <https://extra.globo.com/fato-ou-fake/veja-que-fato-ou-fake-nas-entrevistas-de-jair-bolsonaro-para-jornal-nacional-para-jornal-das-dez-23020314.html>. Acesso em: 17 set. 2020.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-19852007/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FEITOSA, C. (Revista Cult – UOL). *Pós-verdade e política*. Publicada em 19 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>. Acesso em: 17 mar. 2020

FERREIRA, H. M.; VILLARTA-NEDER, M. A. Textualização e Enunciação em texto multimodal: análise do vídeo de animação Escolhas da Vida. *Revista Prolíngua*. v. 12, n. 2, p. 69-83, 2017.

FERREIRA, R. R. Rede de mentiras: a propagação de *fake news* na pré-campanha presidencial brasileira. *Observatorio (OBS\*)*, v. 12, n. 5, 2018.

G1 (JORNAL NACIONAL). *Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional*. Entrevista publicada no dia 28 ago. 2018, meio digital. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2020

GAZETA DO POVO. *“Kit Gay”: o que é mito e o que é verdade*. Matéria publicada em 16 out. de 2018, meio digital. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/kit-gay-o-que-e-mito-e-o-que-e-verdade-b60i8lo4osb19tsf2du8bmr54/>. Acesso em: 22 set. 2020

GOMES, C. *Ciro Gomes na UNAR, em Araras - SP (14/11/2017)*. Canal Progressista (Youtube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CykG88SsniE>. Acesso em: 18 dez. 2020.

GONÇALVES, J. J. S. B; SOUZA, L. E. S. (OUTRASPALAVRAS). *URSAL e a ignorância sobre política externa*. Matéria publicada em 28 ago. 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/ursal-e-a-ignorancia-sobre-politica-externa/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GRAGNANI, J. (BBC NEWS - BRASIL). *Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp*. Publicada em 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>. Acesso em: 17 mar. 2020

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGE). *Palavras e contrapalavras. Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. 2. Ed. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013.

HALL, S. *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Trad. RESTREPO, Eduardo; WALSH, Catherine; VICH, Víctor. Bogotá: Envi3n, 2010.

H3MBERG, W. *Fontane als Journalist: "Fake news" auf Preu3isch*. Ver3ffentlichung getan am 30.03.2019. Dispon3vel em:  
[https://www.wienerzeitung.at/nachrichten/kultur/literatur/2002585-Fontane-als-Journalist-Fake-News-auf-Preussisch.html%3Fem\\_no\\_split%3D1?em\\_no\\_split=1](https://www.wienerzeitung.at/nachrichten/kultur/literatur/2002585-Fontane-als-Journalist-Fake-News-auf-Preussisch.html%3Fem_no_split%3D1?em_no_split=1). Acesso em: 22 dez. 2020.

iG S3o Paulo. *Fake news marcaram as elei33es de 2018; relembre as 10 mais emblem3ticas*. Publicada em 20 out. 2018. Dispon3vel em:  
<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-10-29/10-fake-news-das-eleicoes.html>. Acesso em: 17 mar. 2020.

JN - JORNAL NACIONAL (GLOBO). *Jornal Nacional, 3ntegra 30/09/2020*. Dispon3vel em:  
<https://globoplay.globo.com/v/8905947/programa/?s=57m24s>. Acesso em: 02 out. 2020.

\_\_\_\_\_. *Jornal Nacional, 3ntegra 28/08/2018*. Dispon3vel em:  
<https://globoplay.globo.com/v/6980198/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2006.

LUPA (2019). *Kit gay, semin3rio LGBT infantil e lei do incesto: exemplos de desinforma33o sobre educa33o sexual no Brasil*. Mat3ria publicada em 19 nov. 2019. Dispon3vel em:  
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/19/kiy-gay-coletanea/>. Acesso em: 17 set. 2020.

\_\_\_\_\_. (2018). *Erros e acertos de Jair Bolsonaro no Jornal Nacional e no Jornal das 10*. Mat3ria publicada em 28 ago. 2018. Dispon3vel em:  
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/28/jair-bolsonaro-tv-globo/>. Acesso em: 30 set. 2020.

MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. 2013.

MOTTA, R; P. S. Anticomunismo, antipetismo e o giro direitista no Brasil. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto Lázaro; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane (Ed.). *Pensar as direitas na América Latina*. Alameda, 2019.

NASSIF, L. (JORNAL GGN). *Guerra de informações envolve advogados tucanos e até 'fake news' de Álvaro Dias*. Publicada em 3 out. 2018. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/eleicoes/guerra-de-informacoes-envolve-advogados-tucanos-e-ate-fake-news-de-alvaro-dias/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

NOVA ESCOLA. *Livro exibido por Bolsonaro faz parte de "kit gay"?*. Matéria publicada em 30 ago. 2018. Digital. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12465/livro-exibido-por-bolsonaro-nao-faz-parte-de-kit-gay>. Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA, R. J.; DIAS, F. L. C.; VILLARTA-NEDER, M. A. Entre a palavra alheia e a palavra minha: constituição e refração do signo ideológico no circuito da cadeia enunciativa. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

O GLOBO. *Livro citado por Bolsonaro no Jornal Nacional não foi distribuído em escola*. Matéria publica em 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/livro-citado-por-bolsonaro-no-jornal-nacional-nao-foi-distribuido-em-escola-23021610>. Acesso em: 26 set. 2020.

O TEMPO. *TSE determina que Bolsonaro remova vídeos sobre 'kit gay'*. Matéria publicada em 16 out. 2020. Digital. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/tse-determina-que-bolsonaro-remova-videos-sobre-kit-gay-1.2055239>. Acesso em: 25 set. 2020.

PAULA, L.; LOPES, A. C. S. A EUGENIA DE BOLSONARO: LEITURA BAKHTINIANA DE UM PROJETO DE HOLOCAUSTO À BRASILEIRA. *Revista Linguasagem*, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020.

PAULA, L.; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 179-180, jan./jun. 2017.

PEROTTI, D. (FOLHA DE SÃO PAULO). *Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ural em 2001 como ironia*. Matéria publicada em 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PHILLIPS, D. (THE GUARDIAN). *Brazil battles fake news 'tsunami' amid polarized presidential election*. 10 oct. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/oct/10/brazil-fake-news-presidential-election-whatsapp-facebook>. Acesos em: 7 jun. 2018.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 9-38.

POTTER, J. (1996). *Representing Reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction*. London: Sage.

PROGRAMA MATUTINO. *BIENVENIDOS*. Santiago (Chile): Canal 13, 29 nov. 2019. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sADgrBgCwk0>. Acesso em: 24 dez. 2020.

RAMOS, F. *Mas afinal - o que é mesmo documentário?*. Senac, 2008

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RIBEIRO, N. B. *Entrecruzamento de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino*. Campinas: São Paulo, [s.n.], 2005. Disponível em: [http://200.239.66.58/jspui/bitstream/2011/9822/1/Tese\\_EntrecruzamentosGenerosDiscursivos.pdf](http://200.239.66.58/jspui/bitstream/2011/9822/1/Tese_EntrecruzamentosGenerosDiscursivos.pdf). Acesso em: 10 mar. 2021.

ROCHA, G. L. *PROPAGANDA POLÍTICA: AS LEIS DE DOMENACH NA PRÉ-CAMPANHA PRESIDENCIAL DE LULA E BOLSONARO EM 2018*. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018. 66 p.

ROXO, M. A.; MELO, S. Hiperjornalismo: uma visada sobre *fake news* a partir da autoridade jornalística. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-19, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID30572.

R7. *Ministério da Educação desmente Bolsonaro sobre distribuição de livro de sexualidade nas escolas*. Matéria publicada em 15 de janeiro de 2016. (digital). Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/ministerio-da-educacao-desmente-bolsonaro-sobre-distribuicao-de-livro-de-sexualidade-nas-escolas-15012016>. Acesso em: 25 set. 2020.

SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). *Íntegra - SBT Brasil - 04 de fevereiro - 1ºbloco*. Programa televisionado no dia 04 fev. 2014, 27 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yxSr0ht8vgM>. Acesso em: 13 set. 2020

SCHUDSON, M. Question authority: A history of the news interview in American journalism, 1860s –1930s. *Media, Culture & Society*, v. 16, n. 4, p. 565-587, 1994.

SCHREIBER, M. (BBC NEWS – BRASIL). *Eleições 2018: elite de esquerda era maioria em protesto #EleNão contra Bolsonaro em SP, aponta pesquisa da USP*. Publicada em 1 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45702409>. Acesso em: 18 abr. 2020.

STAFUZZA, G. B. Contribuições do pensamento do Círculo de Bakhtin para os estudos discursivos contemporâneos: o discurso machista na mídia humorística feminina. In: PAULA, L. de. *Discursos em perspectiva: humanidades dialógicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

STAM, R. *Film theory: an introduction*. John Wiley & Sons, 2000.

TARDÁGUILA, C.; BENEVENUTO, F.; ORTELLADO, P. (NEW YORK TIMES) *Fake news Is Poisoning Brazilian Politics. WhatsApp Can Stop It*. 17 oct. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html>. Acesso em: 7 jun. 2018

UOL. *Cabo Daciolo diz que vai ganhar eleição no primeiro turno*. Matéria publicada em 25 set. 2018 (digital). Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000933081/cabo-daciolo-diz-que-vai-ganhar-eleicao-no-primeiro-turno.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

VAIANO, B. (Superinteressante). *Guia Super da Ursa*. Matéria publicada em 13 ago. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/guia-super-da-ursa/>. Acesso em: 28 de mar. 2020.

VEJA (2018a). *Livro de educação sexual criticado por Bolsonaro volta às livrarias*. Matéria publicada em 11 set. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/livro-de-educacao-sexual-criticado-por-bolsonaro-volta-as-livrarias/>. Acesso em: 26 set. 2020

VEJA (2018b). *Citado por Bolsonaro na Globo, 'Seminário LGBT Infantil' nunca ocorreu*. Matéria publicada no dia 29 ago. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/citado-por-bolsonaro-na-globo-seminario-lgbt-infantil-nunca-ocorreu/>. Acesso em: 17 set. 2020

VILLARTA-NEDER, M. A. Verbivocovisualidade no documentário “Histórias de quando a água chegou”: ato responsável e diálogo na constituição intersemiótica. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 48, n. 3, p. 1657-1672, 2019.

VILLARTA-NEDER, M. A. (2018). *GEDISC: memória do passado e memória do futuro*. Conferência na I Jornada do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin. GEDISC: Universidade Federal de Lavras. Lavras/MG.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da ciência da linguagem*. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheilla Grillo – São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. Org., trad. e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. 1929. Trad. Tatiana Bubnova. Buenos Aires, Ediciones Godot, 2009.

WEINRICH, H. *Linguística da Mentira*. Tra. Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. Santa Catarina: UFSC, 2017 [1966].

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Getting your workplace ready for COVID-19*. Published on 19 mar. 2020 and updated 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/advice-for-workplace-clean-19-03-2020.pdf>. Acesso em: 24 apr. 2020.

3M (Science Applied to Life) <sup>TM</sup>. *3M State of Science Index: 2018 global report*. Disponível em: <https://multimedia.3m.com/mws/media/1515295O/presentation-3m-state-of-science-index-2018-global-report-pdf.pdf>. Acesso em: 19 dec. 2020.